

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

WELLINGTON GUSTAVO PEREIRA

INFÂNCIA, DE GRACILIANO RAMOS: UM RELATO
DENTRO DO PERÍODO PÓS-ABOLIÇÃO

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós Graduação em Teoria
Literária e Literatura Comparada da
FFLCH – USP

Orientador: Joaquim Alves de Aguiar

São Paulo – 2010

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, a base sólida de tudo: Cícero e Maria Luiza.

Ao meu melhor amigo, grande referência e irmão Alexandre.

À grande companheira Fernanda, a sem igual menina de Santos.

À grande pesquisadora e amiga, Jane.

À professora Yêdda Dias Lima, incentivadora e primeira orientadora.

Às amigas Fabiana Garcia e Sandra.

À professora de francês Daniela.

A todos os meus ancestrais, afrodescendentes que não serão apagados da história.

RESUMO

Este trabalho busca situar a questão racial em Graciliano Ramos, mais especificamente, no livro de memórias *Infância*. A partir de alguns capítulos selecionados, será possível mostrar como o escritor foi capaz de abordar o tema e analisar a situação social e econômica dos negros na passagem do século XIX ao XX, período pós-abolição da escravidão no Brasil. Para reforço da questão principal, o texto aborda o levantamento do assunto no restante da obra de Graciliano Ramos; a interação com a crítica do livro de memórias; a apresentação das idéias de alguns pesquisadores especializados no problema racial brasileiro. As imagens da criança negra, da mulher, do homem e, inevitavelmente, do mestiço são comparadas às imagens similares criadas por outros ficcionistas brasileiros. Por último, numa perspectiva das diferenças culturais entre países, algumas situações estão levemente confrontadas com a biografia do educador Booker Washington, nascido nos Estados Unidos, cujo livro foi traduzido para o português pelo escritor alagoano.

Palavras Chave: Graciliano Ramos, Infância, Memorialismo, Pós-Abolição, Racial.

ABSTRACT

This paper seeks to locate the racial issue at Graciliano Ramos, more specifically, in the memoir book *Childhood*. From some selected chapters, it is possible to show how the writer was able to approach the issue and to analyze the black people's social and economic situation at the transition from the nineteenth to the twentieth century, the post-abolition of slavery in Brazil. To reinforce the main issue, this study rises the subject in the rest of Graciliano Ramos work, interacts with the memoir book critique, and, presents some specialized researchers ideas about the racial problem in Brazil. The images of the black child, woman, man and, inevitably, the mulatto are compared to similar images created by others brazilians novelists. Finally, in a perspective of cultural differences between countries, some situations slightly confront Booker Washington's biography, the educator born in the United States, whose book was translated into Portuguese by the writer from Alagoas.

Key-words: Graciliano Ramos, Childhood, Memoir, Post-Abolition, Racial.

RÉSUMÉ

Ce travail cherche à localiser la question raciale chez Graciliano Ramos, plus spécifiquement, dans le livre de mémoires *Enfance*. A partir de quelques chapitres choisis, il sera possible de montrer comment l'écrivain a été capable d'aborder le thème et d'analyser la situation sociale et économique des noirs entre le XIX^{ème} siècle et le XX^{ème} siècle, période après l'abolition de l'esclavage au Brésil. Pour renforcer la question principale, le texte aborde le soulèvement du sujet dans les autres oeuvres de Graciliano Ramos; l'interaction avec la critique du livre de mémoires; la présentation des idées chez les chercheurs spécialisés au problème racial brésilien. Les images de l'enfant noir, de la femme, de l'homme et, inévitablement, du métis sont comparés avec la biographie de l'enseignant Booker Washington, né aux États-Unis, dont le livre a été traduit au portugais par l'écrivain d'Alagoas.

Mots Clé: Graciliano Ramos, Enfance, Mémorialisme, Après l'abolition, Racial.

ÍNDICE

Introdução: As maneiras de ver <i>Infância</i>	06
Capítulo I: Criança negra, alguns olhares	12
Moleque José.....	14
Uma terra de meninos.....	29
Capítulo II: A salvação das mulheres negras	31
Um incêndio.....	32
Meu avô.....	42
Não aceitar e tentar suportar.....	58
Capítulo III: Quem é o homem negro?	61
Escola.....	64
O direito de fugir de um estereótipo.....	82
Capítulo IV: Professores improvisados e intermediários	84
Adelaide.....	85
Um novo professor.....	104
Sem identidade, inserção tempestuosa.....	115
Conclusão: O mundo dentro da experiência particular	118
Bibliografia	122

INTRODUÇÃO

AS MANEIRAS DE VER INFÂNCIA

O objeto de estudo desta dissertação de mestrado é a obra *Infância* de Graciliano Ramos, vista por um recorte preocupado com as relações raciais brasileiras, visando à articulação de uma problemática constante na obra, já apontada pela crítica, e à análise de capítulos do livro onde são demonstradas e discutidas as situações do negro no período pós-escravidão oficial no Brasil.

A constante atribuída à *Infância*, identificada como fator recorrente em toda a obra de Graciliano Ramos, é o que se pode simplificar para efeito de compreensão e inicialmente chamar de desencantamento com os homens e a sociedade. Tal processo é complexo. Na teoria, a síntese da sensibilidade e do conhecimento adquirido; na prática, uma atitude de desmascarar pessoas e crenças sociais. Ações fortes: sentir, racionalizar e aprender. Aprendizagem para si e oferecida ao leitor. Na recepção crítica acompanhada existe a afirmação de que em *Infância* está a gênese do senso crítico notório em todo percurso literário do autor, vendo o menino como embrião do homem que se tornou. De forma generalizada, a crítica aponta para a injustiça e a violência que marcam a criança dotada de uma sensibilidade poderosa, assim como formam, posteriormente, a conduta de denúncia do escritor: mesmo ao fazer relatórios como prefeito de Palmeira dos Índios, escrevendo crônicas em jornais, nos seus romances ou em livros de memórias.

Entendidas as premissas que permeiam qualquer leitura de *Infância*, o que coloca o livro na possibilidade de literatura atemporal e com elevado alcance, torna-se relevante pensar uma função social¹ executada pela obra no que diz respeito ao seu vínculo com um período histórico determinado. A abordagem visa criar um espaço diferente e dialogar com a crítica literária já comentada, na qual a obra é estudada para demonstração das opressões no âmbito familiar e escolar, para apreender melhor a constituição dos personagens ficcionais de Graciliano Ramos e o seu próprio modo de ser. A direção a ser tomada agora pretende adicionar interpretações de problemas raciais existentes no Brasil no momento em que oficialmente está abolida a escravidão no país.

¹ “Sobre os conceitos de Função Social e Total”. Cf: CANDIDO, Antonio. Estímulos da Criação Literária. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000, p.40-41.

A dinâmica da análise é desencadeada pelo contraste entre a visão do personagem central, agente nos conflitos, ao qual se chama de eu-criança, e do narrador adulto, identificado como eu-adulto. De um lado, os impulsos de um meio racista e repleto dos camuflados conflitos brasileiros, do outro, os questionamentos do narrador que não aceita as ideologias autoritárias e a exploração do trabalho entre os homens, aspecto que em consequência desumaniza gradualmente exploradores e explorados. A obra cobre os anos de 1894 a 1904 e foi publicada em 1945, fim da segunda guerra mundial. Portanto, além de ter como matéria-prima eventos muito próximos às grandes discussões nacionais de raça e igualdade, tem ainda seu surgimento estabelecido em um universo de ideologias autoritárias como o nazismo e o fascismo.

É um romance brasileiro de formação. Mesmo em contextos diferentes, existem várias similaridades entre as afirmações de Luckács² sobre *Wilhelm Meister* de Goethe e as que serão feitas aqui sobre as aprendizagens alcançadas pela consciência de Graciliano Ramos. Guardadas as peculiaridades históricas, o narrador é o resultado e observador crítico das lutas de classe em uma sociedade burguesa, iniciante no trabalho livre e na República.

A convergência está justamente na noção de que os ideais humanistas só têm valor na prática, na realidade objetiva. Mesmo sabendo que a “prosa da sociedade capitalista” vencerá a “poesia dos ideais”. O que só existe na idéia entra em confronto com o real, e, deste embate, é que se desenvolve a personalidade. Aqui, as memórias são entendidas como romance, dentro da concepção de Bakhtin³, na qual o romance é uma forma elástica, abrangente e, portanto, multifacetada. O romance é capaz de carregar vários gêneros textuais em si: cartas, notícias, poemas, confissões, entre outros.

Conforme afirma Cláudio Leitão⁴, Graciliano Ramos traduziu *Memórias de um negro*⁵ de Booker T. Washington no mesmo período em que escreveu *Infância*. O paralelo entre a infância nordestina de Ramos e o relato de vida do norte-americano Washington é inevitável. Embora diferentes, em estilo, contexto e comprometimento racial, as duas obras retratam o período pós-abolição em grandes sociedades do

² LUKÁCS, Georg. Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister. In: GOETHE, Johann, W.. *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*. São Paulo: Editora Ensaio, 1994.

³ BAKHTIN, Mikhail. Epos e Romance. In: _____. *Questões de Literatura e de Estética (A teoria do romance)*. São Paulo, Editora Unesp/Hucitec, 1988.

⁴ LEITÃO, Cláudio. *Líquido e incerto : memória e exílio em Graciliano Ramos*. Niterói; São João del-Rei : EdUFF, Editora da Universidade Federal Fluminense: UFSJ, Universidade Federal de São João del-Rei., 2003.

⁵ WASHINGTON, Booker Taliaferro. *Memórias de um negro*. Tradução de Graciliano Ramos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

continente americano. Inúmeros aspectos aproximam os dois livros, tais como: a quebrada genealogia dos negros; condições de moradia; adesão ao cristianismo; relações com os antigos proprietários de escravos; sentimentos de ódio; inserção na cultura do trabalho livre; ascensão social do ex-escravo. Além disso, tratam-se de relatos reveladores, cada qual pela sua trajetória pessoal retratada, sobre o funcionamento dos sistemas educacionais de suas épocas.

Nascido escravo, quando criança Booker Washington acompanhou atentamente as notícias da guerra civil entre o sul e o norte que culminou na abolição da escravidão nos Estados Unidos. Sua luta por educação foi extraordinária e na autobiografia não deixa de marcar em quais conceitos acreditava para melhorar a sociedade. O mérito, o ensino profissionalizante, a filantropia, o pacifismo e o cristianismo são as bases de Washington. Era um empreendedor, muitas vezes criticado por conciliar muito e não investir em reivindicações mais agressivas contra a opressão e a desigualdade racial do seu país, especialmente no sul. Como aspecto emocional de destaque, é impossível não salientar que sempre se lembra de sua infância como escravo. Em grandes discursos para milhares de pessoas, ao encontrar grandes autoridades americanas e viajar à Europa, nunca se esquece de suas condições iniciais de moradia, vestimenta, alimentação e dos esforços de sua mãe.

Sobre Washington, duas opiniões de Graciliano Ramos chamam bastante atenção: uma declaração sem discernimento no livro *O Velho Graça* e a relevante crônica publicada em *Linhas Tortas*. A primeira, sem a contextualização de sua origem, parece pouco analítica e informal.

(...) eliminara, sem piedade, períodos inteiros. E ainda vangloriava-se da façanha:
_O homem vinha direito, umas observações ótimas, de repente se estrepava todo. A todo instante, repetia idéias, usava palavras desnecessárias, fazia círculos de peru. Cortei uma infinidade de asneiras, e ainda ficaram muitas. Negro burro.⁶

Como tradutor, Ramos agia equivocadamente como corretor. Tal fato repetiu-se quando traduziu *A Peste* de Albert Camus. Por isso, a segunda opinião sobre Washington pode ser vista com maior relevância. Nesta crônica, que tem o nome do educador americano, o escritor deixa evidente suas discordâncias de algumas idéias

⁶ MORAES, Denis de. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996. p.266.

reforçadas em *Memórias de um negro*, contudo, faz a análise biográfica pesando o que considerava de positivo e negativo. Os aspectos positivos aproximam os dois homens, e, conseqüentemente, tornam compreensível a razão pela qual Graciliano aceitou traduzir o livro.

Booker Washington não era amigo das artes literárias e não via valor prático em conhecer latim ou grego. Apesar de sua “indigência interior” deixou “traços firmes da vida rural do seu país”, afirmou o brasileiro. O escritor alagoano admirava seu histórico de vida e honestidade. Ramos e Washington eram pessoas diferentes. Embora seco, Graciliano era um tipo imaginativo e contestador. Preocupado com a língua, assim resumiu o outro:

Contudo não enxergamos em Booker Washington um egoísta. Era um sujeito de ação, muito hábil. Nos Estados Unidos tomou lugar, naturalmente entre os negros. E forçou-os a trabalhar com desespero, enquanto esfolava os brancos. Desejava dar ao preto independência econômica. O grego, o latim, as artes, as ciências, todos os enfeites internos de que ele próprio tinha vaga notícia, viriam depois.⁷

Graciliano Ramos ajudou a divulgar no Brasil o homem que foi: escravo, operário, aluno e professor do Instituto Hampton, fundador, professor e administrador de um instituto de educação para negros no Alabama. Retirar dinheiro dos brancos sem violência, fazendo discursos e clamando pela filantropia; “dar aos negros a independência econômica”. Estes fortes conceitos que impulsionaram Booker Washington devem ter provavelmente afetado as reflexões do narrador adulto de *Infância* quando se lembrou dos tantos negros que conheceu quando criança. As memórias de infância de Graciliano Ramos têm capítulos com discussões pontuais sobre os conflitos e a coexistência entre negros e brancos brasileiros: “O moleque José”, “Um incêndio”, “Meu avô”, “Escola”, “Adelaide” e “Um novo professor” serão os capítulos analisados com profundidade. Deste conjunto de seis capítulos, será possível dialogar com o restante da obra, com uma idéia de todo, marcando fatores que se repetem ao longo do livro e diferenciando questões propriamente raciais de outras tantas discussões, de diversas naturezas, propostas em *Infância*.

⁷ RAMOS, Graciliano. Booker Washington. In: _____ *Linhas Tortas*. Rio de Janeiro: Record, 1984. p.214.

Valores são aprendidos, duramente ou não. Um livro que cobre a infância de um escritor dificilmente irá deixar de ser um histórico da constituição dos seus valores. Sobre os negros, as imagens fazem pensar desde a situação da criança até o idoso. Existe o negro vingativo, o conformado, o que foge aos padrões esperados e aquele que não aceita ser afrodescendente. A distribuição dos capítulos da tese por temáticas é fundamental para que os leitores tenham consciência da forma multifacetada com a qual o autor enfrenta o assunto. O abrangente conjunto de características apresentadas no livro de memórias só reforça, também neste assunto, a profunda contribuição humanista do escritor alagoano.

Significantes percepções do texto contribuem para afirmar que Graciliano Ramos dá um tratamento diferenciado à situação do negro, ao menos na literatura brasileira da qual é contemporâneo. São elas: a total impossibilidade de cogitar um estágio superior da cultura do homem branco; pouco ou nenhum interesse sexual pela mulher negra ou mulata; de forma geral, a negação dos estereótipos em favorecimento da investigação dos componentes individuais. Em síntese, a cultura do homem branco é a cultura de seu pai, dos seus antepassados. Estes, outros homens brancos como ele, o influenciaram positiva e negativamente, mas estão longe de ser um modelo acabado e infalível de qualquer coisa. Por outro lado, a mulher negra não é seu objeto de descrições calorosas e sugestivas, tais quais fizeram escritores como Jorge Amado e José Lins do Rego. E ainda, não menos importante, é a sua vontade de entender e comparar os homens, levar em conta fatores que condicionam suas decisões e seus medos, na busca por “trepar” socialmente, manter o status conquistado ou sobreviver.

O primeiro capítulo do livro, chamado “Nuvens”, é o relato daquela que o narrador “eu-adulto” reputa ser a primeira memória que possui. Uma imagem sem nitidez, distorcida, que vai ganhando contornos e sendo explicada ao leitor. Nesta introdução, já estão presentes componentes determinantes na narrativa: o ambiente escolar, a figura dos pais, personagens como Amaro Vaqueiro, Sinha Leopoldina⁸, a irmã natural Mocinha e José Baía.

A questão racial não é problematizada ainda, mas já existe certa referência ao modelo de sociedade patriarcal do pós-abolição, onde os negros vivem marginalmente, servindo ainda, numa posição híbrida entre escravo e pessoa livre pobre.

⁸ “Sobre a grafia da palavra Sinha, sem acento”. Cf: MATTALIA, Eliane Jacqueline. Rente ao chão do texto. In: VÁRIOS. *Teresa revista de Literatura Brasileira* 2. São Paulo: Editora 34, 2001, p.178.

O vozeirão que as comandava perdia a aspereza, um riso cavernoso – e os perigos ocultos em todos os recantos fugiam, deixavam em sossego os viventes miúdos: alguns cachorros, um casal de moleques, duas meninas e eu. De repente surgiu a terceira irmã, insignificância nos braços de sinha Leopoldina. Não fiz caso disso.⁹

O “vozeirão” citado faz referência à figura dos pais, especialmente Sebastião Ramos, instável patriarca que luta por ascensão social. Os “viventes miúdos” vão desde o próprio eu-criança e suas irmãs até os animais e o “casal de moleques”. Os moleques são negros. Posteriormente, eles são identificados como sendo a Moleca Maria e o Moleque José, o segundo com papel central em um capítulo que pensa algumas questões de igualdade entre negros e brancos.

“Nuvens” tem o sentido simbólico dessas formas que vão mudando conforme a perspectiva de observação. Os pais, as coisas e os heróis entram nessa visão de constante mudança, e tudo depende de onde se vê. De certa forma, uma apresentação do que virá em toda obra, intercalando a visão da criança e do adulto, do que viveu os eventos e daquele que os lembra e reconta com sua experiência de vida. No percurso da narrativa, as imagens ou conceitos vão fixando-se e existem discussões sobre: a justiça, o trabalho, a morte, o nordeste, a escola, a instabilidade da figura paterna e outras tantas. Entre tantas discussões pertinentes, que ascendem do indivíduo para pensar o coletivo, alguns capítulos dão importantes contribuições para pensar a presença dos negros no período pós-abolição.

Em linhas gerais, e sempre marcando a aprendizagem do eu-adulto, os capítulos serão analisados e relacionados aos seguintes pontos de vista: “Moleque José” trata a igualdade entre negros e brancos e a marginalização histórica da criança negra; “Um Incêndio” e “Meu avô” pensam sobre a religião e o valor social das pessoas, em especial as mulheres negras; “Escola” é a expressão da baixa expectativa sobre o homem negro; “Adelaide” e “Um Novo Professor” revelam conflitos raciais brasileiros, uma espécie de vingança negra e a estagnação social do mestiço, cuja subjetividade é fortemente deformada pela ideologia do branqueamento.

⁹ RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1995, p.12.

CAPÍTULO I

CRIANÇA NEGRA, ALGUNS OLHARES

Se já é complicada a construção da identidade de uma criança branca, sobrevivente em um meio violento e autoritário, o que dizer então da formação da identidade de um menino negro, sem figuras familiares próximas e que vive de favor no mesmo ambiente violento e autoritário.

Embora existam contestações sobre a total inexistência de um núcleo familiar estruturado por negros durante a escravidão, Graciliano Ramos oferece a imagem do menino negro por ele conhecido: abandonado à própria sorte e tornado útil pela disposição em ajudar ao proprietário branco de alguma forma. A criança negra que ronda o centro das atenções, vinda de uma posição marginalizada, neste quadro particular, é resultado de anos e anos das práticas escravistas. Graciliano Ramos é o escritor branco que entende a situação do menino negro por chaves bem definidas: o conhecimento prático da vida; exploração do seu trabalho; injustiça; falta de núcleo familiar.

Esta visão do escritor alinha-se às visões de Florestan Fernandes, Roger Bastide, Oracy Nogueira e outros renomados pesquisadores. Todos eles foram considerados equivocados por Robert W. Slenes¹⁰, ao apontar, por meio de registros do século XIX, antes da abolição, altos índices de casamentos entre negros e convivência de mães e filhos. Diferente da concepção de uma família escrava inexistente, separada, onde as crianças nem sequer sabiam quem eram seus pais.

A visão “patológica” da família escrava, na qual se apresenta a mulher negra com vários parceiros sexuais e sem uma solidariedade entre os afrodescendentes, será um suporte para apresentação do moleque José. Fica evidente que, para o escritor alagoano, existe um desajuste familiar que facilita a situação de fragilidade social da criança. Não só para ele, como para outros escritores do período, a figura do menino negro é simplesmente avulsa, servente e matreira.

Num movimento diferente, geral e não particular, Solano Trindade desloca a concepção do menino negro para um lugar mais acolhedor. Ao valorizar a beleza e os laços afetivos da família negra, expressa a possibilidade da criança negra ter nascido

¹⁰ SLENES, Robert W. *Lares Negros, Olhares Brancos: Histórias da família escrava no século XIX*. In, VARIOS. *Colcha de Retalhos*. Campinas: Unicamp, 1994.

fruto do amor e para ser aceita afetuosamente como é: criança em formação, e não, utilizável como grande objeto potencial, mão de obra barata que sustenta a sociedade brasileira.

Muleque, muleque
quem te deu este beijo
assim tão grandão?

Teus cabelos
de pimenta do reino?

Teu nariz
essa coisa achatada?

Muleque, muleque
quem te fez assim?

Eu penso, muleque
que foi o amor...¹¹

Muitos traços físicos, fora do padrão estético dominante, são exaltados no poema. O “beijo grande”, “os cabelos pretos e duros” e o “nariz achatado” não são características vistas até hoje como elementos de beleza, mas no poema são reforçadas como resultado do amor. Amor de negros escravizados e empobrecidos, amor daqueles que sonham superar uma luta social desfavorável, assumindo que são descendentes de africanos.

Graciliano Ramos, escritor interessado em aspectos psicológicos e na luta de classes, não vai falar do que não sentia. Solano Trindade é o escritor negro, dando voz ao sentimento do negro sobre si mesmo. Diferente do autor alagoano, que é o branco, analista crítico de tudo a sua volta, que enxerga o menino negro e honestamente vai refletir sobre a convivência entre dois universos opostos. Se alongasse muito suas considerações sobre o menino negro faria um exercício ficcional fora do seu estilo criativo, no qual a imaginação surge de situações marcantes observadas, sentidas, e, até mesmo, remoídas. Considerava que esta forma de criar era dominada, por exemplo, por José Lins do Rego, sobre quem escreveu em *Memórias do Cárcere*.

¹¹ TRINDADE, Solano. *Muleque*. Disponível em: http://www.interpoetica.com/solano_trindade.htm. Pesquisado em: 19/06/09 às 10:40.

Bem, os célebres mocambos que José Lins havia descrito em *Moleque Ricardo*. Conheceria José Lins aquela vida? Provavelmente não conhecia. Acusavam-no de ser apenas um memorialista, de não possuir imaginação, e o romance mostrava exatamente o contrário. Que entendia ele de meninos nascidos e criados na lama e na miséria, ele, filho de proprietários? Contudo a narração tinha verossimilhança. Eu seria incapaz de semelhante proeza: só me abalanço a expor a coisa observada e sentida.¹²

Sua postura é a postura do “eu”, seja eu-criança ou eu-adulto. Parte deste ponto para o restante. Embora possa discutir questões universais, da cultura e da sociedade do Brasil, ainda é do particular que fala. Existe um lado de onde vê as questões e isso não pode ser esquecido. Do mesmo modo, vindo a partir de suas convicções e vivências, será notório que outros escritores brasileiros também abordaram o tema do moleque (menino negro).

Embora os olhares de Robert Slenes e Graciliano Ramos não sejam equivalentes, visto que a base de discussão do último é a experiência particular, será possível ver “Moleque José” como um episódio que pode ser pensado em diversas frentes: com a dita visão “patológica” ou sem ela; centralizando somente na experiência do escritor (visão tradicional da crítica sobre *Infância*) ou tendo em vista fatores periféricos da obra, como é proposta deste estudo.

MOLEQUE JOSÉ

Entre as várias definições de “Moleque”, predomina o conceito do caráter negativo da pessoa. Isso está presente pela simples oposição entre a definição de “Homem”, ser adulto e responsável, em comparação com a idéia de um ser masculino infantilizado, sem responsabilidade, e, portanto, pouco confiável. Embora, no uso corrente da sociedade brasileira contemporânea, o termo não seja vinculado ao período da escravidão, será possível verificar sua existência específica em alguns autores brasileiros. Ao menos no século XIX e início do século XX, usar o termo “Moleque” servia para designar o menino negro, conhecedor da rua, agredido passivamente pelo filho do seu patrão/dono, utilizado e comandado pelo Senhor de Engenho ou por figura similar, na estrutura daquela sociedade.

¹² RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. Martins: Rio de Janeiro, 1954. 4ª p. 35

Definir o que é “Moleque” não é a intenção deste trabalho, entretanto, será importante partir de algumas tentativas de definição sobre o assunto para enriquecer a interpretação da narrativa. Para Câmara Cascudo “Muleke”, em quimbundo (língua original de Angola), significa simplesmente rapaz, rapazola. No Brasil, posteriormente, derivou para “homem sem dignidade, que não honra compromissos”¹³. A origem e a derivação observadas já estabelecem um vínculo africano importante, com julgamentos de valor, que dão consciência de que a identificação feita por estrangeiros brancos gerou novas associações de sentido. Em um enfoque literário, mas não menos valioso, Aluísio Azevedo, pela fala de um dos seus personagens, demonstra que essa designação estabelecia barreiras sociais e étnicas em vigor por séculos.

Não cochilava com os seus escravos. Na roça era temido até pelo feitor; um pouco devoto e cheio de escrúpulos de raça. “Preto é preto; branco é branco! Moleque é moleque; menino é menino!” E estava sempre a repetir que o Brasil teria ganho muito, se perdesse a Guerra dos Guararapes.¹⁴

Evidentemente, os termos “Preto” e “Branco” são para os adultos, enquanto que “Moleque” e “Menino” são para as crianças, expressando nitidamente a idéia de que, além de diferenciar adultos de crianças, era imprescindível discriminar brancos e negros. O lamento sobre a Guerra dos Guararapes é uma crítica ao fato do Brasil ter ficado entregue ao permissivo, embora cruel, jeito português de administrar as miscigenações. A maior aceitação da mestiçagem por parte dos portugueses foi bem apontada por grandes autores como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda.¹⁵

Em *Infância* não será encontrada uma definição de “Moleque” ou “Moleca”. Lá está presente o levantamento do choque de sentimentos diversos, no contato inevitável que a sociedade segregante proporciona. Entretanto, conforme pesquisa com os originais da obra, feita por Eliane Jacqueline Mattalia¹⁶, o primeiro nome do capítulo era apenas “José”, sem o uso do termo “Moleque”, fato que expressa uma preocupação em enfatizar essa idéia racial. O termo era muito marcante, assim sendo, quando o

¹³ CASCUDO, Câmara. *Dicionário de folclore brasileiro*. Belo Horizonte : Itatiaia, 1988.

¹⁴ AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato*. São Paulo: Martin Claret, 2007.p.80.

¹⁵ “Sobre influências da cultura portuguesa na formação brasileira”. Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes Do Brasil*. Rio De Janeiro: Jose Olympio, 1977. Cf. FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. São Paulo: Global, 2004.

¹⁶ MATTALIA, Eliane Jacqueline. *Op. cit.*.

escritor alagoano faz menção à infância escrava de Booker Washington¹⁷, o chama de “moleque”.

É válido reafirmar que a contribuição da narrativa de Graciliano Ramos está na junção da apresentação dos fatos, reconstruídos da infância, com a análise crítica como um movimento simultâneo, que quase não permite um afastamento entre o que está acontecendo e o que está sendo pensado. São sempre duas impressões caminhando juntas, nem sempre discordantes. O presente trabalho está fundamentado na análise dos dois pontos de vista expostos, e no resultado final apreendido pelo narrador.

Em perspectiva estrutural, para parafrasear o capítulo “Moleque José”, é importante dividir o texto em três partes: a primeira trata da origem sócio-histórica do menino negro. Em seguida, a relação do eu-criança com esse moleque chamado José, e, por último, a lição valiosa sobre a justiça, da qual surge a grande questão do texto para o narrador. Dentro do livro, seguindo uma interpretação que vê a obra como uma construção de imagens e noções pelo eu-criança, em conjunto com a problematização e os sentimentos do eu-adulto, verifica-se que “O Moleque José” pertence ao momento em que já estão melhor definidas as pessoas que circundam o menino Graciliano. O eu-criança, por exemplo, já reconhece uma figura de poder e violência em seu pai Sebastião Ramos, ao mesmo tempo em que o eu-adulto desmonta-o e apresenta suas contradições.

A introdução do capítulo mostra a preocupação do autor em contar as experiências de um ser histórico, fruto de outras gerações e suas relações de trabalho. No caso do Moleque José, isso significa falar sobre escravidão.

A preta Quitéria engendrou vários filhos. Os machos fugiram, foram presos, tornaram a fugir – e antes da abolição já estavam meio livres. Sumiram-se. As fêmeas, Luísa e Maria, agregavam-se à gente de meu avô. Maria, a mais nova, nascida forra, nunca deixou de ser escrava. E Joaquina, produto dela, substitui-a na cozinha, até que, mortos os velhos, a família não teve recurso para sustentá-la. Aí Joaquina se libertou. E casou, diferenciando-se das ascendentes. Luísa era intratável e vagabunda. Em tempo de seca e fome chegava-se aos antigos senhores, instalava-se na fazenda, resmungona, malcriada, a discutir alto, a fomentar a desordem. Ao cabo de semanas arrumava os picuás entrava na pândega, ia gerar negrinhos, que desapareciam comidos pela verminose ou

¹⁷ RAMOS, Graciliano. Booker Washington. In: _____ *Linhas Tortas*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

oferecidos, como crias de gato. Parece que só escaparam os dois recolhidos por meu pai.¹⁸

Graciliano Ramos não é afetivo com seus personagens, nem com ele mesmo, e, neste livro de memórias, não é afetivo também com a sua família. Neste trabalho não será possível fazer uma discussão sobre o uso dos termos “preta” e os adjetivos “intratável e vagabunda”. Deve-se discutir aqui a presença desses dados de ascendência no primeiro parágrafo do capítulo. O apontamento da origem familiar e histórica do menino negro não é gratuito e não pode ser dispensado da compreensão dos eventos que virão. O moleque José é neto da ex-escrava Quitéria, e os filhos de Quitéria viveram a transição entre a escravidão e a abolição. O comportamento oscilante da mãe do menino, Luísa, dá mostras das relações híbridas no período. Luísa teve vários filhos, como a mãe, entretanto não era cativa, ia e voltava e não via problemas em ir espalhando seus descendentes, pois na verdade isso sempre foi a base da economia escravocrata. Gilberto Freyre destaca os valores de procriação durante a escravidão, quando era muito estimulada a existência de grande quantidade de crianças negras para serem a nova geração de escravos. Freyre cita um manifesto colhido por Joaquim Nabuco “[...] a parte mais produtiva da propriedade escrava é o ventre gerador.”¹⁹ Visto como nasceu e foi colocado no convívio social, não é de se esperar de José um alojamento diferente do espaço marginal. Não está inserido na estrutura familiar tradicional, não há histórico de uma infância regrada na linha ascendente.

As regras da infância para José são as regras da vida, o menino negro mora na casa de Sebastião Ramos (genro do antigo senhor de escravos), onde foi “acolhido”, e apesar de ter idade próxima do menino Graciliano Ramos, tem que chamá-lo de senhor. O negro vai conduzindo seu comportamento da maneira mais vantajosa que o meio permite. Portanto, mente e foge quando é preciso, tem consciência de que será tratado relativamente bem se não entrar em conflitos, e, até por isso, protege o menino branco, antagonicamente, seu dono e seu amigo. Entre as duas crianças que vão fixando-se como desiguais, aparece uma das características humanas contraditórias da literatura, o autor nos mostra, por meio da sua análise adulta, uma admiração pelo conhecimento não institucionalizado de José. Apesar da convivência próxima, vivem outras relações com o

¹⁸ RAMOS, Graciliano. *Op. cit.*, p.75.

¹⁹ NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Londres: 1883. Apud FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. São Paulo: Global, 2004 p. 399.

meio no qual estão inseridos, os adultos os tratam de formas distintas, fator diretamente ligado ao histórico racial e social do menino negro.

As diferenças demonstram as expectativas para um e para o outro. Pontuando a situação das duas crianças tem-se: os dois meninos apanhavam de Sebastião Ramos, castigos na base da chicotada para ambos. Entretanto, José não chora e Graciliano sim. O moleque conhece a rua, tem malícias, enquanto o menino branco não tem. A partir disso, José tem muitas marcas lingüísticas da rua, marcas essas que não são aceitas no eu-criança, pois seus pais proíbem as imitações do menino negro que ele tanto admira. A violência com as crianças é rotineira, mas não é surpreendente em um país com histórico de escravidão tão longo.

Existe uma certa cumplicidade entre os dois, evidenciada, por exemplo, quando José comete um equívoco e o eu-criança ainda assim o admira. “Apesar do erro, o prestígio de José não diminuiu. Convenci-me de que ele se havia expressado bem e repeti com entusiasmo. _Seu Ferreira de gibão, no cavalo de seu Afro”²⁰. Nesse acontecimento, quando José errou ao identificar o bisavô de Graciliano Ramos, o eu-criança mantém a identificação que sabia ser equivocada, pois o sentiu mais próximo, sentiu que era possível aprender a ser como o moleque.

As duas crianças estavam sob o domínio de Sebastião Ramos, o pai. A figura paterna desempenha função muito importante no romance, não só pela proximidade natural ou pela violência no tratamento com o eu-criança, mas principalmente pela maneira oscilante como se comporta. Sebastião Ramos é instável. Da sua busca por ascensão social é que surgem os deslocamentos da família, brigas e muitas das aprendizagens para seu filho. No capítulo em análise, para entender o desfecho, é fundamental entender o caminho pelo qual o narrador conduz seus leitores, esse é o caminho das reações de Sebastião Ramos.

Atravessávamos, porém, momentos difíceis: não podíamos saber se ele ia abrandar ou enfurecer-se. E o nosso procedimento o levava para um lado, para outro. Acertávamos ou falhávamos como se jogássemos o cara-ou-cunho. Se os fregueses andavam direito na loja, obtínhamos generosidades imprevistas; se não andavam, suportávamos rigor.²¹

²⁰ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.77.

²¹ *Ibid*, p.78

É importante saber que num meio violento, com uma figura oscilante como Sebastião Ramos, existem várias possibilidades. Outros exemplos acumulam-se na obra, como no caso dos capítulos “Um Cinturão”, “Leitura” e “Venta Romba”, ocasiões em que o menino Graciliano Ramos mostra conhecer cada vez mais as falhas do pai. Sente-se jogado num processo estranho de constantes maus tratos e algumas benevolências. Sobre a violência, será possível ver neste trabalho, ainda que parcialmente, o que é próprio da discussão racial e o que não é.

Feitas as observações sobre a figura paterna, pode-se entender que o desfecho do capítulo não é fantasioso e não aponta para uma única aprendizagem. O moleque José é pego mentindo, cometera um ato de culpa leve e inicialmente seria perdoado se não insistisse em mentir. A mentira irrita o pai do eu-criança, o menino negro é punido, isto é, começa a levar uma surra de Sebastião Ramos. Ao mesmo tempo, o curioso garoto branco, acostumado ele também a apanhar, tenta interferir na punição, fazendo-se também torturador, agressor violento. “O meu ato era a simples exteriorização de um sentimento perverso, que a fraqueza limitava.”²² Queria ajudar seu pai, queria ferir o negro, queria consolidar sua condição de senhor. Contudo, não obtém sucesso, seu pai ao perceber sua tentativa, larga o moleque José e passa a bater no eu-criança.

A grande aprendizagem que o eu-adulto oferece ao leitor, a grande reflexão que faz, é sobre as relações de justiça, sobre sua formação como humanista e não como uma pessoa autoritária. “Se a experiência não tivesse gorado, é possível que o instinto ruim me tornasse um homem forte. Malogrou-se – e tomei rumo diferente”²³. Nesta interpretação o adjetivo “forte” é irônico. O homem forte seria alguém parecido com Paulo Honório do romance *São Bernardo*, o instinto ruim é o da reificação. O narrador acredita que seria outra pessoa se naquele dia tivesse castigado José em conjunto com seu pai, seria provavelmente um proprietário, dono de coisas, insensível, acumulando riqueza, e não o que se tornou, um escritor.

O conceito de “forte” em Graciliano Ramos foi analisado por Helmut Feldmann.²⁴ Existe a compreensão de que a habilidade prática, o vigor físico e o desinteresse por “enfeites artísticos” determinam um homem como forte. Sendo assim, no grupo dos fracos estaria o próprio escritor e seu avô Tertuliano Ramos. Eles são pessoas isoladas, consideradas excêntricas, interessadas em fabricar coisas miúdas como

²² RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.80

²³ Idem.

²⁴ FELDMANN, Helmut. *Graciliano Ramos – Reflexos de sua personalidade na obra*. Tradução de Luis G. M. Chaves e José G. Magalhães. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967.

textos e urupemas (tipo de peneira). Por outro lado, no grupo dos fortes está o avô Pedro Ferro, Padre João Inácio, o bisavô Manoel Ferro, outros tipos parecidos com Paulo Honório e, curiosamente, o Moleque José. José não tem o autoritarismo e a coragem do padre, nem as posses dos demais. O menino negro pode ser considerado forte porque já tinha noções sexuais, sabia lidar com a dor física e era respeitado pela molecada da rua. José é o negro tornado fraco pela escravidão que o antecede, ao mesmo tempo, é um forte pela forma como consegue sobreviver.

Estas aprendizagens aproximam bastante Graciliano Ramos de Booker Washington. Para o norte-americano, “força” e “fraqueza” também eram conceitos relativos. “(...) o protetor dos fracos adquire forças novas e o opressor dos infelizes enfraquece”.²⁵ Certamente, a visão de Washington existe a partir da generosidade dos brancos ricos do nordeste dos Estados Unidos, colaboradores do Instituto de Tukesgee, fundado e administrado por ele. Diferente de Ramos, que talvez tenha uma visão de igualdade social pura e simples, o idealizado final da luta de classes. Do ponto de vista do eu-adulto, José ensinou uma lição valiosa, determinante na sua conduta posterior. Entretanto, por uma outra percepção, é interessante pensar o que o mesmo evento pode ter significado para José.

Com certeza José nada sentiu. Cobrei ânimo, cheguei-lhe novamente ao pé o inofensivo pau de lenha. Nesse ponto ele berrou com desespero, a dizer que eu o tinha ferido. Meu pai abandono-o. E, vendo-me armado, nem olhou o ferimento: levantou-me pelas orelhas e concluiu a punição transferindo para mim todas as culpas do moleque.²⁶

Dentro da visão “patológica” da família escrava, na qual as relações são quebradas, sem núcleo familiar, é necessário um esforço para tentar imaginar um menino negro, sem pai e sem mãe, inserido no período logo depois da abolição da escravidão. Um moleque criado na fazenda, rondando, obedecendo, aprendendo o que pode para sobreviver, tentando não apanhar sempre, tentando se manter útil e alimentado. Aderindo à visão de Robert Slenes, sobre um alto índice de famílias negras relativamente estruturadas, unidas, servindo ao proprietário, é possível cogitar que para os valores daquela sociedade a agressão explícita do menino branco contra o menino negro não fosse aceita. Não pelo ato, mas pelo contexto. A família negra está

²⁵ WASHINGTON, Booker Taliaferro. *Op. cit.*, p.117.

²⁶ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.80.

acostumada com o castigo imposto pelo adulto branco, mas não explicitamente pela criança branca, cuja “superioridade” não poderia se constituir de todo em “autoridade”.

Florestan Fernandes²⁷ aponta lógicas terríveis nas relações entre brancos e negros, tais como: o negro é mais aceito conforme sua submissão; o branco não repudia o negro totalmente, entretanto, é prerrogativa do ex-senhor determinar o que convém ou não convém ao seu “protegido”. Lógicas de tutela, muito praticadas no nordeste, que confundem o negro e não contribuíram para que formasse uma consciência da sua posição social. No caso da criança, tais mecanismos moldavam o seu comportamento e colocavam sempre em seu horizonte “o apelo afetivo ou particular”.

Gilberto Freyre caracteriza a figura do moleque negro da área rural, e, ainda que conciliatória, nem mesmo sua visão formadora da democracia racial pode desprezar o dado da violência. “Através da submissão do moleque, seu companheiro de brinquedos e expressivamente chamado *leva-pancadas*, iniciou-se muitas vezes o menino branco no amor físico.”²⁸ O autor, neste trecho, faz uma estranha reflexão sobre um possível masoquismo dos escravos com seus senhores.

A interpretação masoquista é inadequada, entretanto a violência acontecia sob o véu lúdico. O Brasil criou uma cultura da escravidão e da violência justificada ou atenuada. Machado de Assis destaca isso em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, por meio do personagem Prudêncio. Como se sabe, Brás Cubas conta depois de morto sua vida de branco, carioca, rico, desocupado, de idéias mirabolantes e casos amorosos arriscados. Sobre sua infância, relata que era um menino bagunceiro do século XIX, e, evidentemente, tinha o seu moleque negro para brincar.

Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, ele obedecia, __ algumas vezes gemendo, __ mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um __ “ai, nhonhô” __ ao que eu retorquia __ “Cala a boca besta!”²⁹

Era o seu animal. Prudêncio era surrado por ele. A cena é de uma crueldade enorme. Desde criança, a condição submissa do escravo era imposta como parte da vida,

²⁷ FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Editora Globo, 2008.

²⁸ FREYRE, Gilberto. *Op. cit.*, p.113.

²⁹ ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio De Janeiro: Ediouro, 2001. p. 26-27.

não só para executar um trabalho. Entretanto, não existem imagens de uma criança levando outra criança para o tronco e decretando tantas chibatadas ou qualquer outra punição. Posteriormente na narrativa, quando Brás Cubas adulto busca meios de manter encontros secretos com sua amante casada Virgília, tem seus planos interrompidos por alguns momentos, ao presenciar a cena de um negro açoitando um outro impiedosamente. Era Prudêncio, agora adulto e alforriado, fazendo uso de suas prerrogativas como proprietário de escravos.

Cheguei-me; ele deteve-se logo e pediu-me a bênção; perguntei-lhe se aquele preto era escravo dele.

__É, sim, nhonhô.

__Fez-te alguma coisa?

__É um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber.

__Está bom, perdoa-lhe, disse eu.

__ Pois não, nhonhô manda, não pede. Entra para casa, bêbado!³⁰

A cultura escravocrata chegou a um ponto tão avançado no Brasil, que escravos tinham escravos, e, não oficialmente, houve notícia dos que ainda eram escravos também possuírem os seus “bens”. Logo, é bastante anacrônico pensar que era um círculo abusivo de violências dentro de uma sociedade absurdamente desumana. Para as pessoas da época, existiam alguns excessos nos tratamentos com escravos, mas não era nada hediondo. As crianças conviviam sabendo das suas diferenças, o proprietário utilizava suas propriedades e a família negra conformava-se com a situação desde que os excessos não fossem freqüentes.

A relação do eu-criança com José não é como as relações descritas por Freyre e Machado de Assis. Talvez possa ser dito que seja uma derivação, mas nem por isso seria uma relação entre iguais. Entretanto, para o menino negro, o fato de ter sido deixado de lado para o filho do patrão apanhar no seu lugar, talvez possa ser bastante ilusório e típico das relações raciais brasileiras. Da mesma forma, para o negro que era surrado por Prudêncio, Brás Cubas atuou de maneira bondosa, livrando-o de coisa pior. Não existe o mundo maniqueísta descrito por Fanon³¹, quando se refere a colonizados e

³⁰ ASSIS, Machado de, *Op. cit.*, p.79.

³¹ FANON, Frantz. Da violência. In __ *Os Condenados Da Terra*. Rio De Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

colonizadores. No período histórico em análise, ocorreu um tipo de acomodação social em que a idéia de Gilberto Freyre dos “antagonismos equilibrados” faz até um certo sentido, pois, os negros são subservientes e os brancos estão acostumados a comandar. Os negros aceitam sua condição inferiorizada, mas ao mesmo tempo apelam para mecanismos estranhos de equalização. A mãe de José, Luísa, por exemplo, vive o conflito entre acomodação e libertação, pois sempre retornava aos seus ex-senhores para pedir proteção durante a seca. Não queria viver no antigo cativeiro, mas apelava para a velha dependência quando não tinha outra saída.

Historicamente, uma família negra livre no Brasil não poderia considerar-se desatrelada do cativeiro. Ainda que pudesse existir, oscilante como a que é liderada por Luísa, ou, mais cordata, a família negra não deixaria de ser dependente. Luiz Felipe de Alencastro elucida o fato de negros alforriados permanecerem próximos de seus antigos senhores. O que se pode inferir é uma cultura de proteção e troca de favores, a qual, mesmo com a abolição, pareceria mais segura, pois o fim do trabalho forçado não representou abundância de opções.

Reputada quilombola, uma família negra isolada, composta do pai, da mãe e de três filhos corria perigo de ser capturada, cativada e eventualmente massacrada: a criminalização da fuga de escravos negros se transforma numa ameaça mortal a todo núcleo autônomo de negros livres no território brasileiro. Para tais pessoas, tais famílias, a melhor garantia à preservação da liberdade consistia em aceitá-la como uma liberdade relativa, prestando serviços ao fazendeiro ou senhor de engenho que reconhecesse e garantisse seu estatuto de não-escravo.³²

Contraditoriamente, ao longo dos anos, a família branca poderia deixar o papel opressor, “guarda de prisão”, para assumir a função de legitimadora da liberdade ou elemento de auxílio. O moleque José e sua virtual família talvez tenham acreditado que Sebastião Ramos protegesse seus subordinados e que zelava por eles. Crenças inúteis em uma igualdade inexistente. A virtual família escrava não quer tomar o controle violentamente, retirar o opressor da sua condição, quer apenas ser “bem tratada” pelo padrinho. Mesmo antes da abolição, para sobreviver, o negro muitas vezes foi levado a acreditar que existia um “cativeiro satisfatório”. Slenes e Ramos alinham-se quando o

³² ALENCASTRO, Luiz Felipe. A invenção do mulato. In: _____ *O trato dos viventes*. Companhia das Letras: São Paulo, 2000. p.345

primeiro faz a afirmação: “As novas pesquisas sobre a família escrava não visam romantizar a vida no cativo.”³³ Embora, não aponte um sentimento de revolta de José com sua condição, com o tratamento que recebia, o narrador de *Infância* vai utilizar dos seus recursos literários para demonstrar o descontentamento com a situação. Contando os eventos com tendência autocentrada, a visão do negro e sua aprendizagem com o caso não são exploradas, pois o escritor prefere evocar uma tomada de consciência das injustiças. Coloca o eu-criança e o moleque José irmanados num sofrimento arbitrário.

Quando meu pai se tinha irado bastante, segurou o moleque, arrastou-o à cozinha. Segui-os, curioso, excitado por uma viva sede de justiça. Nenhuma simpatia ao companheiro desgraçado que se agoniava no pelourinho, aguardando a tortura. Nem compreendia que uma intervenção moderada me seria proveitosa, originaria o reconhecimento de um indivíduo superior a mim. Conservei-me perto da lei, desejando a execução da sentença rigorosa.³⁴

Na opinião do eu-adulto, seu erro naquele evento foi não perceber que José estava sofrendo como ele muitas vezes sofreu. Seu erro foi querer ver a punição e não se juntar ao outro sofredor, para uma organização contra o poder que os maltratava. Um amigo, “companheiro”, tão admirado e deixado só contra o mais forte. Embora diferentes, José e Graciliano teriam um ponto de convergência para transformação: a injustiça.

Cláudio Leitão tem uma leitura consideravelmente diferente do episódio. Não vê o lado do moleque José sobre o acontecido. Analisa padrões de figura masculina evocados com o termo “forte”. Aos olhos do crítico, o personagem literário está posicionado da forma como os meninos negros da vida real deveriam ser representados, isto é, um ser invisível ou maléfico, como fica evidente na análise do capítulo “Um incêndio”. “Tentado pelo viperino moleque José, o menino transpusera os limites do aceiro, vala que protege de incêndios externos a plantação do sítio em que se encontrava de passagem, para conhecer tragédia em terreno exposto aos perigos do fogo”.³⁵ Ao usar o adjetivo viperino, caracterizou o menino negro como uma espécie de cobra no Jardim do Éden do inocente menino branco Graciliano Ramos, fazendo tentação para que pecasse e conhecesse as dores do mundo.

³³ SLENES, Robert W. *Op. cit.*, p. 47

³⁴ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.79.

³⁵ LEITÃO, Cláudio, *Op. cit.*, p.77.

Sinteticamente, o capítulo “Um Incêndio”, que será analisado detalhadamente a seguir, é sim o relato de um fato acontecido a partir do convite do moleque José para o eu-criança. O menino branco, vencido pela curiosidade de ver uma expansão gigante do fogo, vai até as cabanas onde moram os trabalhadores mais pobres, e lá vê o primeiro cadáver da sua vida: uma negra totalmente deformada que morreu tentando salvar a imagem de Nossa Senhora. Imagem aterrorizante que o perseguirá em pesadelos, que o fará repetidas e detalhadas vezes contar o fato numa espécie de busca por alívio.

No tipo de leitura proposta aqui, os “eus” de Graciliano Ramos são fundamentais. Entretanto, não reinam absolutos. A preocupação racial que o circunda ao escrever, que o forma como intelectual, tem suas cores reavivadas. O moleque José poderia ser uma tentação para ele porque via no outro muitas coisas que queria ser. Transpor o azeite no episódio “Um incêndio”, mais uma vez, como visto neste capítulo em que destaca José, mostra seu desejo de conhecer a rua, conhecer a vida. Conhecer o povo, o que acontece no seu cotidiano, até mesmo as tragédias, por mais aterrorizantes que sejam, é tarefa do escritor realista em formação, pois não haverá outra maneira de constituir sua perspectiva utópica de uma sociedade transformada se não entender tais eventos.

Da leitura de Eliane Jacqueline Mattalia é possível extrair três aspectos que corroboram as afirmações até aqui: primeiro, o uso da palavra “mulungu” (flor vermelha usada para provocar as lavadeiras) demonstra não só o desejo sexual do moleque, bem como, sua ancestralidade africana; a crítica também lê o capítulo como uma confissão de admiração por José; por último, a interpretação de que por meio da narrativa estaria libertando a criança presa no passado. Sintetizando a obra, Mattalia conclui: “escreve uma narrativa que reivindica o direito ao amor dos pais, o direito à educação e ao lazer com liberdade e desenvolvimento pleno das capacidades intelectuais e afetivas.”³⁶ Pela noção de igualdade e fim da opressão em geral, a mensagem alcança a questão racial, mesmo sem ser um discurso voltado especificamente para a resolução do problema negro brasileiro.

É evidente que existe uma perspectiva utópica em Graciliano Ramos. A idéia, bem formada ou não, talvez não muito esperançosa, de que os oprimidos poderiam se organizar para lutar juntos por mudanças. O conceito de que há uma fragilidade na

³⁶ MATTALIA, Eliane Jacqueline. *A selva da seca: uma poética em infância de Graciliano Ramos*. 276 p.. São Paulo: 2003. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. P.116

“força” dos homens movidos pelos valores tradicionais. Neste fragmento do livro, atuam o menino negro, ser sócio-histórico, fruto da exploração da escravidão, juntamente com ele, ser sócio-histórico, criança branca, filho de pais com lugares intermediários na escala social, constantemente atacado pela violência. Os dois poderiam juntos lutar por alguma espécie de mudança.

José Lins Rego, amigo e contemporâneo do escritor alagoano, dedica um livro inteiro à figura do Moleque. Em *O Moleque Ricardo*³⁷ conta a vida de um menino negro de dezesseis anos que abandona o ambiente rural e vai para a cidade do Recife. No ambiente urbano vive novas relações de trabalho e tem relacionamentos amorosos. O livro constantemente opõe as duas concepções de mundo, a vida na fazenda Santa Rosa e a vida como empregado de padaria na cidade do Recife. A primeira é totalmente definida, sem surpresas, servindo ao senhor de engenho, morando no mesmo lugar onde viveram os antepassados escravos, tendo proteção, comida e a expectativa de provavelmente não morrer de fome. A vida urbana é totalmente imprevisível, existe uma diversidade maior de trabalhos, a possibilidade de escolha e organização sindical para reivindicação de direitos trabalhistas.

A luta de classes é indissociável da leitura do livro. O autor mostra uma tomada de consciência da perspectiva marxista, também não muito idealizada e esperançosa, na qual os líderes sindicais utilizam o povo para seus próprios objetivos de ascensão política. Além das manipulações, os trabalhadores fracassam diante da violência policial. Tais fatores, consolidam a discussão sobre a possibilidade da vida no ambiente rural ter mais vantagens. Negros na cidade vivem em péssimas condições, vivem no mangue, na miséria, ganhando pouco e endividados. Não estão mais sob o “contrato” de proteção e servidão, são funcionários sem qualquer “estabilidade”.

Anteriormente na literatura brasileira, José de Alencar utilizou-se da figura do moleque para discutir os males da escravidão no seio familiar. Em *O Demônio Familiar*³⁸ estabelece a péssima contribuição do negro à sociedade brasileira. Alencar faz isso inclusive quando exclui o negro de suas obras indianistas como *O Guarani*. O personagem Pedro é o menino negro, escravo da casa, que por suas ambições particulares manipula seu proprietário e respectivo círculo de relações da forma mais vantajosa para ele. Embora o autor o construa como pernicioso, é possível entendê-lo como astucioso. Assim como os outros moleques (José e Ricardo), Pedro não sabe ler e,

³⁷ REGO, José Lins do. *O moleque Ricardo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978

³⁸ ALENCAR, José de. *O Demônio Familiar*. Belo Horizonte: Cedec, 2008.

aparentemente, não tem pai ou mãe para interceder em sua defesa. Ele é um objeto, e, de certa forma, numa interpretação reversa da obra, tenta dispor dos brancos como possíveis objetos facilitadores da sua vida.

Ao final da peça teatral, Pedro, personagem submetido ao discurso do autor, resignadamente aceita o “castigo” da sua liberdade. Não tem família e, livre, vai simplesmente ser lançado no mundo. Por ter sido um escravo ruim, perde os “cuidados” da família branca e cristã. José de Alencar pensava que a escravidão era necessária para sustentar o Brasil. Como deputado, votou contra a lei do ventre livre e esteve em uma polêmica com Joaquim Nabuco³⁹ sobre o futuro da nação. O primeiro não só defendia a manutenção da escravidão, mas também a mostrava em suas peças como uma rotina indolor para o cativo, só insegura moralmente para os proprietários quando do excessivo laço com seus “bens”. Para o segundo, a escravidão não deveria ser exibida em teatros, principalmente aos estrangeiros, pois era uma mácula para uma pretensa nação liberal.

As visões de Lins do Rego e Alencar permitem a compreensão de que o branco não tem profunda ligação com os problemas dos negros. O afrodescendente está errado quando não é um “Negro Fiel”⁴⁰ ou quando simplesmente não aceita o tratamento paternalista, bastante criticado por Florestan Fernandes,⁴¹ pois causa apenas transformações fortuitas e individuais. Por consequência, estas compreensões estabelecem o “problema negro” como culpa do próprio negro, cuja falta de fidelidade ao branco e a índole moral falha são as causas do sofrimento.

Retomando a perspectiva da valorização do amor nas relações da criança negra, como já foi visto em Solano Trindade, Lima Barreto⁴² concebe um moleque que foge a alguns estereótipos vistos até aqui, todavia, não consegue escapar de todos. Tem mãe, é cuidado, é querido, não é fruto da “patológica” família negra, mas assim como os outros, também sofre discriminação e não pode estudar: não sabe ler, não há tempo para se dedicar a isso, pois tem trabalho a fazer. Zeca ajuda sua mãe, lavadeira de roupas. A

³⁹ “Sobre a polêmica entre Alencar e Nabuco”. Cf.: VENTURA, Roberto. Uma Nação Mestiça. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.44-47.

⁴⁰ “Sobre o estereótipo do Negro Fiel, entre outros”. Cf.: BROOKSHAW, David. *Raça & cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. Tradução de Marta Kirst p.25-68

⁴¹ “Sobre o modelo de relação racial paternalista”. Cf.: FERNANDES, Florestan. *Heteronomia Racial na Sociedade de Classes. A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Globo, 2008.

⁴² BARRETO, Lima. O Moleque. In: _____. *Histórias e Sonhos*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>. Pesquisado em: 15/08/09, às 11h20min.

exclusão do menino negro está bem estabelecida na moradia precária e no sonho inalcançável de um dia ir ao cinema.

Em momento bem posterior aos aqui mencionados, é interessante notar que, em João Antonio, desaparecem as perspectivas utópicas socialistas assim como a autovalorização afrodescendente. Contudo, o menino negro continua abandonado: sem escola e sem família. Asseguradamente leitor de Graciliano Ramos, com publicações da década de 60 e inserido no espaço urbano das crescentes grandes cidades brasileiras, em João Antônio, um escritor mestiço, a luta pela sobrevivência do menino negro é tudo o que existe. E continuam as diferenças entre crianças brancas e negras. Os efeitos da escravidão estão um pouco mais distantes, embora subentendidos.

O menino do conto “Frio” também é um moleque, entretanto, a especificidade do termo parece ter perdido força. Seu “responsável” é o malandro branco Paraná, que é uma espécie de protetor e explorador do menino, o que não é tão diferente da figura de Sebastião Ramos em *Infância*. O conto está baseado no pedido de Paraná para o menino negro levar um pacote (conteúdo desconhecido durante toda a narrativa), para um ferrolho onde os dois deveriam se encontrar. O menino vai caminhando pela madrugada de São Paulo, com frio e fome para cumprir seu acordo com Paraná. A criança branca em contraste com o menino negro é a menina Lúcia, esta, sim, inserida num ambiente familiar estruturado convencionalmente.

Lúcia era menor que ele e brincava o dia todo de velocípede pela calçada. Quando alguma coisa engraçada acontecia, eles riam juntos. Depois, conversavam. Ela se chegava à caixa de engraxate. O menino gostava de conversar com ela, porque Lúcia lhe fazia imaginar uma porção de coisas suas desconhecidas: a casa dos bichos, o navio e a moça que fazia ginástica em cima duma balança.⁴³

Esta “porção de coisas desconhecidas” também afligem Zeca, personagem do conto “Moleque”, sua curiosidade insaciada sobre o funcionamento do cinema revela a negação do seu direito legítimo de ser um criança como as outras. A infância não era uma fase bem determinada para crianças brancas, e, quanto aos “moleques” e “molecas” isto era simplesmente inexistente. Estivessem inseridos numa família negra como é o caso do personagem de Lima Barreto, ou estivessem totalmente desconectados de um núcleo familiar.

⁴³ ANTÔNIO, João. Frio. In: _____ *Malagueta, Perus e Bacanaço*. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p.100.

Dois mundos separados, mundos que se encontram, tornando possível identificar, nos diferentes momentos históricos, um mundo das crianças brancas e outro das crianças negras. Além disso, é possível marcar as semelhanças entre José e o menino do conto “Frio”, aparentemente largados no mundo. Em João Antonio, o afrodescendente chega ao lugar combinado e encerra sua jornada sem encontrar Paraná. Sente fome, sente frio e a narrativa termina com o moleque urinando no muro do ferrovelho. Na mesma madrugada, Lúcia estaria provavelmente dormindo em sua casa. Interpretativamente, a imagem é de que a vida é o que é, e irá continuar assim mesmo. “Pequeno, feio, preto e magrelo. Mas Paraná havia-lhe mostrado todas as virações de um moleque. Por isso ele o adorava.”⁴⁴ O menino tem que saber sobreviver, arrumar lugar pra dormir, arrumar comida, ser amigo do seu protetor e fazer o que ele pede, para continuar vivendo na sua situação social de menor abandonado. Se em Graciliano Ramos existe a imagem de jogar cara-ou-cunho (cara ou coroa) diante das oscilações de comportamento de seu pai, em João Antônio, a vida toda é uma oscilação constante, e saber jogar é tudo o que resta. Ninguém poderia estar irmanado em nenhuma luta de classes, tudo o que existe são indivíduos levando a vida.

A noção histórica em *Infância* é muito valiosa para pensar o lugar social do negro na sociedade brasileira. No pós-abolição, passando de José ao conto “Frio” desenvolve-se uma progressão lógica: crianças negras abandonadas, tendo família ou não. A marginalidade pode ser uma escolha, uma tentação fustigante de não viver a vida cumprindo as regras e os padrões, de fugir da rotina dos salários contados, dos horários e transportes coletivos. Amargura de uma vida “certinha” que só tem apertos e as mesmas soluções ineficazes. “Viver pouco como um Rei” ou “viver muito como um Zé” é questão que sempre volta. No caso dos moleques negros analisados, não é bem opção, a marginalidade é o modo de viver. O espaço central está fora do alcance por séculos.

UMA TERRA DE MENINOS

Para sair da margem da sociedade, os meninos negros e indígenas precisam ter um tratamento igual, mas que os respeite como diferentes, como indivíduos. Em “A Terra dos Meninos Pelados” Graciliano Ramos apresenta Tatipirun, um lugar onde não

⁴⁴ ANTÔNIO, João. Frio, *Op. cit.*, p.97.

vivem adultos e não existem casas. Um mundo imaginário: sem noite, sem dor ou envelhecimento. No mundo real, Raimundo é um menino discriminado por ser careca e ter um olho preto e outro azul, apelidado maldosamente “Dr. Raimundo Pelado” está farto de ser vítima da zombaria dos seus vizinhos. Em Tatipirun, ele sente-se devidamente inserido porque lá todos têm um olho azul e outro preto como ele.

Embora seja um lugar onde encontra iguais, o autor não deixa de mostrar que a verdadeira igualdade acontece quando se respeita as diferenças. Os olhos são iguais, mas a cor da pele não. Lá existe o menino negro chamado Fringo, e um outro descrito simplesmente como sardento. Justamente quando o sardento deseja impor que todos tenham a sua aparência, Raimundo posiciona-se contra:

Não senhor, que a gente não é rapadura. Eles não gostam de você? Gostam. Não gostam do anão, de Fringo? Está aí. Em Cambaracá não é assim: aborrecem-me por causa da minha cabeça pelada e dos meus olhos. Tinha graça que o anão quisesse reduzir os outros ao tamanho dele. Como havia de ser?⁴⁵

Em Cambaracá, o mundo das regras e do preconceito, Raimundo sabe como é ser excluído. A mensagem é a de que negros, brancos, anões, sardentos, carecas, animais ou coisas poderiam viver juntos, sem as tensões de um mundo que exige a uniformização. Este texto, escrito em 1937, tem nitidamente em vista um questionamento das ideologias nazistas e fascistas. Ao mesmo tempo, também pode ser associado com essa experiência de convívio entre crianças, chamada “O moleque José”. O eu-criança viveu num mundo onde existia hierarquia entre crianças. Mesmo que tivessem família, a cor da pele sempre foi fator para impor limites.

Ao final da narrativa, Raimundo, muito triste, deixa Tatipirun prometendo voltar. Tem a obrigação de fazer sua lição de geografia: compromisso de entender a geografia do mundo real, com suas fronteiras, seus territórios e populações em constantes guerras causadas pela intolerância.

⁴⁵ RAMOS, Graciliano. A Terra dos Meninos Pelados. In: _____ *Alexandre e Outros Heróis*. Rio de Janeiro: Recorde, 1981. p.122

CAPÍTULO II

A SALVAÇÃO DAS MULHERES NEGRAS

Mulheres negras e brancas são as mais facilmente encontradas no Brasil. A cultura nacional criou um desdobramento estratégico e nefasto entre as primeiras. Tanto para os homens como para as mulheres, existe o recurso de assumir uma identidade mulata, fruto da mistura entre o grupo negro e branco. Existe uma tradição na literatura brasileira da mulata sensual: enlouquecedora pelos seus atributos físicos e de caráter moral duvidoso. Por outro lado, também é muito perceptível a recorrência de um trato carinhoso, por parte de escritores brancos, da mulher negra idosa, a antiga ama de leite ou a criada da casa, protetora das crianças. Considerados estes olhares usuais sobre o tema, é importante ver Graciliano Ramos de forma diferenciada nos seus apontamentos sobre o assunto. Mesmo partindo de relações particulares, sua focalização no labor, no interminável trabalho doméstico, em associação, com uma espécie de “desespero” religioso, formam um mecanismo de análise objetivo da questão.

Aqui, ser objetivo não é a inexistência de afetividade. O mecanismo de análise coloca em primeiro plano a exploração desta mulher, sua falta de perspectivas para o futuro, seu uso como objeto e o forte apego na crença de que existiria uma vida melhor no céu. Fica a certeza de que as condições materiais da mulher negra são normalmente ruins. O sexo com os brancos, o trabalho e a religião são reflexos da condição de uma mulher dominada e excluída.

Uma das maiores conquistas do grupo dominante é a imposição de boa parte dos seus aspectos culturais sobre o grupo dominado, embora, seja inevitável a interpenetração, isto é, a penetração recíproca de aspectos da cultura do dominado dentro da dominante. Esta reciprocidade não é proporcional. As religiões africanas sobrevivem no país, mas não são as mais praticadas. No século XXI, com a ascensão do protestantismo, em algumas regiões, tais práticas são demonizadas. Anteriormente, tal como agora, aderir aos valores cristãos é um meio de garantir um espaço para uma fé que seja respeitada.

Os capítulos “Um incêndio” e “Meu avô” permitirão localizar duas mulheres negras do período pós-abolição. Vitória é a velha escrava do avô Pedro Ferro, que, como o próprio autor diz, “não tinha em que empregar sua liberdade” e acreditava na sua salvação longe da “cozinha-cativeiro” onde sempre viveu. A outra é a mulher negra

sem nome, morta tentando salvar a imagem de Nossa Senhora, primeiro cadáver visto pelo eu-criança. Evidentemente, são mulheres negras marcadas pelo cristianismo, um valor dos brancos, acostumadas ao trabalho doméstico e à obediência. Vitória traz todo o histórico da escravidão. A negra morta é uma aparição contundente e gera questionamentos do menino. Ambas têm alguma parcela de contribuição na formação da subjetividade de Graciliano Ramos.

O escritor fala de escravas ou ex-escravas nascidas no Brasil (crioulas), acostumadas à cultura dos brancos, afastadas, não só fisicamente como também culturalmente de uma África vista como mera fonte de mão de obra. Fossem crioulos ou africanos, para o escravo existia um padrão de sobrevivência, como argumenta Kátia Mattoso: “Na verdade, a maioria dos escravos termina por aprender a rezar, a obedecer, a trabalhar, para serem aceitos por seus senhores.”⁴⁶ Conclui-se, deste modo, que por mais de trezentos anos a cultura brasileira formou um elo entre obediência, prática religiosa e concessão de “benefícios” aos escravos mais adaptados. Este elo importante sustentou a escravidão, e, de certa forma, mantém-se em vigor até hoje, quando as religiões africanas continuam menosprezadas e, até mesmo, consideradas maléficas.

UM INCÊNDIO

O fogo, a fé e a figura são três aspectos que sintetizam o início, desenvolvimento e a reflexão final do capítulo “Um incêndio”. O fogo é fator de curiosidade, destacado também no capítulo “O inferno”. Sua força destrutiva e grandiosidade visual impressionam e atraem o eu-criança até o local onde cabanas incendiaram-se. A fé de uma negra na imagem de Nossa Senhora foi o elemento desencadeador das queimaduras fatais. Ironicamente desfigurada, a negra é a grande imagem do capítulo, não a santa. A mulher vítima do incêndio impressiona tanto o pequeno Graciliano que não o deixa dormir.

Neste capítulo, fica em evidência que a discussão da problemática afrodescendente está ligada às questões de moradia e religiosidade. Moradia é um aspecto social e econômico, um bom lugar para morar é um bem de valor financeiro.

⁴⁶ MATTOSO, Kátia M de Queirós. *Ser Escravo No Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.p.107

Portanto, é de difícil aquisição para um ex-escravo. Por outro lado, a religiosidade, desde a formação do Brasil, sempre esbarrou na concepção de superioridade de culturas.

O evento é relatado a partir do convite do Moleque José para o eu-criança. “José convidou-me para visitar os restos do incêndio que devorara uma das cabanas arrumadas além do aceiro.”⁴⁷ Como visto anteriormente, existia uma relação próxima, de admiração, entre os dois meninos. Entretanto, o fator preponderante para aceitar o convite é a curiosidade. O eu-criança vai a um lugar onde não costumava ir, habitado por gente muito pobre, onde a molecada iniciava sua sexualidade vendo e provocando as lavadeiras.

O pequeno Graciliano Ramos foi procurar o espetáculo do fogo e achou a desgraça causada por ele. Conheceu uma história humana.

Enquanto os homens trabalhavam na roça e os meninos vadiavam pela vizinhança, duas pretinhas faziam a comida, soprando a lenha, agitando o abano. Uma faísca chegara à parede e em minutos a palha ardia. As criaturas haviam tentado reparar o desastre. Nada conseguindo, a mais nova fugira. A outra resolvera esvaziar a casa: salvara as panelas, o ralo, as esteiras, a cama de varas, a trouxa de roupa, as arcas. Surda aos chamados da irmã, arrecadara todos os trastes, menos a litografia de Nossa Senhora, provavelmente sapecada na camarinha.⁴⁸

Para salvar a imagem da santa, morreu a mulher negra. Morte horrível, queimaduras que deixavam um corpo humano irreconhecível, sem braços, sem pernas, sem cabelo e sem pele.

O Moleque José analisava o cenário com atenção, enquanto o eu-criança estava chocado. Trata-se de um contato direto com os cheiros e as imagens mais tristes da vida. As reações divergentes dos meninos, socialmente tão distintos, não são surpreendentes. O menino branco voltou à sua casa precisando contar tudo o que tinha visto, confessar que saíra sem permissão para um local proibido, desejava uma repreensão que não veio. Aos olhos dos adultos: “Deus era misericordioso: contentava-se com uma habitação miserável, situada longe da rua, e com o sacrifício de uma preta anônima.” A mulher pobre e negra é um ser dispensável, como costumavam julgar a importância social de quem morreu, alegavam que tudo estava bem. Aos olhos da criança, era estranha a bondade de Deus e de Nossa Senhora, os questionamentos começavam a ficar mais

⁴⁷ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.81.

⁴⁸ *Ibid*, p.82.

fortes. Não só com dúvidas, mas também aterrorizado, a imagem da negra dominou a noite do menino.

À noite o sono fugiu, não houve meio de agarrá-lo. A negra estava ali perto da minha cama, na mesa da sala de jantar, sem braços, sem pernas, e tinha dois palmos, três palmos de menino. De repente se desenvolvia em excesso, monstruosa. Sob a testa imensa rasgavam-se precipícios imensos. O nariz era um açuete imenso, de pus.⁴⁹

Durante o dia seguinte, ainda permanecia impressionado. Algumas idéias não se encaixavam e progressivamente a contestação do divino completava-se. Nossa Senhora era ingrata e feroz? Afinal, onde é o purgatório? Que espécie de fogo tem lá? O que uma negra deformada faria no céu dos anjos brancos?

Helmut Feldmann⁵⁰ enxerga os detalhes téticos do evento, mas o interpreta de forma diferente. Para o crítico, o fato determinou obsessões higiênicas do escritor. Realmente existem certas obsessões higiênicas na ficção de Graciliano Ramos, em especial Luís da Silva em *Angústia* e o próprio autor/personagem de *Memórias do Cárcere*. Hipersensibilidade ou sinal de fraqueza, para Feldmann, é o nojo que se sobrepõe como grande lição para o futuro. Aqui, neste trabalho, a interpretação está ligada ao que precede a morte horrível, e, por consequência, ao que vem depois, isto é, a cadeia de eventos.

Taísa Vilese de Lemos⁵¹ critica o trabalho de Feldmann por procurar em *Infância* passagens para eventos surgidos na criação literária do escritor alagoano, reduzindo bastante a obra. Além disso, por querer ver o que está nas memórias como espelho do que acontece em outros livros, inevitavelmente, afasta-se das especificidades do episódio, que é um microcosmo com dinâmica própria. A causa, o efeito e as características dos personagens precisam ser preponderantes para interpretar o texto.

Em *Caetés*, como bem aponta Feldmann, aparece um episódio semelhante de uma negra morta queimada. Contudo, está inserido em um outro contexto, precedido e sucedido por outros acontecimentos. No romance, o caso surge durante o jantar, e em decorrência de uma possível morte de Adrião Teixeira, patrão de João Valério. O personagem central é completamente apaixonado por Luísa, esposa do chefe. Dona

⁴⁹ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.85.

⁵⁰ FELDMANN, Helmut, *Op. cit.*.

⁵¹ LEMOS, Taísa Vilese de. *Graciliano Ramos – A infância pelas mãos do escritor*. Juiz de Fora: Editora UFJF/Musa Editora, 2002.

Maria, proprietária da pensão, relata o evento. “(...) D. Maria José referiu o caso medonho de uma preta que morrera queimada na semana anterior.”⁵² Causa pena e nojo a todos, com exceção do Dr. Liberato, médico minucioso, que se interessa pelos detalhes. O protagonista João Valério e seu amigo Isidoro saem pelas ruas de Palmeira dos Índios e se deparam com um cortejo de defuntos. Isso fecha o capítulo, que deixa no ar como vai prosseguir a angústia de Valério, apaixonado pela jovem e bela mulher de seu patrão doente. Há uma espécie de afirmação do poder da morte nesse trecho da obra.

Nas memórias, o caso da negra morta queimada vem logo depois do capítulo “O Moleque José” e antecede “José da Luz”, outro personagem afrodescendente muito importante para o eu-criança. Como já havia sido anunciado em “Nuvens”, capítulos como “Um Incêndio” servem para o narrador reforçar como os mitos vão perdendo força. Ou seja, quando encaradas de perto, as imagens mudam, ganham outras formas. A criança aprendeu com o menino José que o sofrimento alheio não está tão distante. Aprenderia também com José da Luz, um policial cafuzo, que nem todas as figuras de autoridade devem causar medo, algumas podem ser simpáticas. Aprenderá com a negra morta, mais uma vez, que as pessoas são diferenciadas socialmente. Sob um certo ponto de vista, algumas são sem importância.

Se em *Infância*, na sua totalidade, existe apenas um grande personagem fundamental, neste capítulo em análise existem dois personagens principais: o eu-criança e a negra morta. São dois universos distantes que vão se encontrar. Cada um dos personagens principais, por vontade de praticar suas ações, é diretamente responsável pelos seus próprios sofrimentos. O menino parte do entusiasmo ao pesadelo, a negra dos trabalhos domésticos à “provação espiritual”. Os dois viviam suas rotinas e as quebraram. Romper com o medo e ir para longe com o moleque José foi uma ação diferente na narrativa. O eu-criança soltou-se ao prazer da descoberta e poderia ter visto um grande incêndio de labaredas enormes consumindo cabanas. Não veria nenhuma morte, apenas o povo tentando apagar o fogo. Por outro lado, a menina negra fazia comida junto com a irmã. Fogão a lenha, muito precário para a atualidade, extremamente perigoso em uma cabana com paredes de madeira. Era sua vida diária, seus afazeres domésticos, com uma tranquilidade amparada na fé católica, ligada ao

⁵² RAMOS, Graciliano. *Caetés*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record; Martins Editora, 1976. p.40

poder da imagem de uma santa. Tudo para o qual uma mulher negra tinha sido preparada naquele período histórico.

Esses dois personagens encontram-se: um vivo e outra morta. Ela queimada, destroçada, enquanto ele está chocado com o que viu. A negra queria salvar a santa e não conseguiu. O menino branco queria ver o fogo e também não obteve sucesso. Ser contrariado não é novidade para o eu-criança: em “O Moleque José”, como já foi visto, quando quis torturar acabou sendo torturado. Essas experiências contrárias sempre marcam aprendizagens.

Em síntese, existe uma luta da brutalidade do meio contra as tendências humanistas que despertam no indivíduo. Um duelo que contrapõe, de um lado, a tradição brasileira do homem que tenta acumular riqueza, e, do outro, a formação de um homem que valoriza a arte, a criação de bens sem valor financeiro imediato. Um duelo que gera aprendizagens, que formou a visão de mundo do adulto. O homem “forte” aceita a justificativa de que uma negra miserável morreu salvando a imagem de Nossa Senhora. É tão “forte” que simplesmente avalia o que foi perdido e o que seria ganho com a tragédia. O pequeno Graciliano Ramos ficou chocado com o cadáver, suas dúvidas foram dar no céu. Existe uma pessoa questionadora emergindo contra os valores religiosos, prendendo-se em detalhes que para os “fortes” não são importantes.

Não é possível afirmar com segurança, mas a imagem da cabana pode ter ganho mais espaço com a influência da biografia de Booker Washington. Quando tece seus comentários sobre Washington, na já citada crônica de *Linhas Tortas*, Graciliano utiliza a seguinte frase: “Narrou as desgraças que o afligiram na senzala e na cabana miserável, presente da abolição.”⁵³ A senzala é a habitação, ou prisão, do negro escravo. Um lugar coletivo, onde nasciam crianças e viviam todos amontoados. No Brasil, foi também onde se praticou capoeira e foram mantidos os cultos africanos. A cabana, que alguns negros dispunham na fazenda onde eram escravos, era uma pequena casa de madeira, bastante precária, arrumada para uma família ou indivíduo de confiança alojar-se. Também será comumente o lugar onde os negros poderão morar nas cidades no pós-abolição. Washington viveu assim em Malden, na Virgínia. Ao que parece, em *Infância*, o que existe é um conglomerado de cabanas de madeira, similar às descritas no sul dos Estados Unidos.

⁵³RAMOS, Graciliano. Booker Washington. In: _____ *Linhas Tortas*. Rio de Janeiro: Record, 1984. p.211.

Em suma, a cabana é um presente da abolição, e o presente da abolição é a pobreza. No campo religioso, a desconfiança é com a ilogicidade, diferentemente da vida material, no “outro mundo” onde nem sempre existem as dores, a fome, o calor e o frio. O menino sente e interioriza profundamente os elementos palpáveis: o corpo destruído, a fumaça, a madeira queimada. Tem dificuldade em acreditar nos parâmetros da vida pós-morte. Já havia expressado isso anteriormente na obra:

_Os padres estiveram lá? tornei a perguntar.

Minha mãe irritou-se, achou-me leviano e estúpido. Não tinham estado, claro que não tinham estado, mas eram pessoas instruídas, aprendiam tudo no seminário, nos livros. Senti forte decepção: as chamas eternas e as caldeiras medonhas esfriaram. Começava a julgar a história razoável, adivinhava por que motivo Padre João Inácio, poderoso e meio cego, furava os braços da gente, na vacina. Com certeza Padre João Inácio havia perdido um olho no inferno e de lá trouxera aquele mau costume. A resposta de minha mãe desiludiu-me, embaralhou-me as idéias. E pratiquei um ato de rebeldia:

_Não há nada disso.⁵⁴

A reação da criança no capítulo anterior, “O inferno”, está na mesma linha do capítulo “Um incêndio”, pois não entende como seria possível uma negra, cuja existência aqui tinha tão pouco valor, ir para o céu. “E a negra, incompleta e imunda, não estava no céu. Que ia fazer lá? Estragaria as delícias eternas, mancharia as asas dos anjos”⁵⁵. Não é compreensível que uma forma física destruída esteja junto dos anjos, num ambiente tão limpo, imaculado. Procura lógica na religião, assim como a buscou sempre na sociedade, sem nunca a encontrar.

“O fator econômico no romance” é o título de uma crônica de Graciliano Ramos. Nesse texto, defende que os escritores brasileiros escrevam pensando em aspectos práticos. Um personagem que é operário deve aparecer trabalhando na fábrica. É preciso saber de onde vem o dinheiro para extravagâncias e os motivos concretos da loucura, porque afinal: o trabalho, a rotina, o medo ou a falta de dinheiro podem levar uma pessoa ao hospício. O cronista Graciliano utiliza a imagem de um negociante que “incendeia a própria loja e se suicida”. Segundo ele, não é só isso que deve ser mostrado num romance, mas também o que vem antes. “É intuitivo que o negociante deitou fogo ao estabelecimento porque os seus lucros se reduziam. Digam-nos como se operou a

⁵⁴RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.73/74.

⁵⁵ *Ibid*, p.86

redução.”⁵⁶ A negra morreu porque não tinha outro lugar para morar, não tinha outro jeito de cozinhar, porque acreditava que a imagem de Nossa Senhora valia arriscar a vida. De onde vem tudo isso? Das condições miseráveis oferecidas ao terminar a escravatura, das culturas de obediência e desvalorização humana.

Na literatura brasileira, são encontrados outros textos que pensam a questão racial e o universo religioso. Lima Barreto e Manuel Bandeira reconstróem o céu da forma como suas vidas parecem tê-los feito pensar. O primeiro destaca a exclusão do negro, o preconceito que impede a ascensão, fato que o escritor viveu. Bandeira analisa o paraíso como um lugar receptivo, embora mantenha as mesmas cordialidades e servidões que marcam o relacionamento de classes e raças no Brasil. No conto “O Pecado”⁵⁷, Lima Barreto cria um céu burocrático cheio de registros escritos e hierarquia. A função de São Pedro é receber os mortos e designá-los para os devidos setores da existência pós-morte. O escriturário, “velho jesuíta”, apenas escreve os dados da pessoa, não julga, faz o que é mandado. Causa espanto ao Santo e ao escriturário o fato de um homem cheio de virtudes, incrivelmente sem defeitos, não ter seu lugar garantido no céu. Tudo fica explicado nas observações, quando se sabe que a “boa alma” é de um negro.

No poema “Irene no Céu”, Manuel Bandeira cria uma situação mais tranqüila, simples, faz uma reprodução dos conceitos de um relacionamento bom entre os escravos da casa e os seus senhores.

Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.
Imagino Irene entrando no céu:
— Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
— Entra, Irene. Você não precisa pedir licença.⁵⁸

É um poema modernista que valoriza a linguagem coloquial e enxerga uma negra como pessoa, com humor e boas qualidades morais. Entretanto, é impossível não associar a cena ao já conhecido jeito amistoso de se relacionar entre patrões e

⁵⁶ RAMOS, Graciliano. *Linhas Tortas*. Rio de Janeiro: Record, 1984. p. 258.

⁵⁷ BARRETO, Lima. O Pecado. In: _____ *Vida e Morte de M.J. Gonzaga de Sá*. São Paulo: Brasiliense, 1961. Devo a indicação de leitura ao professor Marcos Mazzari.

⁵⁸ BANDEIRA, Manuel. Irene no Céu. In: _____ *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974. p. 125.

empregados, ou proprietários e escravos, dentro da casa grande. Uma relação vantajosa para quem controla e para quem é controlado. Como será visto ainda neste trabalho, o escravo da casa grande, quando comparado com o escravo da plantação, sempre teve vantagens de sobrevivência. Gilberto Freyre destaca como a relação dos escravos com a religião era recompensadora.

Quando eram negros já antigos na casa morriam como qualquer pessoa branca: confessando-se, comungando, entregando a alma a Jesus e a Maria; e a São Miguel, São Gabriel, São Rafael, São Uriel, São Teatriel, São Baraquiél. Arcanjos louros que devem ter acolhido os pretos velhos como São Pedro à negra Irene do poema de Manuel Bandeira.⁵⁹

Anjos brancos recebendo generosamente negros submissos que aceitaram os preceitos católicos e vão subordinar-se novamente aos brancos, pois eles são os donos do céu e da terra. Por ter morrido tentando salvar a imagem de Nossa Senhora, a negra consegue um lugar junto dos anjos. Irene, por ser boa, de bom humor, entrou direto no paraíso. Mais realista, Lima Barreto acredita que o negro, no máximo, por melhor que seja, apenas conseguirá o purgatório.

O eu-criança Graciliano Ramos está entre os pessimistas. Desde cedo não viu lógica na religião. Exploração e fé religiosa muitas vezes entraram em conflito, e, em outras tantas, fizeram acordos. Como exemplo histórico do Brasil, o caso do conflito sobre os índios: quando os jesuítas desejavam catequizá-los, os colonos queriam sua escravização. Em outros momentos, fé e exploração não discordam. Contraditoriamente, os mesmos negros que aceitavam o cristianismo e podiam confessar-se antes da morte, não tinham a permissão de resguardar os domingos e dias santos, porque o engenho não podia parar sua produção de açúcar.⁶⁰ A posição social das pessoas, na opinião dos homens, pode definir a forma como se relacionam com a religião.

Os pais de Graciliano Ramos minimizaram o evento, alegando que caso o incêndio tivesse ocorrido na importante loja de seu Quinca Epifânio ou na igreja de Padre João Inácio seria um desastre muito maior. Na compreensão da criança, obcecada pela imagem da tragédia, tal alegação não fazia sentido. “A loja de seu Quinca Epifânio

⁵⁹ FREYRE, Gilberto. *Op. cit.*, p.527.

⁶⁰ “Para ver mais detalhes.” Cf. Idem.

e a igreja não tinham nada com o negócio.”⁶¹ Existia uma pessoa morta, destruída, e a comparação com outros de maior “relevância” social não cabia. Isso não diminuía o horror, o impacto. No raciocínio dos adultos, uma negra que morava em uma cabana afastada não faria falta quando comparada com um comerciante ou um padre. Situação similar acontece hoje, quando a mídia repercute de forma bem diferente a tragédia da classe média ou rica, e não noticia mortes horrendas em favelas e bairros pobres.

Sobre Graciliano Ramos adulto, escritor, filiado ao partido comunista, sabe-se que era ateu, mas aceitava a religiosidade de sua filha Clara Ramos. Em Alagoas, foi amigo do Padre Macedo e leitor da bíblia. Sobre a formação da sua falta de fé, os capítulos das memórias mais representativos talvez sejam “Um enterro” e “Um intervalo”. O primeiro marca uma fase um pouco mais avançada do questionamento divino, situado entre “Adelaide” e “Um novo professor”, ambos fundamentais para compreensão das idéias raciais do autor. Não é uma posição definitiva ainda, está em formação uma espécie de subjetividade sem fé, materialista. Já o segundo episódio, é quando entra em cena o conhecimento da ironia. Quando descobre uma possibilidade mais amistosa de relacionamento com as pessoas.

Em “Um intervalo”, a tentativa é fugir da terrível prática escolar, encontrando outro lugar em que possa encaixar-se aceitavelmente aos olhos da família. Bem acolhido pelo proprietário católico Nuno e pelo paciente padre Loureiro, tenta fazer parte da igreja como ministro, mas não consegue lidar com os vários detalhes do ritual. Para sua surpresa, começa a perceber que as pessoas não só o tratarão com desdém ou irritação, mas podem ter diálogos com ele. Curiosamente, ao invés da religião, a criança acaba entendendo mais do que é humano.

“Um enterro” trata do sepultamento de uma criança. O narrador confidencia que foi a primeira vez que entrou em um cemitério, e que já tinha ouvido muitas histórias assustadoras sobre almas de outro mundo e demônios. A criança tem forte admiração por Simeão, o coveiro que morava no trabalho, não tinha medo das almas penadas, não se dava com os vivos, vivia bem com os mortos. O eu-criança foi perdendo o medo dentro do cemitério, sentia nojo, era sujo e feio o lugar. Ficou impressionado com os esqueletos no ossuário, a última parte que sobra de todos.

Termina o capítulo fazendo uma importante reflexão sobre almas e a formação posterior do seu ateísmo. O esqueleto tinha fornecido a certeza de que os ossos eram as

⁶¹RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p. 85.

partes mais importantes, que não iam embora. Em qualquer circunstância continuariam lá. Agora, negava todas as credices automaticamente, assim como havia aprendido a acreditar nelas. Entretanto, ninguém está livre dos seus próprios fantasmas.

Não pretendo insinuar, porém, que me haja encerrado no ateísmo, diferenciando-me dos meninos vulgares. Nem sequer pensei em Deus. O que me inquietava eram as almas. E a minha não morreu de todo. Aquele enorme desengano passou. Os fantasmas voltaram, abrandaram-me a solidão. Sumiram-se pouco a pouco e foram substituídos por outros fantasmas.⁶²

Todo homem tem medo, tem os seus fantasmas. Nenhum tem resposta incontestável para as questões: “de onde viemos?”, “aonde vamos?” ou “por qual motivo estamos aqui?”. Quando não estão atormentados por essas dúvidas eternas, os homens estarão pouco confortáveis com outras questões afloradas pelo seu meio e experiência de vida. A desigualdade social certamente foi desconfortável para Graciliano Ramos, mas também deve ter-se questionado sobre suas fontes de conhecimento.

Descrente? Engano. Não há ninguém mais crédulo que eu. E esta exaltação, quase veneração, com que ouço falar em artistas que não conheço, filósofos que não sei se existiram!

Ateu! Não é verdade. Tenho passado a vida a criar deuses que morrem logo, ídolos que depois derrubo _ uma estrela no céu, algumas mulheres na Terra...⁶³

O poético capítulo final de *Caetés*, uma obra que discute muitas vezes o espiritismo e o catolicismo, talvez seja emblemático para pensar as idéias do autor sobre religião. Depois do até inócuo romance entre Luísa e João Valério, o personagem adquire essa dúvida incessante e honesta. Hoje, século XXI, quando as informações, científicas ou não, brotam por todos os lados e nas mais variadas formas, talvez existam momentos em que se procure salvar algo que represente Nossa Senhora e não a própria vida. Ou seja, algum elemento a que se dá valor e não o que tem realmente valor.

Nossa Senhora é a santa que, entre seus milagres, conta com a soltura das correntes de um escravo que rezava diante dela. Uma imagem que apareceu pela

⁶²RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.175

⁶³ RAMOS, Graciliano. *Caetés*. Rio de Janeiro e São Paulo: Record,1976.p.217

primeira vez no Brasil como negra. É compreensível que tenha uma identificação com os afrodescendentes. Deixá-la no fogo seria uma traição, falta de devoção e poderia até gerar um preço terrível no futuro. Como o negro acorrentado, a negra da cabana, mesmo não sendo escrava, só via uma esperança para sua vida miserável: manter-se acreditando que existe uma realidade diferente desta.

MEU AVÔ

O mundo imóvel e seguro pode perder força? Talvez possa perder alguns dos seus pilares. O proprietário era dono de terra, de bois, de escravos, do corpo das mulheres e das certezas de uma religião que o acompanhara sempre. Quem poderia acreditar que algumas ordens sofreriam transformações? De repente não existe mais um rei, muda-se a moeda, os escravos estão livres. Pequenas desestruturas num universo anteriormente estático. Para os escravos, alguma coisa mudou, mas a condição dos escravos não se inverteu: entre trabalhadores escravizados e trabalhadores livres assalariados existe um hiato. Novamente, a idéia da “melhor sorte numa outra vida” está presente como a única esperança.

Embora o narrador não demonstre entender assim, o capítulo “Meu avô” retrata uma espécie de pausa no percurso de ascensão da leitura do menino Graciliano. A aprendizagem sem sentido e conflituosa que vinha fazendo fica um pouco de lado. Surge um velho espaço conhecido, a fazenda de Pedro Ferro, o avô materno. Em primeiro plano, a presença da mulher negra no pós-abolição continuará sendo o foco de análise, com o adendo de reflexões sobre a função da mulher negra em Graciliano Ramos no geral. Além disso, serão observados: o papel do patriarca; valores religiosos; um diálogo com a recepção crítica na comparação entre os avós por parte de mãe e pai; a acomodação do sujeito ao mundo convencional.

Alguns veriam este capítulo como bucólico. Entretanto, o mundo impassível da fazenda do avô é confuso, tranquilo e, contraditoriamente, perturbador. Gera acomodações, e, com seus eventos regulares e esporádicos, traz novos questionamentos. Lendo “Meu avô” não se está diante apenas de um capítulo, o que se apresenta é um modo de vida com algumas especificidades. Diferente de “Um incêndio”, relato baseado em um evento pontual desencadeador de outros, este capítulo mostra ações repetidas, algumas até mais remotas, uma maneira de olhar a realidade.

A mãe do eu-criança aparentemente vive uma gravidez complicada e por isso vai repousar e ser cuidada na fazenda do pai. O menino chega ferido ao local, pois um animal o picara no pé. Seu parceiro de conversa é seu tio Serapião. Serapo era mais velho que o menino, fato que não acontecia com todos os tios. Na tentativa de manter os estudos do neto, o avô encarregava-se da cartilha. Contudo, Pedro Ferro, assim como seu genro Sebastião Ramos, não tem talentos didáticos. A cartilha sai de cena. Ferro era um homem de atividades práticas, brutalizado e adaptado ao meio em que vivia.

Em dias de matança trepava-me na porteira do curral, via meu avô derrubar a machado, sangrar e esfolar uma novilha, aprumar-se no chão vermelho, as mãos vermelhas. Comparei-o mais tarde aos judeus antigos, Abraão, Isaac, Esaú, religiosos e carnívoros.⁶⁴

Praticava religião “segura e familiar”. Diante de imagens, ajoelhava-se com as negras Vitória e Maria Moleca e ouvia as falas decoradas pela mulher do vaqueiro. Fazia seu ritual privado e como nas suas outras ações: julgava estar fazendo o correto. O mundo equilibrado, onde os brancos mandam e os negros obedecem.

A esposa de Pedro Ferro era uma mulher branca, submissa e confiável: o ajudava a guardar o dinheiro; não reclamava dos relacionamentos extraconjugais do marido; exigia servidão das negras ao seu senhor branco. Após ter parido filhos, os criou dentro dos valores usuais e acreditava na sua superioridade sobre a mulher negra. Uma posição cômoda. As negras, como será explorado, são ex-escravas que permanecem na antiga condição. Maria Moleca totalmente resignada e Vitória ainda sonhando com uma salvação. A fazenda sustentava-se da forma como “Deus permitia”: na seca, os animais morriam, no inverno podia vendê-los e lucrar. Não existia outra lógica e o menino Graciliano tem uma espécie de iniciação nela: curado da ferida, usando camisa de chita, tem contatos íntimos com uma menina. Tomava um caminho para seguir a tradição, a cômoda estrada da tradição patriarcal, onde poderosos homens brancos mandam e podem tudo. Como é sabido, isso não aconteceu. Isso foi interrompido, pois voltou à cidade, e, posteriormente, tornou-se auxiliar de seu pai comerciante. Viveu outras situações, as quais não ficaria exposto na fazenda.

Luís da Silva em *Angústia* teve suas memórias de personagem ficcional enriquecidas pelas memórias do próprio escritor. “Ele (Graciliano Ramos) não é Luís da

⁶⁴ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.125

Silva, está claro; mas Luís da Silva é um pouco resultado do muito que, nele, foi pisado e reprimido.”⁶⁵ Cabo José da Luz, Amaro Vaqueiro e a preta Quitéria são personagens de *Infância*, e, sem mudança de nome e características, são indivíduos lembrados pelo personagem central do terceiro romance do autor. A negra Vitória, muito importante neste capítulo em análise, talvez esteja presente na forma do homônimo em *Angústia*, como a empregada de Luís da Silva. O uso do “talvez” justifica-se porque Vitória não é identificada como negra. O certo é que ela tem quase o mesmo lugar social da Vitória de *Infância*, e, por ato associativo, assim como os outros nomes rememorados, também não é gratuita sua utilização.

A Vitória de *Infância* é uma ex-escrava virgem e com problemas físicos. Revolta-se contra a sua vida, gostaria de sair da cozinha do ex-dono, mas não pode transformar sua situação. Depois do 13 de maio, não tinha para onde ir, símbolo da situação dos negros neste período histórico. Protegia as crianças dos perigos domésticos, fazia comida e limpava. Acreditava no céu dos homens brancos, algo mais ou menos no padrão visto em “Um incêndio”. A Vitória de *Angústia* é uma empregada doméstica em tempo integral (dorme no emprego). Entretanto, é importante frisar que é uma trabalhadora livre e assalariada. Tem a estranha mania de enterrar dinheiro no quintal da casa. A narrativa a alcança por volta de 50 anos com problemas de surdez, mantendo conversas com o papagaio. Um dado marcante é o fato de saber ler, pois adora ler as informações dos navios que vêm e vão do porto da cidade. Ainda assim, evidentemente não dispensa as orações antes de dormir.

O crítico Helmut Feldmann não hesitou em identificá-la como negra. “(..) a figura da preta surda com as suas manias contribui para a condensação da atmosfera deprimente do romance.”⁶⁶ É tentador seguir esta afirmação, mas sinceramente não foi localizado um elemento textual para dizer isso. Mesmo sem esta informação é seguro interpretar que a Vitória do romance é uma recriação daquela conhecida na infância. Negra ou branca, “pessoas da classe baixa” com certeza, não são protagonistas das obras, porém, contribuem para formação do argumento do autor em “Meu avô” e *Angústia*. São os caminhos da memória e da representação, elementos dependentes entre si, como conceitua Adélia de Menezes⁶⁷. As “Vitórias”, nas suas vidas embrutecidas,

⁶⁵ CANDIDO, Antonio . *Ficção e Confissão*: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.p.44

⁶⁶ FELDMANN, Helmut. *Op. cit.*, p.182

⁶⁷ MENEZES, Adélia Toledo Bezerra de. Memória: matéria de mimese. In: Brandao, C R.. (Org). *Faces da Memória*.Campinas: Centro de Memória- Unicamp, 1995.

simplórias, de pequenas expectativas inalcançáveis, não deixam de participar do quadro pintado pelo artista. E ainda que apareçam ao fundo, sem elas a imagem do todo não seria a mesma.

A Vitória romanceada acaba envolvendo-se na atmosfera obsessiva do romance. Luís da Silva, sem dinheiro um dia antes de receber o salário, determinado a perseguir Julião Tavares e Marina rumo ao teatro, recorre ao tesouro da criada enterrado no quintal. Retira o dinheiro e depois o devolve com juros. A ação do patrão não passa sem conseqüências.

Estava sentada, encolhida, movendo em silêncio os beijos moles. E quando levantava a cabeça, mostrava no rosto uma suspeita agoniada. Se ela andava com as suas contas em ordem, certamente se espantava de haver achado em um dos buracos vinte e seis mil-réis a mais; se as contas não estavam em regra, talvez se julgasse roubada. E Vitória engolia em seco, olhava o Currupaco ansiosa, numa interrogação desalentada que fazia pena.

— Vá descansar, Vitória. Você está doente.⁶⁸

A vida simples de Vitória é afetada pelo drama maior do enredo. A organização do mundo da empregada perde-se. Vitória, ao ler sobre o embarque e desembarque no porto, sonhava com outros lugares, com outros tipos de vida, até de forma primária, sem muitos requintes, pois os desconhecia. Também tinha convicções em um céu distante, perfeito. Por isso rezava muito antes de dormir. Julgando pela sua reação, provavelmente suas contas não estavam em “regra” e acreditava ter sido roubada, até mesmo vítima de um castigo divino.

Se a Vitória de *Angústia* não está caracterizada como negra, é seguro afirmar que a sinha Vitória de *Vidas Secas* é uma afrodescendente. A intenção do escritor era justamente contrapô-la ao esposo ruivo e de olhos azuis: Fabiano. Mais esperta que o marido, a mulher faz reflexões que o companheiro demora a entender; de forma rústica, elabora até cálculos. Ocupa o lugar sociocultural da figura negra, embora tenha o conhecimento intrigante, cuidadosamente semeado na narrativa, sobre detalhes da cama de Seu Tomás da bolandeira. Estes são fatos comentados por Ricardo Ramos, a partir da convivência com o pai. Segundo o filho, o escritor comentava muitas de suas intenções

⁶⁸ RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro; São Paulo: O Globo; Folha de São Paulo, 2003.p.123

secundárias na obra literária, algumas não tão fáceis de identificar, mas realmente presentes.

Já não fica tão fácil, de um prisma histórico, localizar a mulata sinha Vitória e o alourado Fabiano em plena ascensão do fascismo, com o mito da superioridade racial ariana, ela cafuza e inteligente a dirigir o marido branco e bruto. Mais que isso, o que poucos percebem, capaz de enganá-lo. (Como é que ia saber da cama de couro de seu Tomás da bolandeira?)⁶⁹

Embora Ricardo Ramos não entendesse que a leitura étnica era tão evidente, fica a certeza da preocupação do autor em tratar desta questão. Mais de uma vez na narrativa, Fabiano faz referência a sinha Vitória como uma pessoa mais racional que ele. “Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo.”⁷⁰

Graciliano Ramos projeta mulheres negras fora dos dois tipos convencionais: o carinho excessivo por negras idosas ou o desejo sexual doentio por negras jovens. A negra idosa, que ressalta ter feito falta no trabalho doméstico, é, antes de tudo, uma mulher explorada por toda a vida, sempre explorada por um proprietário branco. Este processo de recriação de pessoas conhecidas também acontece com José Lins do Rego. O moleque Ricardo, as negras Galdina e Generosa são personagens de *Menino de Engenho* e do seu livro de memórias *Meus Verdes Anos*. Tanto em Graciliano como em José Lins existem personagens que são exatamente iguais na ficção e na memória, como também outros que aparentam ter servido como base para a criação de uma outra coisa.

Exemplos disso são as figuras dos avós nos dois escritores. O velho “Bubu” das memórias acaba sendo mostrado bem menos interventor do que José Paulino. Na verdade, José Lins do Rego (ficcional ou não) parece sempre acreditar numa espécie de bondade do proprietário. Entretanto, com o avô real isto é consideravelmente mais marcado. Recriadas também, duas figuras de avô em Graciliano Ramos chamam a atenção: o real Pedro Ferro (em início de declínio) e o ficcional Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva de *Angústia*, um fazendeiro totalmente decadente, não só economicamente, mas em termos de saúde.

⁶⁹ RAMOS, Ricardo. *Lembrança de Graciliano Ramos*. In: GARBUGLIO, José Carlos et al. *Graciliano Ramos: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1987 (Coleção Escritores brasileiros, v.2)

⁷⁰ RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. São Paulo: Martins, 1972, 30ª ed.. p.136

Pedro Ferro é um simples pecuarista, bem diferente dos latifundiários do açúcar mostrados por Lins do Rego. O avô de Graciliano possui gado e uma fazenda, mas não é dono de toda imensidão como nos conta o escritor paraibano. Em menor porte, ele possuiu escravos e tem funcionários. O senhor Ferro é apegado ao seu meio, ao Sertão. Poderia expandir seus negócios se fizesse investimentos em outras regiões nordestinas, como a Zona da Mata. Contudo, o avô permanece no espaço onde é poderoso, onde seus conhecimentos valem mais. Helmut Feldmann analisa a insistência de Pedro Ferro como uma marca do “homem forte”. Feldmann compara o Sertão e a Zona da Mata. A partir disso, nesta situação, é possível entender como o meio determina o indivíduo e suas relações com o mundo.

A zona da Mata estende-se pela costa; é uma faixa de terra fertilíssima, medindo 50 a 100 quilômetros de largura. Além da Mata estende-se, país adentro, o sertão com seu solo seco, arenoso, pedregoso e com a caatinga baixa, rala, pontilhada de cactos, que perde a sua folhagem durante o verão. O sertão é caracterizado pelo verão que resseca solo e vegetação e o inverno que transforma a terra por alguns meses num paraíso tropical.⁷¹

É um meio definido de sofrimento: a seca, e de júbilo durante o inverno. Somente o “homem forte” poderia suportar tal vida, ser o comandante na desgraça e na abundância. Os únicos sinais de enfraquecimento são: a mudança da moeda no novo período republicano e a abolição da escravidão, a qual o patriarca considera uma insensatez. Neste cenário sertanejo, o proprietário branco não é só um homem, ele é a lei, o sábio e o provedor de tudo. Acima dele, resta apenas uma concepção tradicional de Deus, um ser distante e imaterial, ao contrário da figura palpável e bem próxima do dono de tudo. Apesar desse espaço aparecer nas memórias como uma espécie de tentadora paralisia, um mundo imóvel e seguro, não se nota um saudosismo, como é recorrente no narrador de *O moleque Ricardo*. Na ficção de Graciliano, a saudade está presente como algo menos pior, pois a vida intelectual de Luís da Silva é um grande sofrimento. Mesmo sendo extremamente decaído, o velho Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva causa inveja ao neto adulto. Aquele mundo destruído era mais confiável.

⁷¹ FELDMANN, Helmut. *Op. cit.*, p.80

Conheci Trajano decadente, excedendo-se na pinga e já sem prestígio para armar cabroeira e ameaçar a cadeia da vila. Mas os cangaceiros ainda se descobriam quando o avistavam, tipos sararás de olho vermelho, caboclos de músculos de ferro.⁷²

Lembrava-me disso e apalpava com desgosto os meus muques reduzidos. Que miséria! Escrevendo constantemente, o espinhaço doído, as ventas em cima do papel, lá se foram toda a força e todo ânimo. De que me servia aquela verbiagem?⁷³

Coisas como a literatura, a composição de urupemas, ou qualquer tipo de arte sem valor prático, são terríveis na vida de uma pessoa. Muitas vezes, essas inclinações surgem como um fardo em Graciliano Ramos. Os outros não enxergam sentido e não as valorizam. Na análise do capítulo “Moleque José” já se discutiu as diferenças entre os homens “fortes” e “fracos”, classificando o escritor e o seu avô paterno, Tertuliano Ramos, na segunda categoria. Aprofundando as semelhanças entre avô e neto, é preciso estabelecer que a crítica trabalha muito esta proximidade. Antonio Candido, por exemplo, define a descrição do trabalho obstinado do avô, ao construir urupemas, como sendo o símbolo da vocação artística. Para o crítico, a longa citação é o trecho mais importante de *Infância*:

Tinha habilidade notável e muita paciência. Paciência? Acho agora que não é paciência. É uma obstinação concentrada, um longo sossego que os fatos exteriores não perturbam. Os sentidos esmorecem, o corpo se imobiliza e curva, toda a vida se fixa em alguns pontos – no olho que brilha e se apaga, na mão que solta o cigarro e continua a tarefa, nos beijos que murmuram palavras imperceptíveis e descontentes. Sentimos desânimo ou irritação, mas isto apenas se revela pela tremura dos dedos, pelas rugas que se cavam. Na aparência estamos tranqüilos. Se nos falarem, nada ouviremos ou ignoraremos o sentido do que nos dizem. E como há freqüentes suspensões no trabalho, com certeza imaginarão que temos preguiça. Desejamos realmente abandoná-lo. Contudo gastamos uma eternidade no arranjo de ninharias, que se combinam, resultam na obra tormentosa e falha.⁷⁴

A utilização dos verbos conjugados na pessoa “nós” é muito significativa, pois Graciliano e Tertuliano Ramos confundem-se nesta descrição. Onde começa um e termina o outro? Embora exista a proximidade nítida, contraditoriamente, não é a esse

⁷² RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro; São Paulo: O Globo; Folha de São Paulo, 2003.p.137

⁷³ Ibid, p.138

⁷⁴ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.18/19

avô que o autor consagra um capítulo das memórias, e, sim, ao outro, com o qual tem uma distância imensa no modo de viver. Além disso, por ironia do destino, a tal “vocação” de artista, herdada de Tertuliano Ramos, é usada de forma singular neste expressivo episódio sobre Pedro Ferro. O jogo das consciências (eu-adulto e eu-criança) que tanto aparece durante o livro, em “Meu avô”, fica em segundo plano. É possível afirmar que o eu-adulto domina as impressões do relato, é ele quem analisa a fazenda do avô e as relações sociais que aconteciam naquele espaço. É o adulto quem enxerga e constrói a imagem tão relevante de Vitória e Maria Moleca, as mulheres negras. Estas mulheres miúdas, ninharias diante de uma narrativa focada no “eu”, analisadas pelo viés econômico, fator de grandeza da obra “tormentosa e falha”.

A partir do avô, o leitor conhece tudo que o cerca: seus bois, a imagem de alguns dos seus filhos, sua terra, religião, esposa, e, o mais relevante para esta análise, seus antigos negros cativos. O eu-adulto enxerga Vitória como ex-escrava, uma espécie de máquina desgastada pelo uso do sistema escravista. Seus atributos de mulher estão destruídos. Ela espera por uma melhor sorte na sua salvação. “Se eu morrer na cozinha de seu Pedro Ferro, não me salvo”⁷⁵. Foi o lugar onde morreu e, segundo a avaliação do narrador, maduro e irônico, não poderia ter ido para outro lugar que não fosse o céu. “E com certeza se salvou, porque endureceu na virgindade e conservou o espírito limpo.”⁷⁶

A figura de Maria Moleca é menos trabalhada no capítulo, mas mesmo assim possui um parágrafo inteiro para fixar ao leitor o modo como se posicionava na vida. É a representação da servidão, do lugar baixo reservado na sociedade. Agachada lavando os pés do patriarca branco depois do ritual religioso, curvada diante de tudo.

De cócoras preparava a comida, temperava a panela, atiçava o fogo na trempe de pedras. De cócoras varria a casa com um molho de vassourinha cortado no fundo do terreiro, onde o muçambê e o velame desbotavam. Dormia de cócoras, arrimada à parede, sob as cortinas de pucumã que desciam do teto.⁷⁷

Fica evidente na narrativa, a diferença de personalidade entre Vitória e Maria Moleca. Vitória, mais velha, boa parte da vida escrava, não é tão dócil como Maria, bem mais jovem e crescendo no período pós-abolição. A crença de Vitória na suposta “salvação” contribui para que seja inconformada com a sua condição de escrava, mesmo

⁷⁵ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.126

⁷⁶ *Idem*

⁷⁷ *Ibid*, p.125

depois de 1888. A frase: “Se eu morrer na cozinha de seu Pedro Ferro, não me salvo” rompe com o status quo, é contrária a uma imagem tranqüila e inabalável da “religião segura e familiar” do patriarca. Mesmo sendo submissa, a própria Maria Moleca não esteve sempre servindo. Em “o moleque José” o narrador a julga como possuidora da natureza da mãe, Luísa, e, por isso, “ganhou asas e voou”.

Das “coisas” que giram ao redor do patriarca, os escravos são os que possuem maior destaque. Nem mesmo os filhos e a esposa agigantam-se tanto, são eles que crescem dentro do capítulo. Trata-se de um nó não desatado da cultura brasileira, o problema posto e não enfrentado. Utilizando-se da física, qualquer microcosmo ou macrocosmo que conviva com alguma constante sem resolução no seu núcleo, não poderá ser compreendido como um sistema de funcionamento regular. Em outras palavras, o “buraco negro” brasileiro, criado e mantido por esta sociedade, sempre cobrará o seu preço.

Por isso, não há como concordar com a afirmação de Feldmann sobre o mundo do patriarca: “Possibilita a felicidade de todos. Uma ‘serenidade perfeita’ caracterizava o avô. Ele e o seu mundo pertencem ao ‘tempo áureo’ ”.⁷⁸ Quando criança, Graciliano quase se encaixou dentro desse universo, mas como adulto ele vê sua ferida exposta. Impossível não mencioná-la, uma conduta inescapável para o autor que defendia que quem dormiu no chão, tem que lembrar que dormiu no chão. Na dominância do eu-adulto está a maestria da obra, caso contrário seriam apenas experiências de uma criança, ainda que relevantes, pois trata-se de um contexto histórico em que a infância se diferencia da de hoje. Não é só lembrar, é redimensionar, analisar, perguntar, aprender, criar e desmistificar. *Infância* é um livro do presente daquele que escreve, mais do que um livro do passado, daquele que viveu os acontecimentos. Por exemplo, o adulto sabe que seu tio Serapião, errando bastante, tentava explicar história do Brasil. A consciência adulta é irônica sobre a forma como seu avô via a abolição da escravidão. O fim do sistema escravista era visto por muitos proprietários como uma insanidade. Os escravos não eram tão maltratados, recebiam alimentação e abrigo, muitos diziam que os negros estavam em melhores condições que os trabalhadores assalariados das fábricas européias.

Antes da abolição, alguns pretos haviam abandonado a casa, sido presos pelo capitão-domato, fugido novamente. Meu avô os deixara em paz, julgando-os malucos e ingratos.

⁷⁸FELDMANN, Helmut. *Op. cit.*, p.86

Como se arranjariam? Ali estavam quietos. O serviço exigia pouco esforço, as vaquejadas eram torneios. O proprietário passava dias no banco do copiar ou escanchado na rede, fungando tabaco, um lenço no ombro, de alpercatas e roupa de algodão cru, descarado na bolandeira próxima, tecido no tear doméstico.⁷⁹

Esses negros fujões desejavam simplesmente não estar sob o domínio secular mantido por figuras similares. Preferiam jogar-se ao desconhecido, ir para cidades, favelas, permanecer jogados nas estradas, roubar ou passar fome. Tudo seria melhor que o cativo eterno. Ingratos? Não, inexitem motivos para gratidão. Malucos? Ao louco é atribuída falta de responsabilidade pelas suas ações, incapacidade de discernir entre o adequado e o inadequado. O escravo, é justamente o ser sem responsabilidades, não é considerado como homem, mas sim como coisa. Na verdade, ao fugir, o escravo abandona sua interdição como ser humano e se torna capaz de ter responsabilidade pelo seu destino. Uma necessidade brilhantemente sintetizada por Luís Gama “falta-lhe a liberdade de ser infeliz onde e como queira...”⁸⁰.

A morte é o caminho de todos. A negra Vitória é símbolo do desejo por um melhor fim “Se eu morrer na cozinha de seu Pedro Ferro, não me salvo”. A sentença é marcante, com o desespero e a angústia de uma ex-escrava que continua presa. Em *Alexandre e Outros Heróis*, no texto “Pequeno História da República”, o autor faz uma espécie de literatura infanto-juvenil, na qual explica a formação da república e a queda da monarquia. Existe um destaque especial para a abolição da escravidão em 1888, mais especificamente, para a situação da mulher negra ex-escrava.

No fim de maio a preta velha agüentou mal a irritação dos patrões. Sinhá-moça exigiu qualquer coisa, impaciente, batendo o pé, e a negra, teve um rompante.

__Cativeiro já se acabou, sinhá. Agora é tão bom como tão bom.

Arrumou a trouxa e ganhou o mundo. Depois voltou, arrependida, mas achou mudanças: os brancos arriados, murchos, bambos; as plantações murchas, bambas, arriadas; a fazenda quase deserta.⁸¹

⁷⁹ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.126

⁸⁰ FREIRE, Ezequiel. Texto publicado no jornal A Província de São Paulo, em 13/11/1887, apud FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Globo, 2008.

⁸¹ RAMOS, Graciliano. Pequena História da República. In: _____. *Alexandre e Outros heróis*. Rio de Janeiro: Record, 1981.p.138/139

Na opinião de Graciliano Ramos, o fim da escravidão representou declínio para proprietários que não sabiam sustentar seus negócios sem a mão de obra negra. Para os antigos escravos, a abolição é “tão bom como tão bom”, ou seja, a mesma coisa. Uma vida tão ruim como sempre foi. Era direito do negro sair do trabalho onde não se sentia respeitado, por outro lado, tomava consciência da falta de oportunidades e discriminação que o esperavam. É a formação de uma sociedade equivocada, onde brancos empobrecidos querem reinar como seres superiores, dando ordens e excluindo. Ao mesmo tempo, os negros estavam livres para viver numa sociedade que os considerava feios e incapazes. Não sabiam ler, não possuíam conhecimentos técnicos, bens ou prática de associação trabalhista.

A negra velha se retirou definitivamente, o coração grosso e o estômago roído. Entre os numerosos filhos dela, tipos de várias cores, havia na verdade um alvacento que se casou com moça branca e gerou um sarará que se fez doutor e ganhou dinheiro. Mas isso foi muito mais tarde. Naquele momento a preta velha se achou pequena e sozinha, triste. Açoitou-se num mocambo e morreu de fome.

__Tão bom como tão bom.⁸²

O mocambo representa mais uma vez a imagem da cabana, moradia precária. O verbo açoitar simboliza o ciclo de sofrimento sem fim, estando em liberdade ou não. Antes, os escravos eram alimentados para ficar em pé e produzir, depois, indesejados na sociedade, caso não tivessem a sorte de desenvolver um trabalho manual remunerado ou a coragem para roubar, estariam condenados a morrer de fome. Certamente não foi o caso da virgem Vitória, mas muitas negras tiveram filhos de seus proprietários brancos. Estas crianças, quando eram mais claras, “alvacentas”, poderiam tentar ascender socialmente eliminando sua origem negra. Do ponto de vista do autor, o quadro das relações entre negros e brancos no Brasil, evidentemente, não é amistoso ou harmônico.

Nas produções acompanhadas, é possível notar o enfoque do autor nos aspectos econômicos e religiosos. Não há a focalização da mulher negra no âmbito sexual. A referência ao sexo aparece indiretamente pela informação de filhos, sem fetichismos. Antes de tudo, é uma escrita preocupada com o palpável, inclusive a quebra dos mitos religiosos. No capítulo “Um incêndio” o corpo queimado é mais importante que o gesto

⁸² RAMOS, Graciliano. Pequena História da República. In: _____. *Alexandre e Outros heróis*. Rio de Janeiro: Record, 1981.p.139

de sacrifício pela imagem de Nossa Senhora. Em “Meu avô”, toda a ordem segura do patriarca e a hierarquia natural dos seres humanos está perdendo sua lógica. No excerto de “Pequena história da república”, subjaz a idéia recorrente da “liberdade sem meios para ser empregada”, ou seja, a liberdade que não traz transformações reais.

Ao que parece, para montar a imagem da negra em *Histórias de Alexandre*, o escritor utilizou como modelo duas negras com que teve contato quando criança: Quitéria e Vitória. Ela tem a revolta de Vitória e a fertilidade de Quitéria. Quitéria é a avó do Moleque José e Maria Moleca, teve muitos filhos, machos e fêmeas. O único dado seguro sobre a sexualidade das mulheres negras em Graciliano Ramos é a reprodução. Não há menção à dança, as belas formas corporais ou a uma grande experiência na luxúria. Somente a negra Luísa, mãe do Moleque José, é que parece passar um pouco perto disso, entretanto, o que se pode afirmar com certeza é que reproduz, que pode parir, gerar “negrinhos”.

É curioso, em se tratando de literatura brasileira, que se possa classificar as mulheres negras simplesmente como sexuadas e assexuadas. Ordenando a visão do autor alagoano, de um lado, as que tiveram filhos, e, portanto, sexuadas: Quitéria (*Infância e Angústia*), Luísa e Maria (filhas de Quitéria em *Infância*), sinha Vitória (*Vidas Secas*) e A negra (“Pequena história da república”). Por outro lado, as assexuadas, virgens ou sem qualquer referência ao sexo: A negra (capítulo “Um incêndio”) e Vitória (capítulo “Meu avô”). O escritor não descreve sinha Vitória como sendo uma bela mulher e sobre Vitória, ex-escrava do avô, fala “a pequena máquina desarranjada, tentavam desenferrujá-la e azeitá-la.”⁸³ Novamente, existe uma diferença sensível para José Lins do Rego, que vê as negras em dois extremos: de carinho pelas mais velhas e forte apelo sexual pelas mulatas e negras jovens, algumas, inclusive, com tara sexual irrefreável.

O enfoque dado a Vitória é exemplar para entender as prioridades do escritor no trato da mulher negra. Ela morre, sem se libertar por completo, doente, como uma máquina emperrada que se quebra. A vida está diretamente ligada ao trabalho.

Morreu de supetão, vomitando sangue, debaixo do jirau onde se acumulavam frigideiras, mochilas de sal, réstias de alho. E com certeza se salvou, porque endureceu

⁸³ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.126

na virgindade e conservou o espírito limpo. Fez muita falta, embora, já não podendo ser vendida e com uma banda desconchavada, representasse apenas valor estimativo.⁸⁴

Assim como em “Um incêndio” a mulher negra morre próxima dos instrumentos oferecidos para atividades domésticas. Mulheres com vida de valor terreno muito pequeno, ironicamente vão para o céu. O escritor ressalta a lacuna deixada por Vitória, o seu trabalho prático, ao qual estava tão habituada, teria que ser substituído. A morte da negra também exige a substituição de uma forma de relação de trabalho por outra. O valor estimativo do escravo idoso existe porque o auge da sua força de trabalho foi consumido com voracidade. O costume da literatura brasileira está em priorizar o sexo, “(...) a presença constante e a situação de indefesa da escrava estimulavam sua posse sexual por parte seus senhores.”⁸⁵ Contudo, mais do que propriedade sexual, a mulher negra é a propriedade de custo baixo, utilizável até o fim da vida.

A “Lei dos Sexagenários” de 1885 pode ser lida de diversas formas, entre elas: como a fixação de uma tabela de preços para escravos⁸⁶. A quantia a ser paga, estabelecida por faixa etária, não foi atribuída para os cativos acima de 60 anos. Os negros de maior valor financeiro eram os jovens, com menos de 30 anos. Logo, o escravo velho realmente não representava nada. É a imagem individual de um processo de exploração concluído. Os idosos não foram o foco central da discussão no parlamento, pois estavam usados, o grande debate era sobre o valor daqueles em idade produtiva. Homens e mulheres eram bens comprados e vendidos, e todos os velhos, quebrados e sem conserto, são guardados como estimação até que vão parar em algum depósito depois de mortos.

O céu como um depósito de gente. Talvez, seja uma interpretação forçada de Graciliano Ramos. Mas, com certeza esta é uma imagem mais “útil”, “funcional” e palpável. Tirada a sexualidade, o misticismo, as cogitações de uma suposta inferioridade intelectual, o papel do negro brasileiro é extremamente concreto: os navios negreiros, o comércio de seres humanos, trabalho no eito, na mina, na casa grande, castigos, fugas e quilombos. O mérito do escritor está em tratar do que não é extraordinário.

⁸⁴ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.126

⁸⁵ QUEIROZ JÚNIOR, Teófilo de. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 1975. p.26

⁸⁶ MENDONÇA, Joseli Nunes. *Cenas da abolição*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

Jorge de Lima, em “Essa Nega Fulô” fala do que é possível, mas pouco provável: a negra que toma o homem branco de sua senhora. É o estereótipo da negra que encanta pelo seu corpo. Fulô, acusada de roubo dos objetos de sua senhora branca, vai ser castigada e revela seus dotes físicos quando fica nua.

O Sinhô foi ver a negra
levar couro do feitor.
A negra tirou a roupa.
O Sinhô disse: Fulô!
(A vista se escureceu
que nem a negra Fulô.)⁸⁷

Após o escurecimento, o leitor não sabe o desfecho da cena, apenas supõe (já teria sido sexual ou ainda teriam ocorrido chicotadas). A beleza física de Fulô coloca-se acima das duas hipóteses, e, até mesmo, da idéia de uma acusação falsa da mulher branca. O poeta prende-se ao inusitado e não ao comum. Mostra que uma negra escrava poderia levar uma surra por qualquer capricho dos seus donos, entretanto, acaba enfocando a exceção e não a regra.

O Sinhô foi açoitar
sozinho a negra Fulô.
A negra tirou a saia
e tirou o cabeção,
de dentro dele pulou
nuinha a negra Fulô.⁸⁸

Mariângela Capuano⁸⁹ aponta a posição passiva de Fulô no desfecho do poema. Pois, apenas atraído por sua beleza física, o senhor a deseja como objeto sexual e não propriamente como uma mulher. Novamente, a mulher negra não é vista como um ser humano, e sim como uma coisa. No texto, Fulô não fala, apenas obedece e tira a roupa.

⁸⁷ LIMA, Jorge. Novos poemas ; Poemas escolhidos ; Poemas negros. Rio de Janeiro: Lacerda, 1997. p.9

⁸⁸ Ibid, p.10

⁸⁹ CAPUANO, Mariângela Monsore F.. A literatura afro-brasileira na sala de aula. Disponível em: www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/009/MARIANGELA_CAPUANO.pdf Pesquisado em: 07/06/2009, às 14h00min.

É diferente do que é feito na versão de Oliveira Silveira, na qual a negra atua de forma decisiva para determinar seu destino, impondo sua vontade e não aceitando ser usada.

O sinhô foi açoitar
a outra nega Fulô
- ou será que era a mesma?

A nega tirou a saia
a blusa e se pelou
O sinhô ficou tarado,
largou o relho e se engraçou.
A nega em vez de deitar
pegou um pau e sampou
nas guampas do sinhô.

- Essa nega Fulô!
Esta nossa Fulô!,

dizia intimamente satisfeito
o velho pai João
pra escândalo do bom Jorge de Lima,
seminegro e cristão.

E a mãe-preta chegou bem cretina
fingindo uma dor no coração.
- Fulô! Fulô! Ó Fulô!

A sinhá burra e besta perguntava
onde é que tava o sinhô
que o diabo lhe mandou.
- Ah, foi você que matou!

- É sim, fui eu que matou –
disse bem longe a Fulô
pro seu nego, que levou
ela pro mato, e com ele
aí sim ela deitou.

Essa nega Fulô!
Essa nega Fulô!⁹⁰

Ao questionar: “ou será a mesma?”, coloca em dúvida a versão dos “vencedores” e começa a quebrar o estereótipo do negro dócil, submisso, que teria aceitado a escravidão sem resistência. O leitor não precisa supor o que aconteceu, o que aconteceu é muito bem explicado. A negra mata o homem branco com uma paulada na

⁹⁰ SILVEIRA, Oliveira. Outra Negra Fulo. Disponível em: gramaticadaira.blogspot.com/2009/01/saudade-de-oliveira-silveira.html. Pesquisado em: 07/06/09 às 18h30min

cabeça. Decide seu destino com atitude revoltada e oferece seu corpo ao homem de sua escolha. No contexto da escravidão, ainda que não fosse um simples ato sem conseqüências, pois uma negra que matasse seu senhor não “viveria feliz para sempre”, deixa evidente o conflito. Isto é o básico num mundo em que seres humanos tornam-se propriedades de outros.

A convicção religiosa é uma forma contraditória de posicionar-se diante do futuro. Chegar ao céu depende das ações feitas na terra, isto é, depende da negação à cozinha de Pedro Ferro; depende da salvação da imagem de Nossa Senhora. Ao mesmo tempo, estas ações ficam aguardando um julgamento. O julgamento seria feito por santos e anjos brancos, os mesmos dos homens que as subjugaram no plano terreno. Esta discussão insere-se no âmago do drama de Graciliano Ramos. Na ficção ou nas memórias, o que existe é essa prisão, vida sem saída e de prazeres efêmeros.

Nos dois exemplos poéticos, temos a negra que, de uma forma ou de outra, não foi apenas a mercadoria humana ou força de trabalho. A Negra Fulô e a Outra Negra Fulô demonstraram singularidades, isto é, não são comuns. Pela sua beleza excitante ou revolta agressiva, a escrava dos poemas não cumpriu um ciclo simples do escravo: trabalhar, ser útil, ser castigado como punição por transgredir, e, por fim, morrer como uma peça velha que não serve mais ao conjunto da estrutura. Quantas negras não viveram sob tal rotina? Sob tal desígnio? Acreditando na justiça do outro mundo, na passagem para o céu.

Graciliano enfoca o regular: não é a negra bonita, não é a negra rebelde que agrediu seu proprietário e fugiu. É a negra que se desgastou nos trabalhos domésticos, reclamando, ao mesmo tempo, que se conformava. A escravidão gerou vários tipos de relação entre negros e brancos. Existiram negros que fugiram, negros extremamente fiéis aos proprietários e outros que encontravam formas de comprar sua liberdade. Ao mesmo tempo, também viveram escravos ordinários que não tiveram essas oportunidades. Foram escravos simplesmente, muitos até acreditando que tinham um espaço na família senhorial, ou que, em algum momento, uma justiça divina viria para redimi-los do sacrifício.

NÃO ACEITAR E TENTAR SUPORTAR

Graciliano Ramos não exaltava a beleza da mulher negra. Esta afirmação surge a partir de alguns fatores: primeiro um trecho de *Angústia* representativo sobre a beleza da mulher branca para o escritor; depois, a observação de Antonio Candido em *Ficção e Confissão* sobre a figura repetitiva das heroínas em seus romances; por último, o trecho de uma carta enviada à D.Heloísa (sua esposa), no qual expunha argumentos para que a companheira não tivesse ciúme de outra mulher. São três excertos retirados de universos distintos: a literatura, a crítica literária (percepção alheia) e da correspondência particular. Este desapego à mulher negra como a “fêmea perfeita”, a figura feminina idealizada, favoreceu que a visse como uma trabalhadora explorada e não ficasse preso aos estereótipos comuns.

A própria figura da mulata, como será visto mais adiante, não é sexualizada, como acontece na literatura brasileira. A mulher mestiça vai aparecer como uma professora feia e violenta. Em seus três primeiros romances, o escritor forma casais de um homem branco (intelectualizado ou não) com mulheres loiras (intelectualizadas ou não), todas exuberantes e que atraíam os olhares masculinos. Em *Infância*, aparece a admiração pela figura de Laura “rostinho moreno, as tranças negras, os olhos redondos e luminosos“. É uma admiração e fixação nos belos traços mais brasileiros, mas não é uma descrição sexual. Dentro do menino existe uma resistência em tornar Laura um objeto de desejo sexual. Preferia mantê-la como uma beleza sem corpo, a figura de uma menina inteligente que o impressionava. O eu-adulto reconhece o seu ideal de beleza convencional e pouco realista. “(...) donzelas finas, desbotadas, louras, que deslizavam à beira de lagos de folhetim, batidos pelos raios de luar, cruzados por cisnes vagarosos.”⁹¹

Em sua tese, Eliane Jacqueline Mattalia⁹² informa que Laura teria sido o primeiro amor de Graciliano, sua primeira namorada na verdade, e o nome pelo qual é chamada nas memórias não é o real. Esta pessoa, aqui chamada de Laura, por quem parecia nutrir grande respeito e carinho, assim como sua esposa Heloísa, estavam mais pra afrodescendentes, afastadas do estereótipo de loira. Pelo que se pode concluir, a mulher branca, pertence ao plano ideal do escritor alagoano.

Em *Angústia*, Luís da Silva, desiludido com a frívola Marina, imagina sua vida ao lado de uma desconhecida datilógrafa com olhos de gato. Tal figura, é um rosto na

⁹¹ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.242

⁹² MATTALIA, Eliane Jacqueline, *Op.cit.*, p.104.

multidão, companheira de bonde do personagem quando vai ao trabalho. Imagina uma vida com uma mulher mais constante, numa relação mais tranquila. Como é freqüente na obra, Luís da Silva lembra-se do passado, um modelo de mulher bonita para ele é a prostituta alemã Berta, com a qual dialogou:

O diabo da alemã voltava-me sempre à lembrança, provavelmente por ter sido a primeira mulher bonita e limpa a que me encostei — “Senhor não quer entrar?” Tipo admirável, ariano puro. — “Madame, um sujeito como eu pode agarrar-se a uma pessoa da sua marca?” A ariana pura tinha respondido numa língua embrulhada.⁹³

A mulher branca, bonita e limpa. Considerada superior por Luís da Silva, um homem “fraco” como ele, era indigno dela, de possuir aquela “marca”. Apesar do seu caráter falho e de não ser inatingível, Marina também é uma espécie irresistível aos olhos do personagem. A posse do seu corpo e a imagem que cria dela para si são tão poderosas que acaba consumido, entre outras coisas, por esta paixão alucinante. Antonio Candido critica as heroínas do autor: “todas loiras”, um detalhe que não pode ser desprezado, realmente uma deficiência, visto que o escritor conseguia fazer discussões multiculturais de forma singular. Poderia ter contribuído mais com outras figuras femininas. Em carta enviada à esposa, que por muitas vezes era ciumenta, tenta tranquilizá-la justamente ao evidenciar: “Por segurança, é bom avisar que sinha Maria é preta e não tem dentes.”⁹⁴ O fato de ser negra parece ser ressaltado para dizer que por isso ela não seria uma mulher atraente.

Independente da preferência pessoal, faltou investir mais nessas discussões nos seus romances. No seu tempo, da sua forma, fez discussão de gênero. Juntamente com *Vidas Secas*, a outra obra de Graciliano Ramos que apresenta uma boa discussão sobre o papel independente da mulher é *São Bernardo*. Paulo Honório usava mulheres afrodescendentes, mas quis comprar uma “princesa branca” para casar. Quebrou a cara! Madalena é uma professora de valores humanitários aguçados e sem religião.

Se *São Bernardo* é lido como o “Dínamo emperrado”⁹⁵ do homem reificador, também pode ser lido como a recusa da mulher pós-moderna ao papel tradicional. O

⁹³ RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro; São Paulo: O Globo; Folha de São Paulo, 2003.p.93

⁹⁴ GARBUGLIO, José Carlos et al. *Graciliano Ramos: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1987 (Coleção Escritores brasileiros, v.2) p.240

⁹⁵ LAFETÁ, João Luiz. O Mundo À Revelia. In: _____ *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 1991, 58.a ed.

dínamo emperra justamente porque ela não aceita ser transformada em coisa. Entra no casamento com Paulo Honório pensando nos benefícios materiais. Assim como as mulheres negras, ela teme uma exclusão maior e aceita um “contrato” de vida menos pior. Entretanto, não suporta a rotina e o suicídio é uma escolha para não continuar sendo posse do marido.

Entre Madalena, a negra morta e Vitória fica o traço comum da inaceitação. Na diversidade das formas de negar está a maestria do autor. A mensagem é a de que estas negras tão apegadas à fé estão tentando suportar a vida miserável e o tratamento de objeto que recebem. Apegando-se à salvação ou se suicidando, o autor observa que, em algum grau, não existirá harmonia quando uns mandam e outros obedecem.

CAPÍTULO III

QUEM É O HOMEM NEGRO?

O homem negro ocupa um lugar específico na sociedade brasileira: o mais baixo na pirâmide social. No senso comum, fala-se que o Brasil é um país especializado em identificar negros pela cor da sua pele e não por uma ascendência negra, independente de tonalidades. Entretanto, o que é negro fica meio confuso e não tão simples, pois é associado à negritude o desprovimento de posses materiais. Não ser proprietário de bens de valor e ser subalterno são características, sempre que possíveis, desvinculadas dos brancos.

Historicamente, esta posição desvalorizada do negro foi favorecida. Na música “O homem negro” do grupo *Inocentes* fica estabelecida de forma evidente as possibilidades para a vida de um africano comum trazido ao Brasil. Sua chegada é violenta e involuntária, é mantido em cativeiro, impedido de fugir.

Eu sou o homem negro,
Vim pra cá acorrentado em navios negreiros
Como um animal, como um animal
Enfiei minhas mãos na terra pra plantar
Na Casa Grande o senhorzinho eu fui servir
Como escravo me obrigaram a trabalhar
A trabalhar, a trabalhar
Tentei fugir, mas conseguiram me apanhar
Sem ter pra onde ir
Conseguiram me pegar
Eu apanhei como animal,
Como animal eu apanhei.⁹⁶

Aqueles que conseguiam o refúgio em um Quilombo formaram a resistência negra contra a escravidão. Resistência pouco destacada durante muito tempo. Agora, com a revisão e incentivo da educação afrobrasileira, ganha novos contornos.

⁹⁶ INOCENTES. O Homem Negro. (Em INOCENTES. *Estilhaços*. São Paulo: Cameratti, 1992. Faixa 2, 4min e 17s).

Definitivamente, é necessário repensar os negros como passivos ao regime de escravidão e recebedores de uma liberdade concedida pela bondade dos brancos.

Eu sou o homem negro
Que cansado de apanhar
Fugi para o Quilombo dos Palmares
E fui lutar, como um guerreiro
Meu sangue na terra derramei
Milhares de inimigos em batalha derrubei
Lutei como animal,
Como animal eu lutei
O senhorzinho cansado de perder,
Resolveu então me libertar
Me pagar pra trabalhar,
Pra trabalhar pra receber.⁹⁷

Lutando contra um sistema que o empurra para miséria, ao transformar-se em trabalhador assalariado, a condição de escravo permaneceu ainda, pois é um dependente: com baixo salário e moradia precária. Graciliano Ramos entra em concordância com estas abordagens do assunto, pois é insistente sobre “a falta do que fazer com a liberdade”. Reforçando que a pobreza, a marginalidade e a falta de expectativas são fatores indissociáveis do período pós-abolição.

Eu sou o homem negro
Que sem ter onde ficar
Na favela me instalei
Pra favela me mudei
Na favela fui morar
Fiz de tudo para trabalhar
O que eu ganhava mal dava pra pagar
Cinco bocas para alimentar
Cinco bocas chorando sem parar
Mais uma vez sem opção
Mais uma vez sem solução

⁹⁷ INOCENTES. *Op cit.*,

Eu me tornei um marginal
Um marginal por condição.⁹⁸

A condição de marginal envolve vários aspectos, resumidos pela falta de dinheiro. O homem negro que se apresenta aos olhos do homem branco é ameaçador ou digno de pena, pois irá roubar ou pedir. Quando conformado, ele é um eterno cidadão na mesma classe social, sofre diversas violências, mas tenta viver pacificamente. Seu sofrimento é silencioso e esquecido pelos brancos.

O caso de Fabiano em *Vidas Secas* ilustra o que é o lugar social do negro. Embora seja ruivo, branco e de olhos azuis, a sua condição social o iguala e, de certa forma, o transforma em negro. Contrastando com a idéia de que o negro é definido pela pele escura, está a visão de que existem funções destinadas aos grupos étnicos. Esta é uma percepção que o escritor demonstra também em *Infância* e será analisada a seguir. Uma percepção de que os negros não são donos de nada e fazem apenas os trabalhos manuais.

E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobria-se, encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra.⁹⁹

“Cabra” é um termo brasileiro para falar em filho de negro ou mulato. Ele é um negro por viver hierarquicamente inferior aos brancos. Os brancos o condenam à miséria, e, indefinidamente, ele irá permanecer nela. Não consegue emergir para outra realidade, tem apenas um sonho distante. Ao tratá-lo como negro em sua obra, o autor caracteriza um fardo do afrodescendente: ser desprivilegiado na sociedade. Não é possível saber quais eram as intenções de Graciliano, visto que nunca foi um ativista no debate do tema, mas evidentemente entendia que ser negro no Brasil é ser pobre. Os brancos pobres como Fabiano, casados com negras, também se tornam negros de alguma maneira. A divisão de classes, no país da miscigenação, é, sem dúvida, uma luta racial também.

⁹⁸ INOCENTES. *Op cit.*,

⁹⁹ RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. São Paulo: Martins, 1972, 30ª ed.. p.53

ESCOLA

É curioso que um capítulo com o nome “Escola” quase não se passe dentro do ambiente escolar. Não existe o conceito de que a escola é a mediação entre a vida privada e pública, o estabelecimento que fará a transição entre o domínio familiar e o domínio do Estado. A idéia de escola é simplesmente punitiva, “pra dar um jeito no menino rude, desregrado”, lugar que enquadra as pessoas, prescrevendo lições penosas. A prisão escolar não é a maior parte do foco da discussão de Graciliano Ramos, isso irá acontecer gradativamente na obra, o escritor lidará com as individualidades e não só com o ambiente. Tratará dos problemas e das personalidades.

Portanto, antes da escola propriamente, o capítulo em análise revela como o eu-criança estava antes de chegar até ela. O que o menino pensava sobre si mesmo, sobre seu pai, sobre o futuro e sobre os negros. A figura adulta do homem negro é uma discussão valiosa, muito bem alinhada com a grande reflexão do capítulo: “ser domado pela sociedade”.

Aqui, o leitor tem melhor noção das posições raciais de Sebastião Ramos e do meio em que a família está inserida. Resgatando outros momentos da obra, diante de diferentes homens negros adultos, será interessante comparar o comportamento do patriarca. Por outro lado, o eu-criança é mostrado como alguém indeciso nesse momento. Está indefinida sua adesão fácil aos valores do meio que o circunda, ou a adoção lenta às suas reflexões fortes, seu modo analítico de compreender.

Por volta dos sete anos de idade, o eu-criança torna-se “auxiliar de balcão”. Fica no comércio do seu pai e lá tem contato com uma variedade de homens: caixeiros viajantes, clientes, fornecedores e outros que não compravam nada e vinham “bater papo”. Sebastião Ramos era o comerciante, expunha as qualidades dos seus produtos, pechinchava e dava ordens. Quando a loja tinha movimento fraco ficava pela redondeza, jogando cartas ou gamão, trocando idéias com os seus pares, homens brancos como ele, comerciantes ou proprietários rurais.

São quatro personagens a se destacar neste episódio: o eu-criança (quando se diz eu-criança invariavelmente também existe a consciência do eu-adulto), Sebastião Ramos, o “Negro Velho” e o “Menino Rebelde”. Este momento é um dos cernes da formação do escritor, o menino Graciliano Ramos está tendo sua iniciação no mundo da leitura. Como não poderia deixar de ser, as consciências do escritor alagoano recusam-

se a apresentar a leitura como algo mecânico, e, sim, como uma leitura de mundo. Os personagens em destaque no capítulo “Escola” são constituintes de que ler é interpretar.

O contato com as letras acontece inicialmente com Sebastião Ramos, “Meu pai não tinha vocação para o ensino (...)”¹⁰⁰ “(...) o resultado foi um desastre”.¹⁰¹ Depois, com a irmã natural Mocinha, uma pessoa mais paciente, mas sem conhecimentos muito superiores aos daquele que está ensinando.

Eu não lia direito, mas, arfando penosamente, conseguia mastigar os conceitos sisudos: “A preguiça é a chave da pobreza – Quem não ouve conselhos raras vezes acerta – Fala pouco e bem: ter-te-ão por alguém.”

Esse Terteão para mim era um homem, e não pude saber que fazia ele na página final da carta. (...)

_Mocinha, quem é Terteão?

Mocinha estranhou a pergunta. Não havia pensado que Terteão fosse homem. Talvez fosse (...)

Mocinha confessou honestamente que não conhecia Terteão.¹⁰²

Esta pergunta, ao que tudo indica, só encontrou uma resposta na vida adulta. Talvez a resposta, por ser tão simples, tenha marcado tanto a memória do autor. Afinal, o que ele estava lendo quando criança? O que todas as pessoas estavam lendo? Os conceitos morais duvidosos da cartilha ainda não eram sequer questionados, tudo que sentia era medo da prática terrível. O capítulo “Escola” inicia-se depois que o eu-criança já terminou a primeira cartilha alfabetizadora, quando tem um pouco de liberdade para brincar na rua com os filhos de Teotoninho Sabiá, mas o medo das letras “d, t” o assombram. Na memória guarda o terror da prática da leitura.

Vozes impacientes subiam, transformavam-se em gritos, furavam-me os ouvidos; as minhas mãos suadas se encolhiam, experimentando nas palmas o rigor das pancadas; uma corda me apertava a garganta, suprimia a fala; as duas consoantes inimigas dançavam: d, t.¹⁰³

¹⁰⁰ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.96

¹⁰¹ Idem

¹⁰² Ibid, p.99

¹⁰³ Ibid, p.101

Importante reparar que as letras são inimigas da criança. Ler não é bom. Vai precisar ler mais, sabe que não acabou, enfrentou apenas a primeira cartilha e viriam outras. É inevitável enfrentar o desprazer da leitura. Talvez fosse melhor seguir o conselho da cartilha: “fala pouco e bem”, mas entendia apenas parcialmente o que queria dizer. A leitura era um tormento e continuava não sabendo: “Quem é Terteão?”

A necessidade de saber, de conhecer o sentido e o entender totalmente guiavam o menino perdido para que chegasse em algum lugar melhor. Neste ponto, estão bem definidas de um lado, a leitura que a sociedade quer ou estimula, e, do outro, a leitura que uma pessoa pode construir. Essas forças contrárias aparecem no tipo de leitura que faz do “Negro Velho” (compreensão estimulada e repetitiva), ao contrário do incômodo diante de Terteão. Como bem explica Taísa Lemos:“(...) essas práticas de linguagem contribuíram para formar crianças sujeitadas à língua e à sociedade. Sujeitos, não conscientes de seu poder de autoria, da possibilidade de resistir e criar práticas marginais de leitura (...)”¹⁰⁴.

Os eventos neste trecho de *Infância* dependem da figura de um “Negro Velho”, aparentemente sem ligação com a situação posterior, mas que oferece diferentes possibilidades de acolhimento, convencionais ou não. A partir da imagem do negro é que vai manifestar-se o eu-criança, Sebastião Ramos reinará em deleite orgulhoso do filho, que levado passivamente à escola travará contato com o “Menino Rebelde”, chamado assim, pois se recusa a aceitar o ambiente escolar. O negro é elemento do desencadeamento. O encaixe do eu-criança ao ambiente escolar contrasta com a visão de um negro que não se enquadra ao esperado para o afrodescendente na época.

Foi por esse tempo que o negro velho apareceu, limpo, de colarinho, gravata, botinas, roupa de cassineta, óculos. Estranhei, pois não admitia tal decência em negros, e manifestei a surpresa em linguagem de cozinha. Meu pai achou a observação original, enxergou nela intenções inexistentes em mim, referiu-a na loja aos fregueses, aos parceiros do gamão e do solo.¹⁰⁵

Esta situação é exemplar para entender o meio no qual o menino estava inserido. Pode não existir uma guerra racial no Brasil, entretanto, o racismo brasileiro tem uma lógica que é encontrada aqui facilmente. É a lógica da negação dos direitos aos

¹⁰⁴ LEMOS, Taísa Vilese de, *Op. cit.*, p.119

¹⁰⁵ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.102

negros. Conforme discute precisamente Antônio Sérgio Guimarães¹⁰⁶, os negros não podem ser cidadãos, serão apenas “candidatos potenciais à miscigenação”. O mestiço poderá ter alguns direitos, desde que não tenha uma identidade como negro.

Graciliano Ramos está equivocado ao dizer que seu pai “enxergou nela (sua reação ao negro) intenções inexistentes em mim”. Sebastião Ramos viu no filho a absorção do que o meio oferecia, e, sendo branco, entendeu seu ato como a exteriorização convicta da superioridade ao negro. Portanto, correto, perspicaz e louvável. Pela sua análise, o eu-adulto constrói um quadro de particulares enquadramentos à sociedade, não só seu, como também dos outros personagens destacados. Os movimentos são de ajustar-se ou se opor.

Sebastião Ramos não queria opor-se, queria ajustar-se. Foi visto que buscava ascender socialmente, mas isso não poderia acontecer somente com as empreitadas comerciais. É preciso ter um status na coletividade, é preciso ser reconhecido pelos equivalentes e por aqueles que possuem número maior de posses. Não poderá ser reconhecido e participar dos grupos se não comungar dos mesmos valores. O valor que irá enaltecer é o da inferioridade dos negros, de que existem lugar e condutas aceitáveis para o afrodescendente, e quando estão fora disso, serão repudiados de alguma forma.

No capítulo “Venta-Romba”, o patriarca, investido do cargo de juiz-substituto, vai colocar na prisão um negro mendigo. O preto José Luís era um pedinte, com roupa toda esfarrapada, sofrido, mas de bom humor. Estava acostumado a entrar na casa da família sem bater, enaltecendo o grande homem prestigioso: “(...) da sala à cozinha, ria, gritava, dançava, entusiasmado: - Cadê o nosso juiz substituto?”¹⁰⁷ Venta-Romba reconhece uma autoridade em Sebastião Ramos, é um pedinte habitual, não devia ser visto como uma ameaça ao status do homem branco, pois seu comportamento é exatamente o esperado para o homem negro, vive marginalmente. “O aió sujo pesava-lhe no ombro; o chapéu de palha esburacado não lhe protegia a cabeça curva; o ceroulão de pano cru, a camisa aberta, de fralda exposta, eram andrajos e remendos.”¹⁰⁸

Venta-Romba é o contrário do “Negro Velho”. O personagem do capítulo “Escola” não fala nada, não tem nome, nem mesmo pratica ações, apenas aparece,

¹⁰⁶ GUIMARÃES, Antônio Sérgio. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2005. 2ªed.

¹⁰⁷ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.218

¹⁰⁸ Idem

como uma visão do impensável. Sem passado, sem maiores explicações, ele é a própria negação do papel usual do negro brasileiro, cujo passado não pode ser desconsiderado para entender o seu presente. Venta-Romba é o negro brasileiro, acostumado ao sofrimento, frequentemente vítima das injustiças.

A fome, a seca, noites frias passadas ao relento, a vagabundagem, a solidão, todas as misérias acumuladas num horrível fim de existência haviam produzido aquela paz. Não era resignação. Nem parecia ter consciência dos padecimentos: as dores escorregavam nele sem deixar moça.¹⁰⁹

A descrição acima não é um instrumento para exaltar uma recorrente e suposta “alegria do negro”, ou sua capacidade de superação individual perante os “obstáculos da vida”. Antes de tudo, o escritor está preocupado com a naturalização da desigualdade e da miséria. Resignação seria a renúncia, ou entrega voluntária, uma escolha dificultada ou impossibilitada. Mas não se trata disso, porque não há o que renunciar, não há o que ceder. É o fim da vida de Venta-Romba, ela sempre foi assim, não existe outra forma de viver.

O eu-criança entende que as figuras de autoridade são frágeis ou arbitrarias. Entende que o tratamento que seu pai deu a José Luís era desnecessário, e mais que isso, era facilitado pela posição de Venta-Romba na sociedade. Sebastião Ramos era um juiz-substituto e faria qualquer coisa, desde que não contrariasse o chefe político. Seguindo o cenário de uma família média do período, o que se tem é: uma mulher que se irritou com um mendigo, mandou o seu “Moleque da Casa” (o moleque José) chamar o senhor “juiz-substituto”, que convocou os policiais para impor a força da lei ao homem insignificante.

Um outro homem negro aparece nas memórias, seu nome é José da Luz, um policial cafuzo. Como visto antes, sendo uma autoridade, é um elemento surpreendente, pois não é violento. Figura de poder, como o Padre João Inácio, de longe impõe medo, mas como as nuvens ele vai mudando de figura, aproxima-se do menino que fica sozinho na loja do pai, conversa com ele, canta, responde perguntas da criança curiosa. O eu-adulto o considera um professor, pois o ensinou que nem todos com algum mando são amedrontadores.

¹⁰⁹ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p. 218

Entretanto, a forma como José da Luz se relaciona com o seu trabalho e com o meio no qual está inserido, talvez sejam as percepções mais relevantes para este trabalho. Ele não é como os outros policiais da cidade: é vaidoso, não é desleixado com a roupa, participa da conversa dos pares de Sebastião Ramos. É amável, e, principalmente, não tem a necessidade de desforra ou compensação violenta. Tal atitude é usual entre a maioria dos personagens do livro, inclusive o próprio eu-criança, como foi visto em “O moleque José”.

Vestindo o uniforme, eram insolentes e agressivos, apagavam as humilhações antigas afligindo outros infelizes. Bebiam cachaça, malandravam, torvos, importantes, vagarosos e o desmazelo – cinto frouxo, quepe de banda, topete ameaçador – dava-lhes consideração. Arredios, oblíquos, promoviam sambas e furdunços em casas de palha, onde as violências passavam despercebidas e ninguém se queixava.¹¹⁰

No capítulo “Fernando” existe uma explicação melhor do quanto era violenta a cidade de Viçosa, repleta de vinganças e acertos de contas. O passado de José da Luz não é conhecido, não se sabe de uma situação desfavorável na infância, como o moleque José, ou de uma vida inteira sem qualquer opção além da exclusão total como José Luís. É possível, por meio das particularidades do olhar racial brasileiro, cuja tendência é embranquecer as pessoas de acordo com a posição social, que nem mesmo fosse considerado exatamente negro naquele espaço (era mestiço de índio e negro). O fato é que José da Luz não quer atormentar os pobres, bater nas pessoas ou mostrar o seu poder de “prender e soltar”. Contrariamente, ele lamenta as atribuições do “serviço”.

O policial é uma figura intermediária entre o “Negro Velho” e Venta-Romba. A grande diferença em relação ao primeiro é a profundidade do seu personagem, apresentado além da aparência. E, mais ainda, não existe relato de que tivesse dificuldade em transitar entre aquelas pessoas. Para o segundo, as diferenças estão na escala social, nas distinções óbvias entre a polícia e a mendicância. Chamado de “anarquista” por Graciliano Ramos, contudo, José da Luz não é o negro ameaçador do status do branco. Da forma como foi apresentado em “Escola”, o negro surge para causar uma espécie de distúrbio, sua pretensão (representada pela roupa) não é aceita, ele não é o estereótipo, a zombaria é um ato de negação, repúdio.

¹¹⁰ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p. 88

Seja como uma aparição, sem fala, sem passado e sem futuro, ou, descrito com maiores detalhes e realizando ações, esses homens negros influenciam diretamente o desenrolar da narrativa. Contribuem para a formação das idéias daquele que será o escritor. Venta-Romba e José da Luz são decisivos para pensar o papel da autoridade. Os três negros adultos não trazem em si o discurso da revolta racial. Entretanto, o “Negro Velho” afeta os eventos do enredo exclusivamente por ser negro. Sem sua chegada, ao menos naquele momento, o eu-criança: não teria experimentado uma notoriedade, elogios do pai; ao mesmo tempo paira a sensação de estar sendo enganado com seu gesto repetido e reformulado tantas vezes. Provavelmente, não acabaria indo à escola.

Repugnava-me sair do meu canto e representar, parecia-me que mangavam de mim.¹¹¹

Tornei-me, de qualquer forma, autor de uma frase aparatosa e amaldiçoei o negro velho, origem dela. Incapaz de forjar semelhante coisa, reconhecia-me instrumento de um embuste e desagradava-me ouvir meu pai alinhavar opiniões contraditórias.¹¹²

O embuste foi ter acreditado que poderia integrar aquele meio e reproduzir aquelas idéias sem nenhum ônus. A frase dita por ele ganhou tamanho, ganhou novos contornos e muitas risadas. As repetidas vezes que precisou encenar a ofensa ao negro foram tornando o menino uma espécie de atração teatral. Era elogiado por seu pai, o que era realmente incomum. Depois, quando foi à escola, era novamente absorvido e enquadrado. “Lavaram-me, esfregaram-me, pentearam-me, cortaram-me as unhas sujas de terra”¹¹³, “ (...) saí de casa, tão perturbado que não vi para onde me levavam.”¹¹⁴ Confirma-se como uma marionete do sistema, devidamente colocado onde a sociedade quer. Figurando, ora como diversão, ora como adequação, é comandado por forças maiores que não tem coragem de contestar. Ao contrário do negro, não foge do padrão imposto por outros.

Ao seu lado estava seu oposto, no próprio espaço escolar. Tristemente constata que não consegue rebelar-se, diferente do outro menino, que expressa gritando, chutando e cuspidando sua vontade de não estar ali. “Entrou aos arrancos, e se conseguia

¹¹¹ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.102

¹¹² *Ibid*, p.103

¹¹³ *Ibid*, p.107

¹¹⁴ *Idem*

soltar-se, tentava ganhar a calçada.”¹¹⁵ É outra imagem fora do padrão colocada estrategicamente dentro deste capítulo. Se ao negro “escovado e limpo” ficou o repúdio e a troça, o “Menino Rebelde” gera inveja. O eu-criança “escovado e limpo” não tinha orgulho de sua aparente decência. Sua nova imagem era resultado de imposição.

Para construção e implantação do Instituto de Tukesgee, no Alabama, Booker Washington enfrentou, do seu modo e naquele contexto, a questão do estereótipo do negro. Em suas memórias, fez valorosas reflexões sobre a tradição de imagem negra e as possíveis mudanças tanto do olhar do branco, quanto do negro. Naturalmente, sua escola sofria resistência dos brancos, e, também, por isso:

Esses brancos, adversários da nova escola, imaginavam o negro instruído um homem de chapéu alto, monóculo com aro de ouro, bengala de junco, sapatos lustrosos, luvas de pele, enfim, um sujeito decidido a viver do trabalho intelectual. Outra figura de negro instruído não surgia nos espíritos.¹¹⁶

Como era um conciliador, Washington queria oferecer aos brancos uma certa tranqüilidade. Sabia que existia, também pelo aspecto econômico, um medo branco: pavor de perder a mão de obra barata; de competir com o negro em áreas nas quais antes eram hegemônicas. Nos objetivos educacionais de Tukesgee, reinava a valorização da figura do negro que: tivesse hábitos de higiene como o banho e o cultivo da roupa; soubesse executar trabalhos práticos e aplicar as ciências; gerasse riqueza para si e para o seu meio; não sucumbisse à bebedeira; fosse visto pela sociedade como indispensável. Em suma, desenvolvimentos de habilidades manuais e geração de renda. Contudo, nem todos os negros pensavam desta forma.

Não admitiam relação entre a cultura do trigo e a ciência, e os que tinham sido professores perguntavam se a enxada era compatível com a dignidade de pedagogos. Para afastar dúvidas, habituei-os a ver-me todos os dias, findas as lições, tomar o machado e encaminhar-me ao bosque.¹¹⁷

¹¹⁵ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.107

¹¹⁶ WASHINGTON, Booker T, *Op. cit.*, p. 86

¹¹⁷ *Ibid*, p.93/ 94

Educação pelo exemplo, vigor físico e resultados palpáveis, sem revoluções, sem idealizações de grande transformação. Interpretava as viabilidades do seu contexto e rejeitava firmemente o que considerava vicioso e inútil. Sem dúvida, o utilitarismo do conhecimento determina uma cisão entre *Infância* e *Memórias de um Negro*. O escritor alagoano demonstra um movimento transformador do conhecimento. Pois o eu-criança começa como um pequeno animal maltratado, ignorante e imaginativo, para depois, ao término da narrativa, apresentar-se como um menino de onze anos consciente das suas predileções literárias, com melhor autoestima. Um exemplo disso é a sua própria surpresa com seu comportamento diante de Jerônimo Barreto:

Dirigi-me à casa, subia a calçada, retardei o passo, como de costume, diante das procurações e públicas-formas. E bati à porta. Um minuto depois estava na sala, explicando meu infortúnio, solicitando o empréstimo de uma daquelas maravilhas. Mais tarde me assombrou o arranco de energia, que em horas de tormento se reproduziu. Como veio semelhante desígnio? De fato não houve desígnio. Foi uma inexplicável desapareção da timidez, quase a desapareção de mim mesmo.¹¹⁸

Foi até o tabelião e pediu livros. Gostava de ler, de se envolver naqueles universos. Não convivia com pessoas assim, tão ligadas à leitura, entretanto, entendia que aquela era a sua identidade. A “quase desapareção de mim mesmo” foi na verdade a aparição de um lado dele que se estabeleceria depois. Um construtor de “maravilhas”, o escritor, não consegue deixar de mostrar sua necessidade de literatura. Lê e escreve, mesmo quando preso.

E qual é a identidade do negro? Graciliano Ramos não quer responder isso, apenas levanta o problema. Historicamente, não existiram pontos de apoio para que o negro construísse sua identidade como cidadão brasileiro. Um indicativo da necessidade de suporte na formação pode ser reconhecido no próprio autor de *Infância*, como aponta Márcia Cabral da Silva¹¹⁹, o menino teve alguns elementos de apoio para conseguir tornar-se um leitor proficiente em um meio onde isso não era muito valorizado. A prima

¹¹⁸ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.212

¹¹⁹ SILVA, Márcia Cabral da. *Infância, de Graciliano Ramos: uma história da formação do leitor no Brasil*. 196p..Campinas: 2004. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

Emília, o tabelião Jerônimo Barreto e o amigo Mário Venâncio foram elementos facilitadores para que o menino alcançasse gosto e habilidade de leitura.

Jorge Amado e José Lins do Rego são escritores que criaram, e inclusive, deram protagonismo ao homem negro. Contudo, em termos de imagem do afrodescendente, confrontaram-se com a mesma questão apontada pelo autor de *Infância*. Afinal, o homem negro tem limites na sociedade? O que se deve esperar e cobrar dele? Para David Brookshaw¹²⁰, escritores brancos, como os dois citados, sempre esbarram em algum preconceito internalizado quando desenvolvem personagens negros, ainda que não tenham intenções depreciativas.

O correspondente de *Infância* na obra de José Lins do Rego é *Meus Verdes Anos*, livro de memórias, no qual, o escritor mostra como formou sua subjetividade e faz entender melhor sua criação artística. É um homem realmente oriundo do meio que retrata. Nas memórias, destacam-se três negros em posição parecida com o “Negro Velho” apresentado por Graciliano Ramos. São negros que fogem do estereótipo em ações e vestimenta.

Todos esses negros são encontrados na fazenda Maçangana, concedida por seu avô a sua Tia Iaiá, casada com José Francisco de Paula Cavalcanti, o popular “Trombone”. Trombone não tinha nada, era pobre, enquanto que Iaiá era feia, muito feia e muito rica. José Francisco era um homem esperto, aprendia com facilidade e era bem informado. É descrito como: “Não havia homem mais ladino do que ele.”¹²¹ Ladino é uma palavra que pode ter uma conotação racial, dada ao homem negro ou mestiço que aprendia e fazia qualquer coisa. Na verdade, não fica explicitado se Trombone é mestiço ou não, o certo é que sua casa vivia cheia de negros, como descreve o narrador. “Havia mesmo um chamado Sebastião que minha Tia Iaiá tomara desde criança para criar. O moleque vestia-se todo chibante e tocava bandolim.”¹²²

Sebastião não é um negro adulto, sua idade é imprecisa. É dito que é um moleque, entretanto, será aproveitado aqui (e não no capítulo do tema Moleque), porque seus privilégios permitem inferir que sua vida adulta será fora do padrão. Orgulhoso de sua roupa, com domínio da técnica do violão, desde pequeno experimentando a proteção da esposa do proprietário, era uma espécie de atração da casa, que vivia cheia de gente. A forma como o narrador se refere a ele é de surpresa, pois a imagem que tem de

¹²⁰ BROOKSHAW, David. *Op. cit.*.

¹²¹ REGO, José Lins do. *Meus Verdes Anos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957. p.229

¹²² *Ibid*, p.230

meninos negros é diferente. Convivia com os moleques no engenho do seu avô e aqueles não se assemelhavam a Sebastião.

O negro Mendonça é comentado como: “Era comensal de Trombone um negro chamado Mendonça, muito falante e metido a político.”¹²³ Não entra em detalhes sobre vestimenta, mas sabe-se que ele senta à mesa, e fala de política, fato extraordinário para um negro no período (primeira década do século XX). Sem dúvida, inclusive pelo maior destaque que possui, o negro mais simbólico para esta análise, é Benevenuto.

Pareceu-me uma coisa estranha a chegada de um comerciante rico da Capital. Era um negro casado com uma mulher branca e bonita. Um negro rico e tratado com a maior consideração. Tinha o nome de Benevenuto, e Trombone o cercava de conversa. Se não me engano, já havia ele herdado do pai a fortuna.¹²⁴

O adjetivo “estranho” é emblemático. Benevenuto é uma exceção inimaginável sob todos os aspectos. Ele aparece como hóspede na casa de Trombone, e posteriormente, hospeda o compadre e a família na sua propriedade. Vai além do “Negro Velho” de Graciliano Ramos, porém, não se nota uma possibilidade interpretativa nas memórias do autor de *Menino de Engenho*, pois, sobre estes negros, traz somente imagens ao leitor. Eles são partes do contexto, mas não decisivos para as tensões vividas pela criança ou influentes nas reflexões do adulto que narra.

Novamente, ponderando o olhar racial brasileiro, é possível que “o proprietário negro” não fosse visto como negro. “Em torno de Benevenuto sentavam-se brancos que o tinham na conta de amigo.”¹²⁵ Ao tratar-se de um indivíduo negro buscando inserção entre brancos, e não de uma classe reivindicadora afrodescendente, os casos isolados vistos em José Lins do Rego, espelham as possibilidades de assimilação dentro do racismo brasileiro, pois este é impulsionado pelo preconceito de marca e não de origem, caso dos Estados Unidos. Para o brasileiro o que define a pessoa como negra é a cor, não a árvore genealógica. Esta marca da raça negra pode ser atenuada, conforme explica Oracy Nogueira.

¹²³ REGO, José Lins do, *Op. cit.*, p.247

¹²⁴ *Ibid*, p.234

¹²⁵ *Ibid*, p.269

(...) no Brasil, a experiência decorrente do problema da cor varia com a intensidade das marcas e com a maior ou menor intensidade que tenha o indivíduo de contrabalanceá-la com outros característicos e condições como elegância, talento, polidez, instrução etc.¹²⁶

O adulto José Lins do Rego confirma essa atenuação “O negro recebia como um grande.”¹²⁷ O único personagem branco que abomina e repudia declaradamente Mendonça e Benevenuto é Vitorino. Vitorino é um desatinado local, falastrão e brigão. Tido como louco por todos, fala tudo que vem a mente, não poupa ninguém. Odeia o apelido de Papa-rabo, dado porque “mandara cortar a cauda do seu cavalo”.

Tinha horror aos negros, e o prêto Mendonça, cria de Maçangana, sofria o diabo em suas mãos. Quando chegava à mesa do engenho e encontrava Mendonça sentado, não havia jeito de ficar. E gritava: “Negro só mesmo São Benedito, e isto porque está no céu”.¹²⁸

Papa-rabo, com o negro Benevenuto no engenho, não aparecia: “Não me sento com negro para comer. Lugar de negro é na cozinha”.¹²⁹

Papa-Rabo é como uma criança, fala o que todos cogitam. Racialmente ou não. Fala abertamente que Trombone casou-se por causa do dinheiro e faz comparações entre os senhores de engenho. Curiosamente, o narrador informa que Vitorino é casado com uma parda “de quem apanhava como menino”. Este velho insensato, tomado como “bobo do rei”, estava sempre presente nas festas dos engenhos locais. Iaiá é a única totalmente contrária a ele, e o mesmo, por seu turno, não a poupa dos ataques por ser uma mulher pouco bonita.

O eu-criança de *Infância* teve um ato de Vitorino: impulsivo. Surpreendeu-se com a notoriedade imensa, desfrutou dela desconfiado e se descobriu agredido pelo que a sociedade queria dele. Estava procurando um papel para encaixar-se, porém, os eventos o fizeram vislumbrar algumas atribuições indesejáveis, pois percebe que não quer viver reforçando os discursos do pai. Vitorino aceitou seu papel e quem o cerca também. De forma burlesca reforça idéias do senso comum e não reflete sobre sua própria condição de vida.

¹²⁶ NOGUEIRA, Oracy. Entrevista ao jornal A Gazeta, de 02/11/1966, apud QUEIROZ JÚNIOR, Teófilo de. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 1975.p.79/80.

¹²⁷ REGO, José Lins do, *Op. cit.*, p.268

¹²⁸ *Ibid*, p.75

¹²⁹ *Ibid*, p.235

A dualidade confrontação/conformação torna-se uma interpretação viável para a obra *Jubiabá* de Jorge Amado. Aqui colocado, o livro não tem margem de comparação com as outras obras citadas em termos de extensão da participação do negro. O elemento afrodescendente não é só influente neste livro, ele é protagonista, fator importante para visibilidade negra e educação racial, desde que não seja feita para reforçar idéias pré-concebidas.

Antônio Balduino e Jubiabá, são dois homens negros. O primeiro é mostrado desde criança, quando era moleque e morava no morro do Capa Negro, onde desenvolvia sua subjetividade e liderança desde cedo. O segundo é o líder espiritual do mesmo morro, feiticeiro poderoso que guarda traços da cultura africana e a memória da escravidão. Embora esteja no título do romance, Jubiabá não é o protagonista, e sim Antônio Balduino. Toda sua trajetória, sua coragem e seus medos são apresentados. “Baldo” reúne em si várias das características atribuídas aos negros: força física, habilidades manuais e resistência. Gregory Rabassa observa que ele faz parte de um projeto maior.

É um romance mais complicado e realizado, onde Jorge Amado criou uma galeria completa de personagens de grande realismo e personalidade. No protagonista ele deposita todas as esperanças da gente negra da Bahia. Apesar do fato de Antônio ter que carregar durante o romance tamanha carga doutrinária, a sua personalidade é marcante, como se ele tivesse sido escolhido para representar um personagem saliente e ao mesmo tempo encerrar todas as aspirações de sua raça e de sua classe.¹³⁰

Existe uma dinâmica admirável, na qual o poderoso Jubiabá permanece inalterado. Possui um tipo de conhecimento valorizado onde vive, entretanto, não subverte a imagem do negro na sociedade, e também não tem interesses em subir nela. Baldo é mutável, representativo do coletivo, ao mesmo tempo que é singular. Nele existe um desejo de ser vencedor e não vencido na luta de classes.

O “Negro Velho” de Graciliano Ramos, por meios que o leitor desconhece, aparentemente fez a transformação: de uma imagem de negro para outra, é uma ruptura do estereótipo. Baldo é a transformação em processo, cujo resultado imprevisível talvez nunca acabe. Sobre ele, o leitor conhece tudo. Tem o desejo de transcender os domínios

¹³⁰ RABASSA, Gregory. *O negro na ficção Brasileira; meio século de história literária*. Tradução de Ana Maria Martins. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965. p.283.

onde Jubiabá é onipotente, quer participar da luta contra os empregadores. A narrativa acompanha sua mudança de valores, apontando que o homem negro pode ter força no mundo das palavras, convicção de que deve ir ao debate público e não ficar restrito as atividades práticas.

Antes de tomar consciência da luta entre proletários e proprietários, Antônio Balduino desejava ter apenas um ABC em sua homenagem (registro musical popular dos feitos de um herói local). Através dele seria reconhecido no antigo universo. E almejava ser como Zé Camarão, um músico vagabundo, valente e desordeiro. Entretanto, encaminha-se para ser um novo negro, uma ameaça aos brancos, alguém mais próximo de Zumbi dos Palmares, cuja história conheceu contada pelo pai de santo.

_Tu também vai fazer greve, negro? Tudo por culpa da princesa Isabel. Onde já se viu negro valer de nada? Agora o que é que se vê? Negro faz até greve, deixa os bondes parados. Devia era entrar tudo no chicote, que negro só serve para escravo...Vai pra tua greve, negro. Os burros não livraram essa cambada? Vá embora antes que eu te cuspa, filho de cão...¹³¹

Como se observa, mais uma vez, o repúdio é a reação ao comportamento inesperado. Embora exista o valor do negro feiticeiro como Jubiabá,¹³² este não deixa de ser estereótipo de um negro marginalizado, valorizado pela sua produtividade: no seu caso, de curas ou feitiços. Jubiabá é o negro antigo, uma força importante de conservação de identidade africana, mas que, para o mundo burguês, é limitado. Para o novo negro é insuficiente ser sambista, feiticeiro ou lutador de boxe. O novo negro reclama por ascensão, por poder econômico. Não aceita que a generosidade ou a justiça não estejam presentes, como demonstra a figura de linguagem do “olho da piedade secado”. Para este tipo diferente de negro, se o “olho da ruindade” está cheio, a reivindicação do trabalhador o fará secar.

Antônio Balduino vai para a casa de Jubiabá. Agora olha o pai-de-santo de igual para igual. E lhe diz que descobriu o que os ABC ensinavam, que achou o caminho certo. Os ricos tinham secado o olho da piedade. Mas eles podem na hora que quiser secar o olho

¹³¹ AMADO, Jorge. Jubiabá. São Paulo: Martins, 1961. p. 278.

¹³²“Sobre o status do líder religioso negro”. Cf: MATTOSO, Kátia M de Queirós. O liberto, ponte nas relações. In: _____. *Ser Escravo No Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.p. 234

da ruindade. E Jubiabá, o feiticeiro, se inclina diante dele como se ele fosse Oxolufã, Oxalá velho, o maior dos santos.¹³³

Agora adulto, Baldo interpretou os “ABC” de forma revolucionária, não só como cantos de lutas e ousadia, mas com um objetivo final. Por desdobrar a realidade e querer transformá-la, o feiticeiro o vê como um igual, um negro de poder, com conhecimento e armas para uma luta contra os perpétuos escravizadores. Embora seja um ícone da reação do seu povo, é impossível não mencionar a crítica de Brookshaw¹³⁴, a existência de um grave e pertinente problema na constituição de Antônio Balduino: sua relação refreada com Lindinalva, a menina branca rica, posteriormente, falida e prostituída. Balduino tem uma subserviência a essa mulher branca, com quem não faz sexo (grande temor de Lindinalva, mesmo sendo prostituta), ao mesmo tempo, que a ajuda incondicionalmente. Para o crítico norte-americano, Baldo fica numa posição de “fera” e Lindinalva como uma espécie de “pureza branca”. Na interpretação de Brookshaw, o resguardo de Lindinalva representa o medo do homem Jorge Amado, o pavor do branco na disputa sexual com o homem negro.

É importante acrescentar ainda que Jorge Amado carrega muito na sexualização de Antônio Balduino (sexo com negras) e na idealização do confronto entre classes. Contraditoriamente, de um lado, o escritor consegue ser apenas um otimista panfletário e conservador de estereótipos, e, por outra parte, o criador de um símbolo de resistência negra, salientando no seu protagonista uma rebeldia diante das novas formas de cativo, depois da abolição.

Seria muito interessante se Graciliano Ramos tivesse contribuído dando voz ao afrodescendente em uma estrutura mais extensa. É compreensível que não tenha tomado este rumo, pois também corria o risco da estereotipia. Ainda que o “branco brasileiro” compartilhe de inúmeros vínculos culturais com o negro brasileiro, o próprio Graciliano demonstra os distúrbios nessa relação racial. Sendo branco, relatava da sua perspectiva. No gênero crônica, confortavelmente identificou um homem forte em Domingos Jorge da Costa.

Tem sessenta e oito anos, a pele negra, os cabelos encarapinhados. Nasceu em Pernambuco, chama-se Domingos Jorge da Costa e, sem nunca ter ouvido falar no

¹³³ AMADO, Jorge, *Op. cit.*, p.314

¹³⁴ BROOKSHAW, David. *Op. cit.*, p.133-136.

conde de Gobineau, é inimigo natural dele. Vende peixe nas ruas e faz comícios contra os alemães e o racismo, num botequim em Sampaio, defronte do Ginásio 28 de Setembro. Distingue-se assim de muitos arianos nacionais e intransigentes que, desdenhando raças inferiores, buscam disfarçar a escuridão da epiderme.¹³⁵

Esta crônica publicada em *Linhas Tortas* mostra como o escritor considerava exemplar um negro que assumia ser negro. O elemento negro consciente seria contrário aos racistas científicos como Gobineau, incentivadores do branqueamento, e, por seu vigor ideológico, torna ridículos os “arianos nacionais” como Oliveira Viana, que se esqueciam das suas próprias origens, posicionando-se como brancos.

Domingos é uma espécie revisada de homem forte. No capítulo “Moleque José” viu-se a importância irônica deste adjetivo, aqui usado num sentido mais restrito. A força está nas habilidades práticas: força física e disposição (mesmo não tendo um braço). Ao mesmo tempo, ela também está nos ideais, convicções políticas e raciais. Assume sua identidade negra e, o que é muito relevante, proporcionou ascensão social para os seus descendentes.

Ahn? Julgamos ter ouvido mal. As criaturas que vendem peixe nas ruas calçam tamancos e vestem roupa safada em geral não têm filhos médicos, especialmente quando são pretas. De fato, Domingos Jorge da Costa, vendedor ambulante de peixe em Sampaio, não tem um filho médico: tem três filhos médicos.¹³⁶

Totalmente fora do padrão, esta crônica, de 1943, mostra um “negro velho”, proprietário de bens e com três filhos médicos. A multiplicação de homens como ele seria o começo da criação de uma classe média de negros. Em “Escola”, o “Negro Velho” é uma imagem rejeitada pela criança que absorvia os preconceitos do seu meio. “Um homem forte” é uma personalidade de resistência, admirada pelo adulto que não aceitou muitos dos valores em vigor no seu ambiente de formação, preferindo ser um pensador independente.

Para muitos, a independência do escritor Graciliano Ramos da corrente regionalista nordestina fica bem marcada no romance *Angústia*, cujo tempo, espaço e ações são, em grande parte, o fluxo interno do personagem Luís da Silva. O nordeste é o

¹³⁵ RAMOS, Graciliano. Um homem forte. In: _____. *Linhas Tortas*. Rio de Janeiro: Record, 1984. p.236

¹³⁶ Idem

espaço, mas poderia ser qualquer outro lugar. A continuidade do tempo é sempre cortada por investidas da memória e muitas das ações são hipotéticas. Nas lembranças de Luís da Silva está o Mestre Domingos, ex-escravo de seu avô Trajano. O ex-escravo é uma figura de negro adulto que sintetiza muito dos apontamentos feitos desde o quadro apresentado em “Escola”, passando por outros autores, até o outro Domingos, “O homem forte”. Mestre Domingos é síntese do relacionamento entre homens negros e brancos, ou, do conflito entre raças.

O preto era um sujeito perfeitamente respeitável. Em horas de solenidade usava sobrecasaca de chita, correntão de ouro atravessado de um bolso a outro do colete, chinelos de trança, por causa dos calos, que não agüentavam sapatos. Por baixo do chapéu duro, a testa retinta, úmida de suor, brilhava como um espelho. Pois, apesar de tantas vantagens, mestre Domingos, quando via meu avô naquela desordem, dava-lhe o braço, levava-o para casa, curava-lhe a bebedeira com amoníaco. Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva vomitava na sobrecasaca de mestre Domingos e gritava:
__Negro, tu não respeitas teu senhor não, negro!¹³⁷

Mestre Domingos possuía uma espécie de comércio, e, pelas suas roupas, nota-se que logrou alguma ascensão social depois da escravidão. Os calos nos pés são marca do cativo, dos trabalhos forçados e excessivos. Marcas do abuso dos brancos que o impossibilitam de vestir-se totalmente da cultura do homem livre. Mesmo assim, ele é uma figura muito mais digna que o seu ex-senhor, pois parece pronto para uma convivência pacífica e respeitosa entre brancos e negros.

A falta da mão de obra escrava significava uma perda psicossocial para o homem branco. Até por isso, pois temia perder posições hierárquicas consideradas naturais, o Brasil, comandado por brancos, também nunca quis acolher o elemento negro na sua sociedade do trabalho livre, republicana e pretensamente liberal. Mestre Domingos é uma exceção porque encontra uma atividade de geração de renda, e, ao mesmo tempo, porque não tem sentimentos de vingança (como o próprio Graciliano Ramos vai destacar no capítulo “Adelaide”).

Marginalização desde quando eram moleques, negação de direitos como homens adultos. Esta é a existência dos negros no mundo dos brancos. Embora, do ponto de vista biológico, só exista a raça humana, e seja equivocado falar em “raça branca” ou

¹³⁷ RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003. p.10

“raça negra”, sociologicamente, ao contrário, a raça humana é que não existe. A desigualdade social e econômica entre negros e brancos é resultado de uma postura de repugnância ao negro, tal qual a fez o eu-criança. Este tomaria consciência depois que todos “estamos no mesmo barco”, sendo oprimidos, com maior ou menor intensidade, pelo conjunto de valores da sociedade.

O chicote do feitor num avô negro, há duzentos anos, a emboscada dos brancos a outro caboclo, em tempo mais remoto... Estudava-me ao espelho, via, por entre as linhas dos anúncios, os beijos franzidos, os dentes acavalados, os olhos sem brilho, a testa enrugada. Procurava vestígios das duas raças infelizes. Foram elas que me tornaram a vida amarga e me fizeram rolar por este mundo, faminto, esmolambado e cheio de sonhos.¹³⁸

Os adjetivos “faminto” e “esmolambado” cabem perfeitamente para a figura do mendigo acostumado ao sofrimento, “Venta-Romba”. Por outro lado, “cheio de sonhos” enquadra-se para Antonio Balduino. Talvez seja uma síntese de muitos indivíduos brasileiros, negros e brancos, uma espécie constante para as pessoas deste lugar violento e injusto. Enquanto não pensarmos o presente como resultado do passado e não entendermos que se paga hoje pela arbitrariedade de ontem, os sonhos de um Brasil diferente já nascerão devedores de uma reparação aos negros. Desta forma, brancos e negros serão sempre raças infelizes, divididas, separadas, opostas e intolerantes.

¹³⁸ RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003. p.152/153.

O DIREITO DE FUGIR DE UM ESTEREÓTIPO

Situações de repúdio e frases de uso comum são aspectos que espelham a condenação do negro brasileiro a um estereótipo. Ser pobre, trabalhador sem descanso e indigno de ocupações intelectuais são pilares desta prisão bem visível, na qual, antes de tudo, fica marcada a impossibilidade de ascender economicamente. Mais do que reclamar a existência de uma classe média de negros, uma função libertadora da literatura é a simples demonstração das variáveis humanas, das contradições, dos diferentes desejos e susceptibilidades.

Os negros não todos iguais. Frases como: “Trabalhando como negro”, “Não sou negro fugido” ou “Lugar de negro é a cozinha”, colhidas em diversos contextos nas obras de Graciliano Ramos, são reveladoras do papel do negro ligado exclusivamente à escravidão. Comprados como peças por mais de trezentos anos, a individualidade ficou esquecida. Em *Memórias do Cárcere*, Graciliano Ramos acaba promovendo uma importante reflexão sobre a dualidade humana. Representadas por dois policiais negros, a grosseria e a gentileza convivem na asquerosa embarcação que transporta a grande população de presos, políticos ou não, para o presídio da Ilha Grande no Rio de Janeiro.

Nesse estado, meio inconsciente, de costas, as mãos cruzadas no peito, distingui a pouca distância um polícia negro junto à amurada. Despertei num instante, pensei na criatura bestial que me fizera descer a escada fixando-me uma pistola às costelas. A suspeita e o calafrio de repugnância num momento cessaram. O indivíduo ali próximo não se assemelhava ao bruto corpulento: era um rapaz alto, magro, de feições humanas; debruçado, parecia examinar o interior do porão.¹³⁹

Para que fique bem entendido, no dia anterior, um homem negro o empurrou e o apressou para que entrasse no navio: armado e intolerante. Por um momento, imagina ser o mesmo negro, mas depois percebe que está próximo de outra pessoa. “___Faz o obséquio de me dar um copo de água?”¹⁴⁰ Foi a solicitação devidamente atendida, repetindo quatro ou cinco vezes a operação.

Ao final, o escritor analisa e conclui que não merecia nenhum dos tratamentos. As ações, negativa e positiva, haviam sido exageradas. A grande diferença de conduta foi resultado das características individuais: embora fossem ambos policiais e negros,

¹³⁹ RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. São Paulo: Martins, 1954. 4ª Ed.p.129

¹⁴⁰ Idem

não são a mesma pessoa. Acostumado à brutalidade, como é notório desde o começo da vida, Graciliano Ramos considera este negro caridoso uma exceção dentro do mundo. Quando criança, o negro vestido da maneira convencional burguesa foi uma exceção, depois, amadurecido, são as ações de um negro que o surpreendem. Na infância e na idade adulta, os tipos de surpresa revelam o novo olhar, a consolidação das aprendizagens humanistas.

Como resultado de tudo isso, cabe ressaltar novamente qual deveria ser o papel do negro no Brasil. O negro não tem que ser o salvador da sociedade brasileira, assim como, ao mesmo, não lhe pode ser imputada a desorganização do país, pois a presença negra não é um fator de inferioridade. Como qualquer ser humano, negros e negras devem ser agentes e pacientes da vida: sem a condenação da estereotipia.

CAPÍTULO IV

PROFESSORES IMPROVISADOS E INTERMEDIÁRIOS

Na crônica “Professores Improvisados”, Graciliano Ramos mostra o que significava tornar-se educador no nordeste brasileiro em início do século XX. Não era uma escolha a partir de uma vocação para o magistério; tampouco resultado de um sistema educacional formador de múltiplas habilitações, entre elas, a de lecionar. Ainda hoje não muito diferente, na época, ser professor era um meio de sobrevivência que gerava benefícios: algum estatuto de pessoa intelectualizada, obter dinheiro e valor hierárquico.

No mesmo texto, o autor ironiza o fato dos professores sertanejos ensinarem antes de aprender. Inclusive o próprio escritor, por motivo financeiro, está colocado neste rol de educadores repentinos, ao utilizar seus estudos autodidáticos de idioma para transformar-se em professor de italiano. Exagerando, pois provavelmente seria mais meticuloso e tinha mania de desvalorizar seus trabalhos, explica como funcionava seu plano: “___ Isto deve ser fácil, pensei. É só arrumar no fim das palavras one ou ine. De estrangeiro cá na terra ninguém entende. E se aparecer por aí um carcamano, adoeço e perco a fala”.¹⁴¹

Seu medo era ser descoberto. A chance de ocorrer era pequena, mas se acontecesse já tinha a desculpa pronta! Um professor improvisado engana o quanto pode, mantém uma idéia fixa na cabeça, pula as partes que não sabe e diz que são sem importância. Os estudantes e as famílias, pelo simples fato de poder dizer que estão vinculados com uma escola, já se satisfazem. O professor, como é visto em *Infância* e muitas vezes permanece até os dias atuais, raramente é apontado como um detentor de conhecimento, como um mediador. A função do educador é tomar conta das crianças, ensinar algumas práticas de leitura e escrita mecânicas, e dar disciplina. Disciplinar, mesmo que com violência, é uma prerrogativa dos professores improvisados e não será questionada.

As situações vistas nos capítulos “Adelaide” e “Um novo professor” ressaltam os aspectos comentados até aqui, mas vão além disso. Os professores em foco são improvisados e intermediários. Intermediários porque são mulatos, mestiços, cabras ou

¹⁴¹ RAMOS, Graciliano. Professores improvisados. In: _____. *Viventes das Alagoas*. São Paulo: Martins, 1970. p.155

simplesmente afrodescendentes. Como insiste o próprio escritor, a condição social e racial caminham juntas, e, logicamente, ser mestiço é poder alcançar uma condição social mediana. Ser professor é uma ascensão, embora não possa promover o apagamento das origens. O escritor alagoano, ciente dos desajustes raciais brasileiros, por meio dos dois capítulos em destaque, analisa a interação dos seus mestres mestiços com as turmas de crianças brancas.

ADELAIDE

O ambiente escolar é um dos espaços mais ativos num livro de memórias. Seja pela interação peculiar do indivíduo, ou realmente pelo fracasso e humilhação da experiência em público. A escola é um ambiente forte e que se impõe. Quase como uma ponte no espaço temporal, muitas vezes pensa-se as etapas da vida como antes, durante e depois dela.

Conforme observado em Joaquim Aguiar¹⁴² e Cláudio Leitão¹⁴³ a memória é feita por desdobramentos, associações e tentativas de torná-la mais objetiva. Em Aguiar é possível destacar que a memória tem grande fixação no vínculo com espaços físicos, sociais, deslocamentos, ou ainda, simplesmente pelas condições adversas de aprendizagem que quase sempre surgem em novos universos: por exemplo, é marcada a importância da transição entre o espaço doméstico e o espaço escolar. Em Leitão, está expressa a idéia da escrita como elemento solidificador da matéria líquida, fugaz, que é a memória. Em Graciliano Ramos, entende-se o sólido não só como registro escrito, mas principalmente suas intenções, no tratamento do que é recuperado.

O sólido, parte firme, não é totalmente estável e aponta para várias direções. É importante reafirmar a necessidade crítica de estabelecer quais são as direções, ver o que é presente no conjunto da obra, sem desconsiderar discussões específicas que predominam em alguns capítulos. O capítulo “Adelaide” trata da arbitrariedade e brutalidade do meio escolar no qual está inserido o eu-criança, caso seja tomado por uma perspectiva mais geral. Por outro lado, também é um forte apontamento sobre a convivência brasileira entre negros e brancos. O capítulo, marca a fase do menino Graciliano Ramos por volta dos oito anos de idade, já precariamente alfabetizado, não

¹⁴² AGUIAR, Joaquim Alves de. *Espaços da memória: um estudo sobre Pedro Nava*. São Paulo: EDUSP, 1998.

¹⁴³ LEITÃO, Cláudio, *Op. cit.*.

sendo este o seu primeiro contato com um ambiente escolar. É uma criança já muito acostumada com a violência, com os castigos, muitas vezes até sem sentido, impostos por seus pais. É fundamental, mais uma vez, destacar o papel do pai, Sebastião Ramos, um comerciante que faz mais uma tentativa do ramo na cidade de Viçosa, após tentativa comercial e como fazendeiro em Buíque, cidade do Estado de Pernambuco. A prima Adelaide, a menina Dondom e a professora Maria do Ó são personagens que só aparecem neste episódio do livro. O pequeno Graciliano, sua prima e a menina estudam juntos, na mesma sala.

Em sua estrutura, o capítulo “Adelaide” apresenta um agrupamento de duas realidades distintas e não complementares necessariamente. Contudo, os personagens Sebastião Ramos e Adelaide concatenam uma tese voltada ao estilo do autor, no qual também é preciso identificar um problema sendo tratado, uma objetiva proposição de negação ou protesto, da qual o peso do meio social é parte inerente. O estilo da geração literária de Graciliano Ramos foi definido por Antonio Candido como: “preponderância do problema sobre o personagem.”¹⁴⁴ Com obra filiada à geração de 30, pós movimento modernista, Ramos já faz parte de uma nova tendência da cultura nacional, assumida em suas singularidades. Tão assumida que Graciliano consegue mesclar características do seu grupo e suas características individuais. Seu momento literário é o que já superou Portugal completamente. No geral, interpreta-se esta fase como a de uma prosa densa, criteriosa e de propostas objetivas, com o adendo do escritor alagoano mergulhar no que é subjetivo também. Sendo assim, o escritor é muito mais que um regionalista.

Num primeiro momento, em relação ao capítulo “Adelaide”, é importante estabelecer quatro níveis de relações de ajuste do indivíduo ao meio: a situação do pai, o comerciante Sebastião Ramos; o vantajoso anonimato do eu-criança na escola; a presença de sua prima Adelaide no mesmo local; e a posição de privilégios e poder assumida pela professora negra Maria do Ó e suas tias. Para todos existe a impossibilidade de mudar sua condição no quadro social.

Ao iniciar o capítulo, o leitor é diretamente jogado dentro da problemática de Sebastião Ramos. O personagem vive um momento de afirmação de seu estabelecimento comercial: a mudança para um local da cidade mais próximo ao centro e com um letreiro chamativo para loja. Com a empreitada comercial não dando os resultados esperados, o pai do menino Graciliano Ramos fica com a saúde instável:

¹⁴⁴ Sobre o conceito de problema sobre o personagem”. Cf: CANDIDO, Antonio. *Literatura e cultura de 1900 a 1945. Literatura e Sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000, p.113-114.

“Certamente meu pai se esforçava demais por agüentar-se e trepar. Começou a ter vertigens e sínopes, desacordava minutos compridos, e nós nos alarmávamos, órfãos, chorávamos olhando o corpo morto.”¹⁴⁵ Sebastião Ramos tem instabilidade emocional, a qual o narrador associa sempre com o sucesso ou fracasso comercial. Sua violência e julgamento dependem do momento vivido nos negócios, ou do esforço em obter maior prestígio. Logo, os sintomas do patriarca estão ligados ao trabalho, ou simplesmente ao dinheiro, e quando tem melhoras insere-se nas atividades esperadas para o bom convívio social de um comerciante: “Vinha o dr. Mota Lima, dava-lhe um vomitório de substância, encorajava-o pregando-lhe os óculos grossos de míope. O doente se envergonhava daquele barulho – e horas depois lisonjeava os proprietários, colaborava na política.”¹⁴⁶ O peso do meio social é o elemento que dá sustentação à argumentação do capítulo. Ninguém escapa das imposições geradas pela sociedade. Logo, curiosamente, Sebastião Ramos, que muitas vezes na obra surge como um grande representante da opressão, pode ser visto também como oprimido.

O eu-criança tem a segunda problemática exposta. Matriculado na escola normal de Maria do Ó, professora negra que se branqueava com pó de arroz, onde era comum a violência com os alunos, a criança vive a situação do oprimido, embora não seja o foco central dos abusos. Neste ambiente, o eu-criança tem a vantagem de só ter sido agredido uma vez. “D. Maria do Ó envolveu a mão nos cabelos da menina, deixando livres o indicador e o polegar, com que me agarrou uma orelha. E, tendo-nos seguros, agitou o braço violentamente: rodopiamos como dois bonecos e aluímos sobre os bancos.”¹⁴⁷ A personagem Dondom é a menina agredida, que teria ajudado o narrador na lição escolar. Tendo mostrado o castigo, é preciso informar qual foi a infração: o aluno, duvidando da professora e dos conselhos da amiga, teimava em escrever o ano de 1899, e não 1900. O oprimido em menor escala não quer ser o centro das atenções. Nota-se, como foi visto em “O moleque José”, a necessidade do narrador em marcar a total falta de união entre os sofrendores. Desunião entre os que ocupam a mesma posição social. “E quando a professora foi julgar as escritas e viu o dolo, chamou-me, exigiu esclarecimento. Desejei mentir, responsabilizar-me. Impossível. Olhei desesperado a minha cúmplice.”¹⁴⁸ Não contesta o opressor, não poderia. Visa atenuar o castigo, dividindo a culpa. No caso da prima Adelaide, que será desenvolvido adiante, é um mero espectador sem reação: “[...]”

¹⁴⁵ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p. 163.

¹⁴⁶ *Idem.*

¹⁴⁷ *Ibid.*, p.165.

¹⁴⁸ *Ibid.*, p. 164-165.

eu receava intimamente era comprometer-me associando-me àquela fraqueza, receber cachações destinados a ela”.¹⁴⁹ O meio pesa sobre todas as coisas, a fuga da dor e da humilhação condiciona as atitudes. Forma simplista de pensar que corrompe qualquer possibilidade de organização em busca de uma mudança.

Simultaneamente, em uma posição de poder, a professora Maria do Ó tem o senso para conduzir as circunstâncias da forma que é mais vantajosa ao prolongamento do seu status social e prazer. “[...], d.Maria do Ó fingia humanizar-se lá fora: a voz amansava, a carne se reprimia, doméstica, os bugalhos amarelentos se ocultavam sob as pálpebras roxas e a fera metia as garras nos cabelos das crianças, adulando.”¹⁵⁰ A professora negra impõe-se no capítulo. É a figura de dominação e arbitrariedade que se utiliza de uma estratégia. Fisicamente descrita como mulata fosca, porém escura quando comparada à professora anterior, robusta excessiva, músculos rijos, dúbia entre ser mulata ou cafuza, branqueada a pó de arroz, tem olhos amarelos. Possui três tias “cor de piche” que trabalham com ela. Psicologicamente, manifesta-se aos berros, repelões, olhos raivosos e está envaidecida na sua posição. O pai da menina Adelaide oferecia mantimentos à escola e isso desenvolve um comportamento: “A princípio esse exagero fora recebido com alvoroço, mas habituaram-se a ele, esqueceram agradecimentos, enfim aboliram as gatimônias dispensadas ao portador risonho, o crioulo José Luís”¹⁵¹ A configuração situacional determina que as negras, professora e tias, comecem a não fazer qualquer gracejo ao negro José Luís, o entregador. Provavelmente, pode-se especular que já o viam de forma diferente, dentro dos padrões de superior e inferior. Ainda no campo da especulação, pode-se imaginar que se o ano era exatamente 1900, teria sido possível às tias negras, mais velhas que a professora, uma vivência anterior como escravas.

Por fim, chegamos ao caso de Adelaide, o qual dentre os já mostrados é o preponderante para o foco desta análise. Aluna no centro do ódio da professora, Adelaide é a ponta de uma questão que começa a se tornar cada vez mais forte dentro do capítulo e que também se afirmou em outras passagens da obra. Além do desmascaramento da arbitrariedade, o autor não deixa de refletir sobre detalhes da sociedade brasileira.

¹⁴⁹RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.167-168.

¹⁵⁰ *Ibid*, p.165.

¹⁵¹ *Ibid*, p.166.

Certamente não começara impondo-lhe[à professora Maria do Ó e suas tias] maus-tratos: afeita à liberdade, ao mando, às correrias, às injúrias a caboclos na bagaceira, Adelaide se rebelaria contra a nova autoridade, aparentemente igual às figuras que serviam na casa-grande. Indispensáveis meses e anos para dominar a criaturinha, degradá-la, enquanto o algoz se acomodava também à situação, experimentava as forças, apurava a maldade.¹⁵²

Ao conciliar a memória de um fato do começo da vida e a história brasileira, isto é, o testemunho do indivíduo e a constatação social, vê-se, para entendimento da problemática racial, duas grandes discussões: como se estabeleceria a condição mental do escravo e a existência de conflitos raciais na sociedade brasileira? Na verdade trata-se de uma única grande discussão, mas que na interpretação a seguir poderão ser tomadas em separado, pois levam respectivamente para as reflexões de Oliveira Viana e Gilberto Freyre.

A noção de senhores e escravos avança sobre a visão de abuso simples, ou seja, o que em outras passagens da obra é a agressão do forte sobre o fraco, na citação acima entende-se a inversão de papéis sociais determinados pela cultura escravocrata. O capítulo demonstra comportamentos resultantes das pressões e privilégios nas relações sociais. Entretanto, percebe-se a intenção do autor alagoano em ir além, interpretando o presente como fruto do passado.

Não fosse a garota badalar, pedir aos pais que a retirassem daquele inferno. Não pedia. Talvez até ignorasse que estava nele. Tinham-na vencido [...] Havia-se reduzido à condição de criada. Na labuta doméstica, sofria a birra das três velhas miúdas e cor de piche.¹⁵³

A menina branca Adelaide incorpora a mente da escrava. Portanto, ser escravo mostra-se, na proposta do texto, questão não natural. Não é característica exclusiva de sub-raças presentes no Brasil. Ser escravo é um estado mental criado pelo dominador para manter desta forma o dominado. Eliane Jacqueline Mattalia¹⁵⁴, na melhor análise deste capítulo encontrada na fortuna crítica, faz pertinentes comparações de “Adelaide”

¹⁵² RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.166.

¹⁵³ *Ibid*, p.166-167.

¹⁵⁴ MATTALIA, Eliane Jacqueline, *Op. cit.*, p.183-185.

com a situação de meninas negras mostradas na literatura brasileira: *Negrinha*¹⁵⁵ de Monteiro Lobato e *Lucrecia*¹⁵⁶ de Machado de Assis. A analogia com as crianças negras, vítimas de violências inclusive mais graves, sem direito à mesma infância das crianças brancas, reforça a idéia de um ciclo abusivo e indiscriminado, no qual, quem pode humilhar não abdica da prerrogativa.

Tendo identificado mais uma perspectiva das relações raciais em *Infância*, torna-se valiosa a contextualização histórica das idéias de raça e escravidão no país. No período que marca o fim da abolição e na primeira metade do século XX conviviam no Brasil grandes teorias sobre o problema racial brasileiro. Dentre tantos contemporâneos de Graciliano Ramos estão autores de textos mais voltados para serem lidos como ciência e não ficção. Para diálogo aqui, destacam-se Oliveira Viana e Gilberto Freyre, que tinham pontos de vista opostos. Todavia, em desacordo com que se pode interpretar do escritor alagoano, Freyre e Viana, tomados pelo ponto de vista de Thomas E. Skidmore, em seu relevante panorama de correntes de pensamento raciais no Brasil, intitulado *Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*¹⁵⁷, vê-se que nos dois autores existem necessidades de explicar a formação racial brasileira com um fundo emocional impactante e tranqüilizador para o público leitor do período. Em Oliveira Viana¹⁵⁸ existe o ideal do branqueamento, para o qual é indispensável a corrente imigratória de elementos brancos para o país, no objetivo de aumentar a quantidade de brancos na sociedade. Proposta incoerente com as teorias de purismo racial, aparenta o desejo de oferecer tranqüilidade às elites brancas ao imaginar que existirá uma ascensão do caráter nacional com a miscigenação de brancos e negros. Isto é, os mulatos, que não são negros puros, seriam menos piores que os negros em estado original. Por outra via, para uma oposição com toque mais otimista aparece Gilberto Freyre com a visão de que a mistura de raças não era ruim, nem deveria vista como fator de diminuição de danos. No autor predomina o objetivo da formação de uma consciência nacional sem vergonha da miscigenação, sem pensar o negro como raça inferior, e sim, como elemento ativo e produtivo, porém prejudicado pela escravidão. Entretanto, como frisa Skidmore na obra já mencionada:

¹⁵⁵ LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/7023711/Monteiro-Lobato-NEGRINHA> Pesquisado em 19/08/09, às 09h45min.

¹⁵⁶ ASSIS, Machado de. *O Caso da Vara*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000219.pdf> Pesquisado em 19/08/09, às 09h50min.

¹⁵⁷ SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

¹⁵⁸ “Para maiores detalhes sobre o conceito de branqueamento”. Cf. VIANNA, Francisco José de Oliveira. *Raça e assimilação*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959.

O valor prático da sua análise não estava, todavia, em promover o igualitarismo racial. A análise servia principalmente para reforçar o ideal de branqueamento, mostrando de maneira vívida que a elite (primitivamente branca) adquirira preciosos traços culturais do íntimo contato com o africano (e com o índio, em menor escala).¹⁵⁹

Veremos a seguir que ao assinalar a vingança e ressaltar a escravidão, Graciliano Ramos interpreta de forma mais realista o que pode ter sido a convivência de negros e brancos no Brasil no período pós-abolição. O seu movimento, em *Infância*, para desmascarar a arbitrariedade desvenda o fator que as ideologias dominantes tentavam maquiar: seja na ideologia por uma democracia racial materialmente impossível até o momento; seja na de pseudociência, que torna maniqueísta o problema devido à visão dicotômica de raças inferiores e superiores; seja na lógica de quanto mais negro pior, sendo mestiço um pouco melhor, e branco completamente bom; seja na lógica insuficiente de que os negros são importantes e influenciaram muito a sociedade do Brasil e, por isso, considerados inerentes seus vínculos com a constituição do povo brasileiro. Nas idéias, sumarizadas aqui, de Gilberto Freyre, existe uma intenção conciliatória que aponta para um caminho que não considera confrontos, que apaga e não quer ressaltar o ódio entre ex-senhores e ex-escravos.

Sobre Gilberto Freyre, é válido ponderar, apesar das contradições e da grande ilusão que foi a idéia de democracia racial, que uma das intenções era adotar uma postura intelectual discordante diante de inúmeros discursos como o de Oliveira Viana, que afirmava a inferioridade do negro, ou, até mesmo, para lembrar os intelectuais “esquecidos”, como José de Alencar, que escreve no século XIX, sobre a impossibilidade de pensar uma gênese da sociedade brasileira com a exclusão do elemento trazido da África. Dizer que o negro não tinha valor era fator tão corrente, que como mostra Lilia Moritz Schwarcz¹⁶⁰ os institutos históricos e arqueológicos nacionais, acompanhados de 1870 a 1930, publicavam com frequência artigos sobre temas raciais em suas revistas, discutiam a impossibilidade de “civilizar” o negro e mantinham o antigo debate sobre o papel ambíguo do indígena, que ora parece “digno de ser redimido” e ora é visto talvez como até pior que o negro.

¹⁵⁹SKIDMORE, Thomas E, *Op. cit.*, p. 211.

¹⁶⁰SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Em meio a estas interpretações raciais torna-se pertinente ler Graciliano Ramos, pois como observa Antonio Candido:

Lendo *Infância*, concluímos que os livros de Graciliano Ramos se concatenam num sistema literário pessimista. Meninos, rapazes, homens, mulheres; pobres, ricos, miseráveis; inteligentes, cultos, ignorantes – todos obedecem a uma fatalidade cega e má. Vontade obscura de viver, mais forte nuns que noutros, que os leva a caminhos pré-traçados pelo peso do meio social, físico, doméstico.¹⁶¹

Este peso do meio social coloca um ponto de vista menos fantasioso sobre o convívio das raças no Brasil, mais calcado nos aspectos materiais. O autor de *Infância* encara as relações estabelecidas de dominação e conflito, e não tem interesse em arrumar explicações teóricas tranqüilizantes, de controle da sociedade.

Numa segunda paráfrase do capítulo, o foco estará diretamente na problemática da personagem Adelaide, a menina branca maltratada pela professora negra. É o conflito das raças que coexistem na sociedade brasileira. O peso do meio social e, especificamente, o peso da escravidão não desaparece. Como já visto, o narrador conta os abusos sofridos e assistidos no período que esteve matriculado na escola pública da professora Maria do Ó: “Matricularam-me na escola pública da professora Maria do Ó, mulata fosca, robusta em demasia, uma das criaturas mais vigorosas que já vi. Esse vigor se manifestava em repelões, em berros, aos setenta ou oitenta alunos arrumados por todos os cantos.”¹⁶²

Adelaide, que dá nome ao capítulo, prima do menino Graciliano Ramos, pertencia a família com dinheiro. Tinha, portanto, a possibilidade de estudar em uma escola de melhor qualidade em outra região. Entretanto, por quererem-na próxima, os pais matriculam a filha no mesmo colégio onde o narrador está. Adelaide, como já visto, apesar das doações do seu pai para a escola, é a aluna mais maltratada dentro do conjunto de alunos mantidos brutalmente pelos educadores. O narrador reconstitui o modo como ele, quando criança, via a situação. Era terrível e ultrajante ver os negros, considerados inferiores, quando em pleno abuso de poder, faziam uso da força e justificavam-se através do ensino para realizar uma espécie de vingança.

¹⁶¹ CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999, p.53–54.

¹⁶² RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p. 164.

Da subserviência antiga passavam às ordens brutais, vingavam-se numa possível descendente de senhores remotos. Adelaide curvava o espinhaço, calejava na obediência, esmorecia nos trabalhos mais humildes.

A estranha inversão de papéis me surpreendia e revoltava, mas a surpresa e a revolta nunca se manifestaram. Longe da escola, em arrancos de coragem, afrontei as megeras.

_Ah! negras!¹⁶³

Por outro lado, simultaneamente aparece o narrador adulto com uma visão de mundo problematizante, que não limita o fato ao abuso e não se resume a uma questão simplista e isolada. Nesse caso, sem a inclusão de mais comentários, caberia uma leitura na qual concluiríamos que os negros, quando em posse do poder incorrem nos mesmos equívocos que os brancos, sendo assim pouco importante quem esteja no comando. Tipo de forma de pensar que, sem o adequado estabelecimento de contexto, facilita a ideologia corrente na sociedade sobre a inexistência de conflitos raciais no país e, sobretudo, sobre a falta de ligação de desigualdades sociais em decorrência da cultura escravocrata vigente por séculos. Identifica-se que Graciliano Ramos mostra explicitamente a sua intenção questionadora através da ironia:

Tinham-me chegado vagas notícias da escravidão, sem relho e sem tronco, aceitável, quase desejável. Maria Moleca e Vitória, livres, viviam sossegadas em casa de meu avô. Não me vinha a idéia de que se conservassem ali por hábito ou por não terem para onde ir. Estavam bem, sempre tinham estado bem [...]

Coitada de minha prima, tão boa, tão débil, suportando as enxaquecas das miseráveis. Lugar de negro era a cozinha. Por que haviam saído de lá, vindo para a sala, puxar as orelhas de Adelaide? Não me conformava. Que mal lhes tinha feito Adelaide? Por que procediam daquele modo? Por quê?¹⁶⁴

Do ponto de vista da criança, a professora e suas tias são como monstros gigantes, naturalmente ruins, que ameaçam um ser indefeso. Do ponto de vista do escritor, existe o entendimento da motivação da vingança, e este não nega o seu testemunho infantil racista, superado pela alusão ao processo histórico. O tratamento da realidade revestido é reflexão e atento às possibilidades interpretativas, levantando questionamentos e desdobrando o fato. Evidentemente o que temos é a memória

¹⁶³ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.167.

¹⁶⁴ *Ibid*, p.168.

fragmentada e adaptada em relação ao ser que produz o texto muitos anos depois. Misturam-se nesse depoimento a forma literária, as lembranças dos momentos e o que se pode entender como discurso contra-ideológico, sem resultar em algo panfletário e sem retirar a densidade psicológica que caracteriza a literatura do autor.

Ao tentar dividir a literatura de Graciliano Ramos em alguns pólos dominantes, Antonio Candido, em *Ficção e Confissão*, marca o encontro entre duas correntes denominadas: “Lucidez e Equilíbrio” e “Impulsos interiores desordenados”, evidência de racionalismo e emoção atuando em conjunto e em favorecimento do primeiro fator. Aproveitando essa estrutura e tentando encaixá-la no capítulo aqui analisado, identificam-se as duas estruturas operando em relação direta com o tempo, a idade adulta e a infância. Duas partes indissociáveis que não se desqualificam nos efeitos e objetivos por atuarem juntas. O escritor não deixa de testemunhar, nem de analisar. Existe a “Oposição ao mundo”, outro aspecto apontado por Candido. Entretanto, adicionada à consciência das contradições que ocorrem freqüentemente na sociedade, parte do particular para ascender estrategicamente ao ponto de discutir a cultura brasileira e as relações sobre as quais foi montada. Não se trata apenas de negar a vida pelo descontentamento dos sentidos, devido às terríveis experiências pessoais, mas também à situação coletiva.

Relevante frisar também o próprio ideal sobre o qual está firmada a lei da abolição. No fim do século XIX, início da república brasileira, intelectuais aceitos como produtores de conhecimento discutem o futuro do Brasil com base na assimilação de raças superiores dentro do quadro étnico nacional. Embora reconhecendo a ilogicidade da escravidão e a crueldade do sistema segregador norte-americano, não deixam de avaliar como imperativa uma indispensável mistura de raças para melhoria da sociedade brasileira; em médio prazo, supunham vital a preponderância do sangue branco europeu, dito de raças superiores, no contato com os negros que aqui estavam. O grande teórico do assunto, Oliveira Viana, que clamava por uma arianização da sociedade, embora situado historicamente em momento posterior ao da abolição, continua operando os mesmos ideais de inferioridade do negro.

Thomas Skidmore, autor estadunidense já citado, e “brasilianista”, ao analisar o pensamento dos próprios abolicionistas ressaltou a idéia fixa do “branqueamento”, sobretudo de Joaquim Nabuco: “[...] onde, atraída pela franqueza das nossas instituições e pela liberalidade do nosso regime, a imigração européia traga sem cessar para os trópicos uma corrente de sangue caucásico vivaz, energético e sadio, que possamos

absorver sem perigo [...]”¹⁶⁵ Se a idéia do branqueamento era vista como elemento natural para evolução do povo, por outro lado, também era repudiado o modelo racial dos Estados Unidos, que estabelecia a separação étnica e a não miscigenação das raças. Como sintetiza Skidmore: “[..] os abolicionistas partilhavam da crença geral de que a sociedade brasileira não abrigava preconceito racial”¹⁶⁶. Não acreditar em preconceitos raciais, dentro de uma sociedade por tanto tempo escravagista, significa entender que ex-senhores e ex-escravos não se vêem diferentemente.

Embora partindo do ponto de vista individual, Graciliano Ramos especula sobre dois fatores: 1. se a crença da inexistência de preconceitos pode ser confirmada na realidade; 2. se o dito não preconceito é apenas uma manobra da classe dominante para controle da sociedade. Uma necessidade baseada no que se pode interpretar do conceito de ideologia de Marilena Chauí, isto é, apaziguar o dominado para que este não se perceba explorado. Ao tentar responder o que é ideologia, Marilena Chauí constata que regularmente a ideologia é o processo pelo qual um grupo justifica uma determinada prática, um determinado processo de dominação, com intenção de atribuir uma natural separação entre os homens. Separação que consiste em dizer que alguns pensam e outros não e, por isso, recebem tratamentos diferentes, oportunidades e funções de acordo com essa divisão. “A ideologia é um dos meios usados pelos dominantes para exercer a dominação, fazendo com que esta não seja percebida como tal pelos dominados.”¹⁶⁷

Skidmore traça um panorama do pensamento racial brasileiro que, freqüentemente, rejeita o terrível processo norte-americano, no qual existe a separação, a discriminação dos negros em um espaço onde sentimentos de ódio e superioridade não permitem qualquer miscigenação. Segundo os estudos do autor, os brasileiros idealizadores da abolição sempre entenderam que era perigoso o modelo dos Estados Unidos porque os negros naquele país sempre estariam prontos para uma revolta ou alguma espécie de insurreição. As qualidades do modelo brasileiro, da sua proposta de convivência de raças, eram de justamente absorver o negro dentro da população brasileira, isto é, trazer uma imigração branca para que pudesse misturar-se com o negro. Mas, com o passar do tempo, a onda imigratória se tornaria dominante. Os negros não ficariam isolados e revoltados pela segregação desfavorecedora nos aspectos

¹⁶⁵ NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Londres: 1883, p.252, apud SKIDMORE, Thomas E., *Op. cit.*, p. 40.

¹⁶⁶ SKIDMORE, Thomas E., *Op. cit.*, p. 38.

¹⁶⁷ CHAUI, Marilena de Souza. *O que é ideologia?* São Paulo: Abril Cultural, 1984, p.81.

econômicos. Os ex-escravos, que não deixavam de ser entendidos aqui como sendo de uma raça inferior, teriam seus traços apagados no período histórico posterior. Tal absorção aconteceria tranqüilamente e resultaria em uma nação com melhor caráter e pronta para assumir uma posição liberal e igualitária. A questão que é retirada dos trechos de *Infância* é a seguinte: seria mesmo possível uma integração tranqüila dentro de uma estrutura montada sobre uma sociedade escravocrata, sobre o racismo evidente, que manteve por tanto tempo os homens separados? Na visão otimista de Gilberto Freyre, a escravidão atrapalhou o negro, mas não se deve entrar em discussões de inferioridade e superioridade. Assegura que o Brasil é único: “A força, ou antes, a potencialidade da cultura brasileira parece-nos residir toda na riqueza dos antagonismos equilibrados [...]”¹⁶⁸

Em um outro capítulo de *Infância*, “Um Cinturão”, o menino Graciliano Ramos é surrado sem qualquer explicação pelo pai, que se enerva por não encontrar seu velho cinturão pela casa. No final do capítulo, o escritor nos traz a questão da arbitrariedade da violência através de suas reflexões, uma vez que o cinturão encontrava-se perdido no meio da rede onde o seu pai dormia. Dentro disso, surge outra questão para o capítulo “Adelaide” adicionando-se àquelas feitas pelo autor sobre o motivo das negras humilharem a menina branca: qual o cinturão perdido que gera a arbitrariedade e a violência da professora e suas tias? Uma possível resposta estaria dentro do próprio texto: “Tinham-me chegado vagas notícias da escravidão, sem relho e sem tronco, aceitável, quase desejável.”¹⁶⁹

“Da subserviência antiga passavam às ordens brutais, vingavam-se numa possível descendente de senhores remotos.”¹⁷⁰ A escravidão, na visão do autor, parece ser a chave do comportamento e dos conflitos. No contexto pós-abolição pesa, ainda, além do passado escravo, o desfecho do que foi vivido. Os negros deixaram de ser escravos para continuarem como subordinados, sem qualquer outra opção na sua relação com aqueles que eram seus antigos donos, que passaram a ser seus patrões. O peso da escravidão e a forma do seu encerramento oficial estão presentes na sociedade brasileira.

¹⁶⁸ FREYRE, Gilberto, *Op. cit.*, p.418.

¹⁶⁹ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p. 168.

¹⁷⁰ *Ibid.*, p.167.

No capítulo “O Cinturão”, que, como se viu, trata de violência e arbitrariedade, as reflexões são sobre a falha da justiça e a obrigação sentida por seu pai de impor respeito de qualquer forma, mesmo pela maneira mais injustificada se fosse necessário.

Tive a impressão de que ia falar-me: baixou a cabeça, a cara enrugada serenou, os olhos esmoreceram, procuraram o refúgio onde me abatia, aniquilado.

Pareceu-me que a figura imponente minguava – e a minha desgraça diminui. Se meu pai se tivesse chegado a mim, eu o teria recebido sem o arrepio que a presença dele sempre me deu.¹⁷¹

No capítulo “Adelaide”, como já visto, a brutalidade e a arbitrariedade têm vínculo indissociável com a escravidão, aspectos de vingança. Parodiando Freyre, a singularidade da relação entre Adelaide e Maria do Ó está na raiz dos antagonismos desequilibrados. Discriminação racial histórica, interpretações raciais confusas e ideológicas, que formaram a relação desconfortável que a sociedade brasileira tem com os assuntos ligados ao racismo e às políticas públicas para o negro. Do texto de Graciliano Ramos extrai-se um conflito gerado pela vingança. Uma arbitrariedade escolar que não pode ser explicada somente pela necessidade humana de imposição da força. Pode-se afirmar que os capítulos “Um Cinturão” e “Adelaide” tratam da violência sobre o mais fraco. Entretanto, pode-se perceber também, num olhar mais rigoroso, que não se trata exatamente do mesmo processo.

Tendo identificado problemáticas isoladas nos capítulos da obra, um é racial o outro não, convém agora fazer a reversão, isso é, reagrupá-los como unidades pertencentes ao mesmo universo ficcional, ou se no caso das memórias houver diferença, seria o mesmo universo de criação. “Mas nós sabemos que, embora filha do mundo, a obra é um mundo, e que convém antes de tudo pesquisar nela mesma as razões que a sustém como tal.”¹⁷² As razões de clímax e desfecho em “Um Cinturão” e “Adelaide” estão diretamente vinculadas ao modelo de sociedade patriarcal escravocrata. O pai, Sebastião Ramos, e a professora, Maria do Ó, representam comportamentos oscilantes em virtude da insatisfação com o lugar social ocupado. A dificuldade em mudar os respectivos percursos desencadeia a violência, que na verdade pode ser uma compensação para o elemento vencido pelas determinações sociais.

¹⁷¹ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p 32.

¹⁷² CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. In: _____ *O discurso e a cidade*. São Paulo; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; Duas Cidades, 2004. p. 105

Maria do Ó pode ser vista sob a perspectiva do papel híbrido interpretado pelo mulato numa sociedade bastante objetiva nas definições de lugares ocupados por brancos e negros. Na obra *Nordeste*, Gilberto Freyre, ratificando mais uma vez sua discordância com as teorias de inferioridade genética do mestiço, afirma:

Mas aqui insistiremos no que já sugerimos em trabalho anterior sobre certos aspectos da miscigenação que se relacionam mais intimamente com a formação social do Brasil: muito do que se atribui à miscigenação resulta da situação do desajustamento psicológico e social – desajustamento de classe e, até certo ponto, de raça (este principalmente pela persistência de evidências de raça ligadas aos traços de classe) – em que se encontra o mestiço. A lealdade, a conformidade e a constância de subordinados não são qualidades que se possa esperar que existam em um elemento social e psicologicamente flutuante, indeciso e insatisfeito como é geralmente o mestiço,[...] ¹⁷³

Maria do Ó faz presente o ódio do mestiço. Sendo mulata, a professora tenta branquear-se sem nunca alcançar muito sucesso. Como poderia esconder ascendência negra? Como renegar por completo o passado? “E não pensava no sacrifício necessário às três mulheres para levantar a sobrinha fusca, desbastá-la, vesti-la escová-la, impingila na sociedade. Essa metamorfose era casual. E arrepiava-me.” ¹⁷⁴ A personagem vive o dilema entre reconhecer o esforço dos familiares negros ou ignorá-los na busca da crença inventada do branqueamento. Maria do Ó ocupa um lugar social de reconhecimento e vai tentando tornar-se mais aceitável para as elites. Entretanto, na prática, ao menos na visão do eu-adulto, sua conduta violenta tem relação com o fato de possuir o estigma de negra. Este comportamento agressivo do mulato voltará a ser visto no capítulo “Um novo professor”, e, novamente, será impossível dissociar o abuso das questões de racismo.

Maria do Ó poderia ser diferente? Talvez sim. Sendo professora, quando comparada com Booker Washington, não é equivocado chamá-la de egoísta, uma característica humana. Entretanto, como faz Graciliano Ramos, é indispensável pensar outras coisas e não só o presente. Na comparação sugerida, é preciso considerar as diferenças entre a sociedade norte-americana e a brasileira: a abolição conquistada em uma guerra civil e a abolição concedida tardiamente pela nobreza; a confusão de

¹⁷³ FREYRE, Gilberto. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil*. São Paulo: Global, 2004. p.172-173

¹⁷⁴ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.168.

identidade do negro brasileiro em oposição à inquestionável definição racial nos Estados Unidos. Conclusão: Maria do Ó provavelmente não teria uma trajetória como Booker Washington teve. Ambos sendo mulatos (mistura de branco com negro), o americano nunca pensou que poderia ser branco e não receberia a incumbência de educar crianças brancas (naquele país, brancos e negros são grupos adversos). Dois fatos ilusórios, causadores da desunião dos negros brasileiros e da crença de que pode existir um bom acomodamento entre todos.

Quanto a Sebastião Ramos, novamente captando os eventos pelo ponto de vista histórico da sociedade patriarcal, apresenta falta de estabilidade. O pai do eu-criança não tem um papel definido na ordem social, pois não é um grande patriarca de latifúndios, ou ex-dono de escravos, que conheceu abundância de posses e pessoas para comandar. Somente no fim do livro alcança uma posição transitória e oportunista de aristocrata, “Ofereceram a meu pai um cargo de juiz substituto e ele aceitou sem nenhum escrúpulo.”¹⁷⁵ Mesmo tal poder, dado por amigos de maior poder, não o transforma em homem muito diferente do que sempre fora até ali, pois foi visto no capítulo “Venta-Romba” como quem toma uma decisão autoritária e ridícula. O eu-adulto caracteriza Sebastião Ramos como uma espécie de fracasso, tanto quanto pela perspectiva da sociedade patriarcal, quando tentou ser fazendeiro:

Hoje acho naturais as violências que o cegavam. Se ele estivesse embaixo, livre de ambições, ou em cima, na prosperidade, eu e o moleque José teríamos vivido em sossego. Mas no meio, receando, cair, avançando a custo, perseguido pelo verão, arruinado pela epizootia, indeciso, obediente ao chefe político, à justiça e ao fisco, precisava desabafar, soltar a zanga concentrada.¹⁷⁶

Também existe fracasso paterno, se existir a cogitação de uma sociedade mais justa e igualitária, como a tentativa de ser juiz substituto, fator que desenvolve a aversão à autoridade no eu-adulto. Aprendizagem de que homens como seu pai, que tomam decisões impensadas e ambicionam status, não dispunham de condições para praticar um ideal de justiça.

Dessa forma, a partir deste capítulo conceitua-se que Maria do Ó e Sebastião Ramos são tipos que vivem a angustiante existência intermediária em um meio social

¹⁷⁵ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.217.

¹⁷⁶ *Ibid*, p.26-27.

constituído de divisões bem exatas. Eles são duas pessoas diferentes, porém com traço comum: o catalisador da violência vem do fato de não serem, ou não poderem ser, aquilo que idealizam e vêem como grandes posições na sociedade. Sentimentos de frustração, ódio, indecisão e medo atuam diretamente no descontrole dos personagens.

Ao analisar alguns críticos que fizeram considerações sobre *Infância*, percebe-se um movimento que avalia as situações narradas pensando no impacto que a violência teria gerado no eu-criança e, por conseqüência, como isso consolidou as perspectivas do eu-adulto. Nesta análise não se rejeita a crítica estabelecida, contudo, desenvolve-se um outro movimento ao olhar para trechos da obra. O percurso desta tese começa por meio das impressões do eu-criança e do eu-adulto, coleta as informações referentes às questões raciais marcadas na infância do período pós-abolição, para então chegar à síntese de apontamentos ou posições sobre a situação dos negros. Tal procedimento analítico não visa descaracterizar certas constantes da obra, suas interpretações já conhecidas, mas sim ressaltá-la como literatura que, embora não orientada para questões raciais, não deixa de refletir sobre as mesmas. Considera-se que não ficam de fora do texto aspectos da convivência de negros e brancos, pois estes são importantíssimos dentro da sociedade brasileira.

Na fortuna crítica existem considerações sobre os processos de opressão, reflexões sobre a situação do eu-criança e da prima Adelaide na escola normal da professora Maria do Ó. Por exemplo, Regina Fátima de Almeida Conrado, em *O Mandacaru e a Flor*, analisa o mesmo capítulo deste trabalho em um tópico em que trata da opressão escolar:

Segue-se uma sucessão ininterrupta de algozes e vítimas e, dentre as últimas, a prima Adelaide e A criança infeliz. Em Adelaide o autor-narrador apresenta a degradação progressiva da vítima, paralela à maquiavélica insídia do algoz (a professora D. Maria do Ó). Antes, sub-repticiamente, até seu completo domínio sobre a menina.¹⁷⁷

É notório, no trecho citado, a existência de uma visão baseada nos opostos bem e mal, opressor e oprimidos, e não existe uma ponte com o processo histórico social brasileiro que o engendra. Tal raciocínio é feito por uma interpretação do próprio texto do autor, que relaciona diretamente Adelaide à figura da representante dos ex-senhores

¹⁷⁷ CONRADO, Regina Fátima de Almeida. *O mandacaru e a flor: a autobiografia Infância e os modos de ser Graciliano*. São Paulo: Arte & Ciência, 1997, p. 170.

e Maria do Ó à dos ex-escravos. No capítulo “A criança infeliz”, o caminho das especulações do autor é diferente. Estão situados o presente do eu-criança, que acompanha a violência sistemática e gratuita com um menino na escola e, depois, parte para observações que transcendem o presente vivenciado nas memórias. E se na parte final de “Adelaide”, Graciliano Ramos fala da escravidão, tempo passado, o capítulo trabalha com a vingança e o desenvolvimento da violência no futuro. “Deixei-o no colégio, perdi-o de vista. E reencontrei-o modificado. Ao iniciar-se no crime, andaria talvez pelos quinze anos. Atirou num homem à traição, homiziou-se em casa de chefe político e foi absolvido pelo júri.”¹⁷⁸ Para quem é criado na lógica da violência, somente a violência determina as coisas. Somente a força política que está acima da lei ou a traição servem para tornar uma criança fraca um adulto mais esperto. O peso do meio social novamente impera e é na formação do caráter que estão as reflexões do autor. Os negros são oriundos de uma escravidão que os deixou sem qualquer opção, sem posses e sem conhecimento. O menino do capítulo não estudava, era um criado, apanhava em casa e na escola. O meio social vai produzir o sentimento de ódio. A vontade de fazer o mal, qualificada como maldade pura e simples por alguns, na verdade, é resultado dos costumes sociais impostos e da opressão.

Existem dois fatores consideráveis em “A criança infeliz”: o primeiro é a sugestão da homossexualidade, e o segundo a formação do jagunço. “Tipos de calças longas e buço tinham com ele um procedimento singular: enviavam-lhe bilhetes, acenavam-lhe, segredavam-lhe em gíria misteriosa.”¹⁷⁹ Neste trecho, fica sugerida a única tolerância ao menino, além de ser possível entender a total aversão de outras pessoas naquele meio. Tentando entender as figuras como tipos sociais históricos, vê-se que a figura da “criança infeliz”, transformada depois em jagunço violento, guarda-costas e protegido de um fazendeiro, assassino e perigoso. Na ficção de Graciliano Ramos, em específico *São Bernardo*, existe o personagem Casimiro Lopes.

Boa alma, Casimiro Lopes. Nunca vi ninguém mais simples. Estou convencido de que não guarda a lembrança do mal que pratica. Toda a gente o julga uma fera. Exagero. A ferocidade aparece nele raramente. Não compreende nada, exprime-se mal e é crédulo como um selvagem.¹⁸⁰

¹⁷⁸ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p. 239.

¹⁷⁹ *Ibid*, p.238.

¹⁸⁰ RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Record: Rio de Janeiro, 1991, 58.a ed.p.136

Casimiro faz todo o “trabalho sujo” para o grande proprietário, e, dessa forma, vive sob sua proteção. É útil para amedrontar e eliminar inimigos. Poderá manter empregados, ex-escravos e pequenos comerciantes acuados. Serve aos interesses políticos e econômicos da casa grande. Homossexual ou não, é de total confiança do seu patrão.

Compreende-se que críticos como Octávio de Faria e Antonio Candido pensem a opressão de forma mais generalizada, colocando os eventos na mesma conta. Tal conta seria a arbitrariedade humana. Em Faria, nota-se a necessidade de abarcar no campo interpretativo a obra total de Graciliano Ramos. “Assim, à sua volta, tudo é julgamento e disciplina, regra cega e ininteligente que detesta e tem de detestar, que rejeita e rejeitará, desde então, até o final de sua obra e para todo o sempre.”¹⁸¹ Antonio Candido enxerga precisamente que o escritor alagoano libertou-se das amarras impostas pelo gênero ficcional romance e entrou definitivamente na confissão por meio dos livros memorialísticos. Ressalta-se no pensamento de Candido que o tom de testemunho adotado tem muito valor para o entendimento das questões raciais brasileiras, ao menos dentro do período pós-abolição. No capítulo “Adelaide” existe uma regra cega e ininteligente em prática, antecedida por outra para os negros.

No capítulo analisado, um parágrafo expressa a concepção de caminho acidentado, de terreno problemático para adaptação. Aparentemente, jogado dentro do capítulo, pois não trata de nenhuma personagem em especial, nem discute algum fato específico, a lembrança do eu-adulto sobre o que se passava com o eu-criança nas ruas é emblemática: “A terra era um lamaçal cheio de ladeiras. Em tempo de inverno a gente andava com dificuldade no calçamento de pedras soltas, entremeadas de barrocas.”¹⁸² O trecho citado está entre a descrição da situação de Sebastião Ramos e a apresentação do menino Graciliano matriculado na escola. Marca como o percurso de lama, ladeiras, pedras soltas e buracos torna o simples caminhar uma grande dificuldade. Relaciona-se com o discurso na introdução de *Memórias do Cárcere*, no qual o narrador explica os motivos do seu silêncio inicial sobre a sua prisão e, depois, o que o levou a escrever sua segunda obra no gênero memorialístico. Ao desmontar o argumento de alguns escritores que alegam não escrever por falta de liberdade e perseguição de um “fascismo tupinambá”, o autor diz: “De fato ele não nos impediu de escrever. Apenas nos suprimiu

¹⁸¹ FARIA, Octavio de. Graciliano Ramos e o sentido do humano. In: RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1992, p. 256.

¹⁸² RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.164

o desejo de entregar-nos a esse exercício.”¹⁸³ E qual é a ligação entre o parágrafo de *Infância* e o trecho de *Memórias do Cárcere*? Andar pela rua e escrever são atos distintos, porém são ações adaptáveis e nem sempre executadas da mesma forma, e a partir da premissa de que não existe liberdade, pois como o próprio autor assinala: “Liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a Delegacia de Ordem Política e Social [...]”.¹⁸⁴ Então, o que se concebe é a luta por um pequeno espaço, seja para caminhar, seja pela conquista de um exercício do qual ignorava-se a existência.

Se não existe liberdade completa, o que se pode dizer dos negros no período pós-abolição é que a cultura brasileira terminou um tipo de escravidão para desenvolver vários outros. Quando o escritor alagoano, por meio do impulso do eu-criança, fala “escravidão quase desejável”, “sem relho” e “sem tronco”, interpreta-se nessas imagens os objetivos das ideologias dominantes, nos quais uma raça inferior, usada na sua força física, deve ser extirpada ou, ainda, criar o pensamento de que existiu um final feliz e uma integração boa para todos. Ao que aparenta, significa dispor dos fatores na intenção de que sejam atenuados ou não recordados. A lógica da questão racial no Brasil é a de que não existem impedimentos ou segregações entre os homens. Ela apenas suprime a lembrança de que a história do país iniciou-se e se formou nos valores das discriminações. Graciliano Ramos opera na lembrança sincera, não atenuante, apontando na direção das reflexões, com base no passado, movimentando-se sobre o sinuoso e ilusório terreno da história, sem querer modificá-lo ou esquecê-lo de uma forma vantajosa.

¹⁸³RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. Record: Rio de Janeiro, 1981.p. 34.

¹⁸⁴RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.34.

UM NOVO PROFESSOR

Adotando o pensamento ingênuo, sobre uma sociedade mestiça e sem preconceitos raciais, o mulato deveria ter um valor maior perante os outros homens. Por uma lógica simples: na figura miscigenada estaria a reunião concreta da mistura dos grupos étnicos, formando um ser híbrido bem aceito dentro de todos os grupos. Uma consciência problematizante compreende que uma sociedade desigual não resulta nunca em uma “harmonia” que não seja regida pela diferenciação, hierarquização e intolerância. A lógica de “ser uma coisa, implica não ser outras” é importante para sobreviver.

Gilberto Freyre, na sua luta por tirar o complexo de inferioridade do povo brasileiro, entendeu a “Ascensão do Bacharel e do Mulato”¹⁸⁵ como processo natural. Tratou-o como uma transferência de poder na sociedade brasileira. O poder, antes do patriarca rural asseguradamente branco, morador da casa grande, em alguma parte, migrou para os bacharéis muitas vezes diplomados no exterior. Muitos desses bacharéis, filhos ilegítimos de ricos proprietários, eram mestiços. Na tentativa de defender a mestiçagem, alegando que está sempre esteve presente no Brasil, Freyre explica que muitos mulatos passaram-se por brancos. Com dinheiro e um bom pintor de retratos era possível branquear-se, apagando traços negros.

Luiz Felipe de Alencastro explica que os mulatos brasileiros, durante a escravidão, eram consumidores de relevância no mercado nacional. “(...) negociantes de Lisboa pediam a suspensão da ordem régia restritiva à venda de bens de consumo de luxo aos mulatos do Brasil, alegando que a proibição causava-lhes sérios prejuízos”¹⁸⁶ A movimentação do elemento mestiço sempre foi contraditória, ao mesmo tempo que poderia ser lembrada sua vinculação com os negros escravos, também poderiam ser bem tratados, acolhidos de alguma forma. Os fatores que contribuía para um bom tratamento envolvem a necessidade de mão de obra qualificada e o medo dos negros quilombolas (Para os brancos, era interessante que o mestiço não engrossasse a população negra). Alencastro compara Brasil e Angola, mostrando a contradição do mulato, pois na África este se inclinava para suas origens como negro, diferente do

¹⁸⁵ FREYRE, Gilberto. Ascensão do Bacharel e do Mulato. In: _____. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

¹⁸⁶ ALENCASTRO, Luiz Felipe, *Op. cit.*, p.351

Brasil, onde o favorecimento da posição indefinida não aumentava o contingente de revoltados.

Os estudiosos citados acima, evidentemente, fazem afirmações sobre o que é geral. Elas são instrumentos valiosos para compreender os sentimentos e ações esmiuçados pela literatura. No particular, ficam questões: como teria sido o percurso daqueles mulatos que lutaram a vida toda por “trepár socialmente”? Aqueles que não são miseráveis, entretanto, não dispõem de tantas reservas, que não estudaram em Coimbra, mas conseguiram algum tipo de instrumento para ascensão. Será que todos ocultaram tranquilamente os traços africanos e se encaixaram na sociedade? E quando estes mestiços encontram “uma pedra no meio do caminho”? Um obstáculo inabalável de preconceito contra o seu lado africano. O que fazer?

Em *Infância*, o capítulo “Um novo professor” marca uma mudança de escola do eu-criança. Pelo fato da família ter mudado de casa, o menino deixa de frequentar a escola da mulata Maria do Ó e passa a estudar na escola de um professor também mestiço. O narrador destaca dois irmãos, duas figuras distintas aparentemente: uma delas é o seu professor, descrito como um tipo mesquinho, ambíguo e cujo estado de humor era definido pela sua aparência física momentânea. A outra figura é o irmão do professor, qualificado como sendo “claro e simpático”, homem de excelente discurso, bela caligrafia e admirado pelo narrador. Mais uma vez, como foi o movimento crítico até aqui, vamos partir de interações da vida privada para interpretação de questões gerais.

Em “Visão de Graciliano Ramos”, Otto Maria Carpeaux afirma que o estilo de Graciliano Ramos é basicamente composto pela sua escolha. Escolha de eliminar tudo que não é essencial. Segundo o crítico, se pudesse, o escritor alagoano eliminaria o mundo. Carpeaux evidencia ao leitor que está prestes a construir o seu próprio Graciliano Ramos, esta seria sua “Visão”. Enxerga uma espécie de autor desejoso por destruir utilizando a construção literária, pois o mundo é angustiante, indócil, uma prisão, da qual, só se liberta tentando fixá-lo na literatura. “Os romances de Graciliano Ramos são experimentos para acabar com o sonho de angústia que é a nossa vida.”¹⁸⁷ Angústia, uma palavra emblemática pra quem estuda este autor, é o que melhor define a situação do mulato no capítulo “Um novo professor”. Eliminados os nomes, os

¹⁸⁷ CARPEAUX, Otto Maria. Visão de Graciliano Ramos. In: GARBUGLIO, José Carlos et al. *Graciliano Ramos: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1987 (Coleção Escritores brasileiros, v.2)

detalhes de ascendência e convívio, escolhe focalizar o sentimento opressivo pesando sobre si e os dois mestiços.

As duas figuras não ficam meramente expostas nas suas diferenças de conduta, o que poderia criar um jogo de opostos entre bem e mal. Para o autor é importante saber como interagem com a sociedade e com os valores que estão em circulação. Sobre cada irmão repousará uma questão racial brasileira relevante, questões integrantes da complexa união dos diferentes povos no país. O irmão do professor, “claro e simpático” tem seu problema simbolizado na frase “Tenho meu lugar definido na sociedade”, repetida três vezes ao longo do capítulo. Por outro lado, o professor enfrenta o horror ao espelho, pois queria ser branco e não é, pois queria ter pele mais clara e cabelo liso.

O irmão “simpático” tem um encontro marcante com o eu-criança no espaço fora da escola: “Um irmão dele, claro e simpático, certo dia me apareceu zangado no armazém de seu Costa, sentou-se num fardo de algodão, abriu um jornal, fechou-o, encarou-me e rugiu: _Tenho meu lugar definido na sociedade.”¹⁸⁸ O menino apenas ocupa o mesmo espaço, pois não há um diálogo, e sim, apenas uma constatação do mestiço.

Provavelmente alguém o molestara, alguém que não recebera a resposta adequada e ali, na perturbação da embriaguez, se confundia comigo.

_Sem dúvida.

O sujeito desdenhou a confirmação: bateu na coxa e martelou, reimoso, disposto a luta, babando-se:

_Tenho meu lugar definido.¹⁸⁹

Lugares definidos eram posições de escravos e senhores durante uma escravidão oficial, autorizada por lei. Aproximadamente depois de doze anos pós-abolição, são dois mulatos que sabem ler e escrever, mas ainda parecem presos, cativos, cada um de uma forma. Nota-se que o professor tem lugar e hora marcados para encontro com a criança, entretanto, embora existam definições de tempo e espaço, não está determinada qual será a conduta do docente. Tudo se altera conforme a aparência física do professor, e, portanto, quando se achava mais branco:

¹⁸⁸ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p. 177.

¹⁸⁹ *Ibid*, p.177-178

Bom que o pó-de-arroz se fixasse na pele azinhavrada, o óleo assentasse no crânio miúdo os pêlos rebeldes.

Quando isso acontecia, o professor deixava a sala, ia apresentar-se às irmãs, saracoteando-se, lançando guinchinhos de quem sente cócegas. Voltava iluminado, um sorriso infantil boiando-lhe nos beiços grossos. Abancava, observava os dedos, as unhas enfeitadas de manchas brancas, metia-se num sonho dengoso.¹⁹⁰

O trecho acima ressalta a tranqüilidade de “ser branco”, uma espécie de liberdade anunciada pelo espelho, que o retira de uma prisão terrível. De forma oposta, quando o professor se via com mais traços afrodescendentes, os alunos sofriam com uma espécie de sentimento de ódio contra o mundo, como uma ofensa revoltante que o tornava violento, diferente:

Às vezes, porém, o espelho nos anunciava borrasca. O desgraçado não se achava liso e alvamento, azedava-se, repentina aspereza substituía a doçura comum. Arriava na cadeira, agitava-se, parecia mordido de pulgas. Tudo lhe cheirava mal. Segurava a palmatória como se quisesse derrubar com ela o mundo.¹⁹¹

O eu-criança é apresentado na narrativa em uma posição entre a doçura e a ira do educador, com quem mantinha o contato regular, bem como também está entre pólos de eloqüência e revolta, nos pequenos contatos que tem com o irmão do professor. Nessas contradições, o menino simpatiza e reage com estranhamento ao personagem “claro e simpático”, enquanto consegue benefícios e sofre com as mudanças de humor do professor.

Márcia Cabral da Silva¹⁹² não faz referência ao problema racial. Por meio do olhar pedagógico, considera inadequado o trabalho do professor, pois o menino não avança sua habilidade leitora dentro da escola. Sintetizando Silva, o que se tem é um professor indiferente às crianças, que fica penteando o cabelo em frente ao espelho, autoritário e despreparado para executar a sua função. Não há discordância com as constatações da crítica, entretanto, a questão racial não pode ser omitida. O papel oscilante do mestiço é discutido aqui novamente. O mulato que ascende socialmente de alguma forma, também será oprimido pelos valores estabelecidos sobre sua

¹⁹⁰ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.178.

¹⁹¹ *Ibid*, p.179.

¹⁹² SILVA, Márcia Cabral da. *Op. Cit.*.

inferioridade, feiúra e incapacidade. Um conjunto de opiniões preconceituosas disfarçadas de discurso científico, com argumentações de caráter dúbio que não incidiam o ponto fundamental, que é a disparidade social e econômica entre brancos e afrodescendentes.

O drama afrodescendente é inescapável. Primeiro, o narrador observa que Maria do Ó, professora mulata, branqueada com pó de arroz, tem prazer em agredir uma menina branca. O menino Graciliano Ramos muda de casa, vai para outra escola. A escola, este espaço tão vivo na memória, é onde vai ver outro mulato, branqueado, de cabelo alisado, ter comportamento agressivo, a partir da imagem que vê de si mesmo no espelho.

Mais uma vez é pertinente incluir o trabalho de pesquisa feito no IEB/USP por Eliane Jacqueline Mattalia¹⁹³ com os originais, no qual se constatou que os capítulos “Adelaide” e “Um novo professor” na versão inicial do livro eram um só, na época chamado “Duas escolas”. O título que atendia ao espaço escolar da memória foi desdobrado de forma distinta: um foco na prima branca agredida e outro no professor mestiço. Ao menos no título, os indivíduos prevalecem sobre o espaço físico; sobre eles pesam elementos da interação de diferentes grupos étnicos no Brasil.

A trajetória do personagem Raimundo, em *O Mulato* de Aluísio Azevedo guarda algumas semelhanças com alguns dados que aparecem nesse pequeno relato dos dois irmãos. Raimundo, advogado, educado na Europa, herdeiro de bens e dinheiro, vai tomar consciência de que, ao menos no século XIX, isso não retirava certas barreiras raciais. Ser filho da escrava Domingas, fato que ignora em grande parte da narrativa, o impede definitivamente de casar com sua prima branca Ana Rosa. É importante destacar dois aspectos sobre Raimundo: como é visto pelos outros e como ele próprio passa a se enxergar depois de conhecer sua verdadeira origem. O cônego Diogo resume bem o sentimento da época.

_Que conheçam seu lugar!

E o cônego transformava-se ao calor daquela indignação.

¹⁹³MATTALIA, Eliane Jacqueline. Rente ao chão do texto. In: VÁRIOS. *Teresa revista de Literatura Brasileira* 2. São Paulo: Editora 34, 2001.

_E então, parece já de pirraça _ bradou _ é nascer um moleque nas condições desse... _E mostrava a carta, esmurrando-a _ Pode-se contar logo com um homem inteligente! Deviam ser burros! Burros! Que só prestassem mesmo para nos servir! Malditos!¹⁹⁴

Servir, ser burro e permanecer no seu lugar, “lugar social” do mulato, do negro. Ser professor ou advogado negro não é fato bem aceito, e por isso entende-se porque alguns resolvem encontrar um meio de aceitação, que é tentar aparentar ser branco. O espelho é a prova, é onde podem buscar respostas, tentar imaginar como os outros o vêem, como podem julgá-lo. Raimundo também vive sua experiência diante do espelho.

Em um desses passeios, parou defronte do espelho e mirou-se com atenção, procurando descobrir no seu rosto descorado alguma coisa, algum sinal, que denunciasse a raça negra. Observou-se bem, afastando o cabelo das fontes; esticando a pele das faces, examinando as ventas e revistando os dentes; acabou por atirar com o espelho sobre a cômoda, possuído de um tédio imenso e sem fundo.¹⁹⁵

Procura respostas, procura por uma definição para o hibridismo rejeitado. O personagem naturalista, ateu e liberal, sofre diante do espelho. Os irmãos que são retratados por Graciliano Ramos também sofrem do mesmo mal, pois são homens, com suas individualidades, aprisionados a uma sociedade que oscila ao tratá-los: às vezes são incapazes, quase cativos, mas já em outros momentos são homens livres. Na realidade, é possível interpretar que são mestiços com lugar indefinido na sociedade.

Por volta de 1900, o ódio diante do espelho sentido pelo professor do menino Graciliano Ramos, talvez seja resultado do pensamento dos próprios abolicionistas, pois, como visto anteriormente, os adeptos do liberalismo tinham a idéia fixa do “branqueamento” como pilar da nova nação. Se a idéia do branqueamento era vista como elemento natural para evolução do povo, por outro lado, também era repudiado o modelo racial dos Estados Unidos, que estabelecia a separação étnica e a não miscigenação das raças. O que esperar afinal? Qual seria a definição? Não acreditar em preconceitos raciais não seria boa escolha.

No estudo do panorama de relações brasileiras, a contribuição de Charles R. Boxer está em dizer que a colonização portuguesa não foi feita por demônios ou por

¹⁹⁴AZEVEDO, Aluísio, *Op.cit.*, p.37.

¹⁹⁵ *Ibid*, p.201.

“colonizadores generosos”, mas sim, por seres humanos. Dessa forma, é inevitável entender a diversidade de relações e arranjos por sobrevivência.

Não querer ser negro no período imediato ao fim da escravidão, significa não querer ter uma vinculação com um grupo de pessoas desvalorizadas, durante muito tempo “propriedades semoventes”. Citando Boxer, e sabendo que a escravidão durou quase quatro séculos, talvez seja possível entender o desespero do professor:

Os escravos livres e seus descendentes, cujo número era grande e sempre crescente, tinham melhor situação que os outros, mas ainda assim sofriam a discriminação da lei. Gozavam eles de menores regalias que seus concidadãos brancos e a punição que lhes era impingida era geralmente mais severa por idêntica ofensa.¹⁹⁶

O estudo de Boxer das relações raciais no império colonial português vai até o ano de 1825, os tais “outros”, citados em comparação com os escravos livres, eram os escravos cativos, que dispunham basicamente de dois destinos: servir em trabalhos domésticos, ou, como é sabido, na maioria das vezes, executar trabalhos pesados. O autor inglês informa que em média um escravo situado na plantação ou nas minas vivia de sete a dez anos. Bom, entende-se que os escravos que conviviam com os senhores brancos, que tinham algum favorecimento e não estavam destinados ao cotidiano brutal, vivessem mais.

Quando se olha no espelho, o professor mestiço do eu-criança Graciliano Ramos, talvez não esteja só tendo sua reação impulsionada pelos discursos dominantes em voga; estava também reagindo em função do instinto de sobrevivência. Ficar mais próximo dos brancos e se parecer com eles, ser aceito, representou historicamente algum conforto, alguma condição de qualidade vida. Na escolha, entre ser escravo (negro normalmente era cativo ou fugido) ou um mestiço, com algumas opções de inserção, a lógica de não ser escravo triunfava naturalmente.

De forma interpretativa, pode-se pensar em três prisões diferentes para cada personagem. O professor está preso ao espelho, ao fato de ser parte negro. O irmão do professor está preso a uma sociedade ilusória, que proporciona espaço e ferramentas ao mestiço, mas o impede de obter ascensão total. Ao mesmo tempo, o menino está preso na escola, um espaço que não faz sentido, é inconstante e pode até ferir.

¹⁹⁶ BOXER, Charles R.. *Relações Raciais no Império Colonial Português*. Tradução de Elice Munerato. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967. p.135

A escola não cumpre um papel formativo. No ambiente escolar, não estão os melhores mediadores para avançar a leitura do eu-criança. Além dos professores que são discutidos de forma mais aprofundada (Maria do Ó e Um novo professor), existem outros que também não tiveram grande impacto no desenvolvimento do menino. Dona Maria era calma, amorosa, mas não intervinha nas dificuldades de leitura do eu-criança; D.Agnelina era grande contadora de histórias e não mais que isso, não corrigia a pronúncia incorreta no nome Samuel Smiles; o “Professor Rijo” foi quem fez a correção, apenas isso.

Tomando a narrativa estritamente pelo ponto de vista do eu-criança, no capítulo “Um novo professor”, o eu-adulto refaz o percurso das sensações experimentadas na escola, revelando em sua reflexão infantil como todo aquele ambiente de incerteza e pavor em sala de aula poderia ser visto como uma tolice, uma coisa insignificante.

E nós, meia dúzia de alunos, tremíamos da cólera maciça, tentávamos esconder-nos uns por detrás dos outros. Daríamos os nossos cabelos, trocaríamos as nossas figuras por aquela miséria que se acabrunhava junto à mesa. Por que se aperreava tanto? Insignificâncias. Eu dizia comigo que o professor, como o irmão, poderia recitar discursos brilhantes e crescer. Tornar-se um homem.¹⁹⁷

O eu-adulto conclui, mais de uma vez durante o capítulo, que seu professor não queria ser homem. Compara mais de uma vez os dois irmãos. Reconhece a preferência pelo irmão “claro e simpático”. Entretanto, o fato de associá-lo ao “lugar definido na sociedade” revela o peso de algo que não é possível esconder. O peso de uma força preconceituosa que atravessará o caminho de todos os afrodescendentes, independente da sua simpatia ou não. Alfredo Bosi, após discutir a escravidão brasileira como discurso entre dois liberalismos (o ideal europeu distante e a contradição escravagista dentro do Brasil), avalia o período pós-abolição como: “Quem o estudar deverá desfazer outro nó: não o que atou liberalismo e escravidão, mas o que ata liberalismo e preconceito.”¹⁹⁸ Liberalismo e preconceito formam um nó perverso da sociedade brasileira.

No Brasil, de certa forma, desde a abolição, a sociedade parece acreditar erradamente que todos são iguais, livres e avaliados pelos seus méritos. Isto é

¹⁹⁷ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.179.

¹⁹⁸ BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.245.

comprovado mediante nova comparação com Booker Washington e a sociedade norte-americana, tão bem acompanhada por Graciliano Ramos. O irmão do professor, mulato inteligente, brilhante discursador, vai descobrir ou confirmar somente na idade adulta o seu péssimo “lugar definido na sociedade”. Nos Estados Unidos, Washington era considerado um orador espetacular, também por volta de 1900, e em suas memórias, não demonstra em nenhum momento ter se espantado com a discriminação e desejo dos brancos de rebaixá-lo. Os negros norte-americanos, ao nascer, já têm em mente um espaço definido para lutar e se sobressair. É muito válido ter a ajuda e o reconhecimento dos brancos, mas se estes não vierem não será surpresa.

Booker Washington não era uma força de oposição aos brancos. Ele também queria ser aceito. No capítulo “Negros e índios”, onde relata sua experiência como professor de indígenas trazidos do oeste, explicita seus objetivos educacionais e a noção de que tanto afrodescendentes como os nativos do continente eram raças atrasadas. Na sua opinião, “o americano de pele branca só julga civilizado o homem que se vista como ele e se alimente como ele, fale a sua língua e pratique a sua religião.”¹⁹⁹ Pela adesão ao corte de cabelo, abandono do fumo e das roupas habituais, teve sucesso com os índios. É importante ressaltar que o fato de ser aceito não significa imaginar que poderia ser branco. As identidades étnicas nos Estados Unidos não são mutáveis como no Brasil.

A falta de identidade, a “insignificância”, que aqui é querer-se branco, é uma possibilidade que pode ser explorada, sem nenhum interesse em justificar ou apoiar a atitude do professor negro. Busca-se compreender como isso está articulado na obra de Graciliano Ramos. Para sentirem-se estabelecidos no mundo, diversos personagens do escritor alagoano lidam com as insignificâncias. São perseguidos ou perseguidores delas. Fabiano, em *Vidas Secas*, vive a insignificância existencial; João Valério, do romance *Caetés*, depara-se com a proporção do amor; Paulo Honório, em *São Bernardo*, conhece-a como propriedade.

Andando com a família pelo sertão nordestino, Fabiano quer ser um “homem” com um lugar para morar, trabalhar e não se sentir roubado por patrões. Fabiano, quando comparado com a cadela Baleia, em muitos momentos não é mais humano que o animal. O único sonho de Fabiano, muito simples e nada elaborado, é ficar longe da seca. João Valério amou profundamente Luísa, mas até que ponto? Tudo se desfaz após

¹⁹⁹ WASHINGTON, Booker Taliaferro, *Op.cit.*, p.71.

a tentativa de Adrião suicidar-se. Inconstante como um índio, Valério muda de interesse. Em *São Bernardo*, Paulo Honório, após o suicídio da esposa, vítima dos seus sentimentos de ciúme e de reificação para com tudo e todos, chega à conclusão que estragou sua vida estupidamente, mas que não poderia mudar, já que sua força motriz foi chegar a ser proprietário, dono de coisas que depois viu serem nada, nada além de coisas fora dele.

O professor mestiço quer ser branco, sofre por não ser branco, fato não entendido pelo eu-criança, que não vê grande problema nos motivos que o fazem ser tão agressivo. Os meninos brancos trocariam sua brancura pela falta de ódio do mestiço. Contudo, é impossível não lembrar a presença do irmão “claro e simpático”, que apesar dos seus adjetivos, repete com raiva a constatação: “Tenho meu lugar definido na sociedade”. O apontamento de uma barreira e de um descontentamento racial parece ser a grande problematização do capítulo, de onde se pode questionar a ilusória harmonia racial brasileira. Perceber que existem tensões e preconceitos fortes, por vezes escondidos, mas que se revelam.

Elaine Jacqueline Mattalia²⁰⁰ analisa o capítulo por duas chaves: o desejo de branqueamento do professor e o homossexualismo. A autora não tem dúvidas em afirmar qual era a opção sexual do professor, e, até por isso, faz analogias com o *Bom Crioulo* de Adolfo Caminha. Neste trabalho, existe a compreensão de que a homossexualidade fica subentendida, podendo ser confundida com uma feminização, o que nem sempre se traduz na identidade sexual gay. O que chama atenção é que Mattalia não trata do outro irmão “claro e simpático”, e, por consequência, não discute a frase repetida durante o capítulo. Na sua crítica, fica o destaque de que as “duas escolas” eram ruins, o que não pode ser negado. Contudo, nesses eventos, é importante não desconsiderar a força de rebaixamento das pessoas. Esta força, materializada ou não, aproxima os três personagens, como já foi apontado: estão todos presos. A prisão do mulato está na sua mente e nas suas relações sociais.

Em outro capítulo de *Infância*, “Samuel Smiles”, o garoto encontra o já mencionado “Professor Rijo”, um mestre um pouco meticuloso que o ensina a pronunciar corretamente o nome do autor britânico. Sozinho na loja do seu pai, o eu-criança é confrontado sobre o seu novo conhecimento por três homens: um branco, um mulato e o terrível Fernando (tipo violento e parente do chefe político, tem um capítulo

²⁰⁰ MATTALIA, Eliane Jacqueline, *Op.cit.*, p. 185-187

reservado para ele, onde é melhor descrito). É curioso notar o comportamento do mestiço neste caso, que, em primeiro plano, figura como um demonstrativo da ignorância e intolerância das pessoas do meio.

“O empregado que dizia Símiles, mulato vaidoso e seco, nunca me olhava de frente. Quando eu lhe falava, virava-se para outro lado e rosnava ofensas em linguagem escolhida.”²⁰¹ Ao contrário de Fernando e do tipo branco, barulhentos e sem qualquer constrangimento em ofender e rir da criança, o mulato evita o confronto direto. O mestiço foi quem levantou a questão, pois acreditava que a sua pronúncia, “Símiles”, estava correta, entretanto, ele tem uma atitude mais comedida. Embora, os homens tenham concluído que a sua forma de falar estava certa, não são dele as marcas mais traumáticas na subjetividade do eu-criança. Fernando, na garantia dos poderosos parentes, era violento e grosseiro na região. Sentia-se autorizado a fazer qualquer coisa. O mulato, entretanto, não pode ser assim. Não pode abusar das facilidades, pois sua posição na sociedade não é bem estabelecida. Claro e simpático, o irmão do instável professor mestiço, sentiu concretamente a barreira para aqueles brasileiros que não são negros, mas também não são brancos.

Mattalia vê um pouco diferente este episódio. Alega que existe uma gradação na apresentação dos algozes. O pior é sem dúvida Fernando, entretanto, o segundo mais nocivo seria justamente o mulato. Neste ponto há discordância pela linguagem corporal do personagem. Aparentemente, “virar para o outro lado” para ofender não seria necessário visto que a criança está inferiorizada diante de três adultos dispostos a humilhá-la. Nesta análise, entende-se que as menções raciais de Graciliano Ramos têm uma função, representam obstáculo ou forma singular dentro dos relacionamentos. É a “insignificância imensa” na cultura brasileira.

No final do século XIX, não existia a possibilidade de uma visão multiculturalista, baseada no respeito à diversidade, pensando, desta forma, em construir uma igualdade com respeito pela diferença. Tal fato só ganha força na sociedade brasileira a partir do final do século XX, mesmo assim, com grande confusão entre o que é reconhecimento de diferenças e o que é discriminação, já que no senso comum não está extinto o mito de uma sociedade sem preconceitos raciais. O mérito de Graciliano Ramos é o de não esconder as insignificâncias. No caso do capítulo destacado, a insignificância acaba sendo o fio condutor do extenso e desencantado

²⁰¹ RAMOS, Graciliano, *Op. cit.*, p.195.

caminho da mestiçagem brasileira. Um processo, que por sua própria natureza, não pode ser considerado acabado.

SEM IDENTIDADE, INSERÇÃO TEMPESTUOSA

Antonio Candido define o racismo brasileiro como crime ontológico: impedidos de constituir uma boa imagem de si, os brasileiros descendentes de africano enxergam apenas um vazio na sua relação com o mundo. Ficar diante do espelho e a violência contra a criança branca são dados sintomáticos desta lacuna existencial. Nas relações que se apresentam, os professores colocam seus complexos de inferioridade ou necessidade de vingança acima de qualquer coisa.

Originalmente de 1989, a entrevista mostra um Antonio Candido bastante reflexivo sobre a situação do negro brasileiro, mais especificamente o mestiço, elemento sobre o qual se sente em melhores condições para opinar. O crítico não é um ativista, nem mesmo um pesquisador do assunto. Entretanto, como observador e intérprete social, toca em aspectos pertinentes da questão, entre eles, a concepção de que a suposta democracia racial é uma fuga da realidade. Em síntese, “O que se chama de democracia racial no Brasil é quase sempre a oportunidade dada ao negro para renegar a sua condição de negro e ser aceito ou tratado como branco.”²⁰²

O pó de arroz jogado na pele é a exteriorização de um sentimento enraizado: ser negro é uma deformidade. A deformação irreal é absorvida. Fruto dos repetidos discursos em voga no período, acaba tornando-se uma deformação real, na medida em que acreditam na sua inferioridade e a sociedade oscila ao tratá-los. Não é surpresa que os mestiços possam estar em alerta para combater ameaças imaginadas ou não concretizadas. A professora Maria do Ó e o “novo professor” tinham diante deles apenas uma sala de aula repleta de crianças no interior do nordeste. Desta situação inicial, existe a derivação para um quadro de violências, as quais Graciliano Ramos associa com fatores raciais.

Ao contrário de outros escritores, que exploram o caráter sensual da mestiçagem, das mulheres especialmente, o escritor alagoano demonstra uma espécie de visão “patológica” do mulato e da mulata. Esta visão seria a impossibilidade de sentir-se “bem”, integrado ou tranqüilo. O mestiço é um perturbado, inadequado, vive no meio,

²⁰² CANDIDO, Antonio. *Racismo: Crime Ontológico*. Revista Ethnos Brasil, Março de 2002. Entrevista concedida a Gislene A. Santos em 1989. p.21.

sempre tentando estabilizar-se. Condição não só dos mestiços, pois Sebastião Ramos, pai do escritor, aparece como uma figura de posição intermediária na sociedade, também angustiado, tentando de várias formas ascender socialmente. Entretanto, a habilidade de Graciliano Ramos está no fato de analisar os entraves proporcionados pela cultura racista do país para uns e não para outros.

Na vida pública, no cargo de Diretor da Instrução Pública de Alagoas, Graciliano Ramos teve problemas ao transferir a professora mulata do interior para dirigir uma escola da capital. Contrariou interesses e desagradou poderosos. O sistema viciado, afastado da meritocracia e da transparência, prioriza o favor, a promiscuidade das relações. Somente uma política pública para transformação social seria realmente efetiva para negros e mestiços. “Necessário reconhecer que a professora mulata não havia sido transferida e elevada por mim: fora transferida por uma idéia, pela idéia de aproveitar elementos dignos, mais ou menos capazes.”²⁰³ Este trecho demonstra que na idéia existia a consciência de quem era a pessoa a ser promovida, sua identidade está posta e preservada, pois o que importava era a sua competência. Não o bastante, o ideal estava alinhado com a inclusão de meninos negros na escola pública, até então, sem a utilização devida de todo o seu espaço. Sem dúvida, uma possibilidade para combater a exclusão social brasileira: inovadora, quando se sabe que até hoje a questão permanece mal resolvida.

Calçados e vestidos pela caixa escolar, os garotos se haviam apresentado com decência. Lembrava-me da lufa-lufa necessária para modificá-los, ria-me pensando em Flora Ferraz, sentada no chão, às oito horas da noite, a experimentar sapatos em negrinhos.²⁰⁴ Quatro dessas criaturinhas arrebanhadas nesse tempo, beíquidas e retintas, haviam obtido as melhores notas nos últimos exames.

___ Que nos dirão os racistas, d.Irene?²⁰⁵

Com certeza, não teriam dito que a “idéia de aproveitar elementos dignos” encerra o conceito de imparcialidade. Desprezo pelo preconceito, o pré-julgamento no qual o negro é considerado inferior. Num Brasil ideal, o negro é identificado como

²⁰³ RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. São Paulo: Martins, 1954. 4ª Ed. p.16.

²⁰⁴ Ibid, p.21.

²⁰⁵ RAMOS, Graciliano. *Memórias do Cárcere*. São Paulo: Martins, 1954. 4ª Ed. p.21.

negro e o mestiço como mestiço, ou ainda, ambos são vistos como afrodescendentes: sem prejuízos por serem quem são; sem precisar esconder os seus traços.

CONCLUSÃO

O MUNDO DENTRO DA EXPERIÊNCIA PARTICULAR

As relações raciais fazem parte da história do mundo. No caso do Brasil, ela materializou-se com o encontro entre índios e portugueses. Hoje visto e pensado como encontro cultural entre seres humanos, na época era o choque com um outro tipo de existência. Se no século XXI, as ciências humanas orientam-se para não pensar em termos de culturas superiores e inferiores, no século XVI o que ocorreu foi a luta, o conflito. Estabeleceu-se o branco pelas suas armas.

A história nacional só é explicável com responsabilidade pela linguagem da violência. Escravidão indígena, imposição religiosa, escravidão negra, opressão dos imigrantes, discriminações de vários tipos, exploração dos recursos naturais. É evidente que revivendo os capítulos do passado, no presente tudo será redimensionado, revisto, repensado e rediscutido. Em *Infância*, obra brasileira de memórias, a violência não poderia deixar de ser parte da lembrança. Entretanto, não só a violência, mas também suas motivações precisarão ser conhecidas.

A violência é inegável e constante. Por outro lado, as motivações são diversas, justificáveis no seu contexto ou não. Atitudes concretas contra a criança, posteriormente, avolumadas por um imaginário poderoso de um escritor contestador. Como aponta Antonio Candido “*Infância* é autobiografia tratada literariamente; a sua técnica expositiva, a própria língua parecem indicar o desejo de lhe dar consistência de ficção.”²⁰⁶ Antonio Candido afirma que Graciliano faz ficção e confissão. Na dúvida insolúvel, não será exagero dizer que faz história e literatura. A partir deste procedimento híbrido é pertinente perguntar: o que é história? o que é literatura? Para Aristóteles:

O historiador e o poeta não se distinguem por escrever em verso ou em prosa; caso as obras de Heródoto fossem postas em metros, não deixaria de ser história; a diferença é que um relata os acontecimentos que de fato sucederam, enquanto o outro fala das coisas que poderiam suceder.²⁰⁷

²⁰⁶ CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999. p.64

²⁰⁷ ARISTÓTELES. Poética. In: _____. *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p.47

Quando se diz que uma é registrada e a outra inventada, poderá ser ato de demérito ou superestimação. Tomando as idéias do filósofo grego, a consciência constituída no presente, e que se lembra dos fatos, faz o trabalho do que se sucederia, enquanto o vivente do passado é o agente/paciente do que sucedeu. História como eu-criança, literatura como eu-adulto. No âmbito da literatura, são recorrentes as questões: o que aconteceria? por qual motivo? qual o significado? A aprendizagem só estará encaminhada quando existir conhecimento do que aconteceu, mas não só isso, é necessário remoer os fatos, fazer as perguntas e cogitar respostas.

Se a pergunta fosse: qual a importância da obra? Cogitaria as seguintes respostas: *Infância* é um relato de um escritor em formação, com um estilo próprio e inconfundível; *Infância* é o relato de um período histórico, fim do século XIX e começo do XX; *Infância* é um relato do período pós-abolição da escravidão, porque ter escravos foi um processo vigente no Brasil por quase quatro séculos. Não se apaga isso da história simplesmente.

Com certeza, Graciliano Ramos já tinha interiorizado um olhar para a situação do negro em seu país e fora dele. Prova disso é que traduziu e comentou *Memórias de um negro*, e, embora não sejam protagonistas de sua ficção, os negros estão presentes e bem definidos como tais. As presenças negras ao longo de sua obra estão explícitas, e, em muitos momentos, o autor discutiu questões pertinentes sobre a vida do negro brasileiro. Somando-se a isso, aqui, está reconhecida uma provável influência do livro de Booker Washington sobre *Infância*. Washington era um defensor da independência econômica para o negro dos Estados Unidos, o que é uma idéia aplicável no Brasil e sustentada nas memórias nordestinas.

Para os padrões brasileiros, Graciliano Ramos é um caso raro, pois, objetivamente identifica muitas pessoas como negras ou brancas. Aqui, este tipo de procedimento é facilmente visto como racismo. Não é obrigatório que um intelectual brasileiro tome esta ou aquela posição sobre os grupos étnicos, assim como não é em nenhum assunto. O que não deve deixar de existir é a análise com respeito a todos os fatores, prós e contras. Pensar a situação do negro brasileiro, sem levar em conta a escravidão, é uma análise falha, sem profundidade.

O literato e crítico Lêdo Ivo, no texto “O Mundo Concentraciário de Graciliano Ramos” faz alegações sobre um suposto sentimento de “orgulho branco” do escritor alagoano. Não cabe aqui, julgar a exatidão ou não das afirmações de Ivo. Neste trabalho, o levantamento da contribuição do escritor em assuntos étnicos é feito a partir

dos seus textos. Neles, vistos como arquivos do pensamento, não é possível firmar uma intolerância sumária, nem mesmo em relação à homossexualidade. Em “O Mundo Concentracionario de Graciliano Ramos” a maior parte das observações são oriundas do contato pessoal, oral, e, portanto, sem registro; além de serem compartilhadas por uma ou poucas pessoas. São conclusões fechadas e sem o movimento meticoloso de reflexão encontrado na escrita.

No texto citado, chama atenção a interpretação de Lêdo Ivo sobre o homem: um ser preso, que não sabia amar, com dificuldades de expressar seus sentimentos e cheio de ódios. O autor alagoano é pintado como preconceituoso em relação à homossexualidade e aos negros. Quanto ao homossexualismo o próprio Graciliano admite preconceito em *Memórias do Cárcere*, fato natural para alguém do seu meio e período histórico. Quanto aos negros, a simples identificação como tais, fato negativo para Ivo, na verdade é aspecto positivo, diferencial, pois como foi visto nas análises, muitas vezes a identidade está reforçada pelos prejuízos causados ao afrodescendente durante a longa escravidão.

Sobre as concepções literárias de Graciliano Ramos, discordo da maneira como Lêdo Ivo entendeu e contextualizou uma opinião do escritor. “Em sua opinião, a função da Arte era a de copiar o mundo e a vida, refletir ou reproduzir as coisas, especialmente as misérias humanas e a exploração do homem pelo homem, com a maior semelhança possível.”²⁰⁸ Para o crítico, a “manipulação estética da realidade”, feita por Graciliano, desmentia muito bem o que pensava, e isso mostrava uma separação entre o homem falho e o artista maior. Entretanto, o crítico pode ter tomado a suposta opinião do escritor de forma muito estática, e, até mesmo, dogmática.

A apreensão da realidade para o autor de *Infância* vai além das relações materiais. Ainda que possa partir delas, existe um mergulho no sofrimento humano. Seus protagonistas são universais. Estão imersos na amargura, mas, sem saber como, sonham não viver nela. Condenadas ao mundo egoísta e injusto, as consciências, adultas ou infantil, são, ao mesmo tempo, cúmplices, opositoras e criadoras desse espetáculo de misérias. Ao contextualizar a morte do autor, Ivo aponta a contradição do seu choro (medo de morrer) e a sua postura dura e descrente diante da vida. Citando Machado de Assis, a quem o ex-prefeito de Palmeira dos Índios chamava de “negro metido a inglês”, especula que nem mesmo esta “figura tão infeliz” odiou tanto a vida. Novamente um

²⁰⁸ IVO, Lêdo. O Mundo Concentracionario de Graciliano Ramos. In: _____. *Teoria e celebração; ensaios*. São Paulo: Duas Cidades, 1976 p.98

juízo simplista, pois os textos de Graciliano Ramos não transparecem um ódio pela vida, mas sim, que era um intrigado por ela.

Este trabalho acadêmico ressaltou as considerações raciais no livro de memórias *Infância*. O negro brasileiro apareceu nestas considerações bem problematizado e em múltiplas frentes: infância, o papel da mulher, do homem e do mestiço. No contexto pós-abolição, ficam estabelecidos também pelo escritor nordestino fatores analisados por outros escritores e pesquisadores, entre os quais, muitos especializados na questão. Os fatores de concordância são: diferença de tratamento e oportunidade entre crianças brancas e negras; o papel subserviente e a religiosidade como única esperança da mulher negra; o estereótipo do homem negro; a incerteza e a instabilidade identitária e social do mestiço.

Não cabe determinar se era desejo de Graciliano inserir-se na apresentação e desenvolvimento de questões raciais brasileiras. Entretanto, os problemas aparecem e ele os encara. O escritor alagoano fala sobre questões familiares, fala sobre seus traumas, a formação do seu estilo, do seu medo, dos valores da sociedade, e, por algumas vezes, levanta as questões do pós-abolição, descritas acima. A lição para outros escritores está evidente: os processos experimentados pelo “eu” interior, sua individualidade e sofrimento singular, não serão desculpas para fechar-se dentro do seu próprio universo, com suas próprias dores, ignorando tudo que o restante das pessoas também sofre. O escritor não vive fora do mundo, ou não deixa que o mundo fique fora dele.

BIBLIOGRAFIA

OBRAS DO AUTOR

RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

_____. *Alexandre e Outros heróis*. Rio de Janeiro: Record, 1981.

_____. *Angústia*. Rio de Janeiro; São Paulo: O Globo; Folha de São Paulo, 2003.

_____. *Caetés*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record; Martins Editora, 1976.

_____. *Linhas Tortas*. Rio de Janeiro: Record, 1984.

_____. *Memórias do Cárcere*. São Paulo: Martins, 1954. 4ª Ed.

_____. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 1991, 58.a ed.

_____. *Vidas Secas*. São Paulo: Martins, 1972, 30ª ed.

_____. *Viventes das Alagoas*. São Paulo: Martins, 1970.

TRADUÇÕES DO AUTOR

WASHINGTON, Booker Taliaferro. *Memórias de um negro*. Tradução de Graciliano Ramos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940.

BIBLIOGRAFIA UTILIZADA

AGUIAR, Joaquim Alves de. *Espaços da memória: um estudo sobre Pedro Nava*. São Paulo: EDUSP, 1998.

ALENCAR, José de. *O Demônio Familiar*. Belo Horizonte: Cedic, 2008.

ALENCASTRO, Luiz Felipe. A invenção do mulato. In: _____ *O trato dos viventes*. Companhia das Letras: São Paulo, 2000.

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. São Paulo: Martins, 1961

ANTÔNIO, João. Frio. In: _____ *Malagueta, Perus e Bacanaço*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio De Janeiro: Ediouro, 2001.

_____. *O Caso da Vara*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000219.pdf> Pesquisado em 19/08/09, às 09h50min.

ARISTÓTELES. Poética. In: _____ *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

AZEVEDO, Aluísio. *O Mulato*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. Epos e Romance. In: _____ *Questões de Literatura e de Estética (A teoria do romance)*. São Paulo, Editora Unesp/Hucitec, 1988.

BANDEIRA, Manuel. Irene no Céu. In: _____ *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

BARRETO, Lima. O Moleque. In: _____ *Histórias e Sonhos*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>. Pesquisado em: 15/08/09, às 11h20min.

_____. O Pecado. In: _____ *Vida e Morte de M.J.Gonzaga de Sá*. São Paulo: Brasiliense, 1961.

BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOXER, Charles R.. *Relações Raciais no Império Colonial Português*. Tradução de Elice Munerato. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

BROOKSHAW, David. *Raça & cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. Tradução de Marta Kirst

CAMARGO, Oswaldo de. *O negro escrito: apontamentos sobre a presença do negro na literatura brasileira*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, Assessoria de Cultura Afro-Brasileira, 1987.

CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. São Paulo: Martin Claret, 2007.

CANDAU, Vera Maria (Organizadora). *Sociedade, Organização e Culturas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. In: _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; Duas Cidades, 2004.

_____. *Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

_____. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Publifolha, 2000.

_____. *Racismo: Crime Ontológico*. Revista Ethnos Brasil, Março de 2002. Entrevista concedida a Gislene A. Santos em 1989.

CAPUANO, Mariângela Monsiores F.. A literatura afro-brasileira na sala de aula.

Disponível em:

www.abralic.org.br/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/009/MARIANGELA_CAPUANO.pdf Pesquisado em: 07/06/2009, às 14h00min.

CASCUDO, Câmara. *Dicionário de folclore brasileiro*. Belo Horizonte : Itatiaia, 1988.

CHAUÍ, Marilena de Souza. *O que é ideologia?* São Paulo: Abril Cultural, 1984.

CONRADO, Regina Fátima de Almeida. *O mandacaru e a flor: a autobiografia Infância e os modos de ser Graciliano*. São Paulo: Arte & Ciência, 1997.

ENGELS, Friedrich e MARX, Karl. *Para conhecer a história*. Tradução de W. Duarte. Santo André: Projeto Editora, 1977.

FANON, Frantz. Da violência. In _____. *Os Condenados Da Terra*. Rio de Janeiro: Civilizacao Brasileira, 1979.

FARIA, Octavio de. Graciliano Ramos e o sentido do humano. . In: RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1992, 24a ed.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Editora Globo, 2008.

FISCHER, Luís Augusto (Org.). *Graciliano Ramos*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1993.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. São Paulo: Global, 2004.

_____. *Nordeste: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil*. São Paulo: Global, 2004.

_____. Ascensão do Bacharel e do Mulato. In: _____. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

FELDMANN, Helmut. *Graciliano Ramos – Reflexos de sua personalidade na obra*. Tradução de Luis G. M.Chaves e José G.Magalhães. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1967.

GARBUGLIO, José Carlos et al. *Graciliano Ramos: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1987 (Coleção Escritores brasileiros, v.2)

GIMENEZ, Erwin Torralbo. *Graciliano Ramos – O mundo coberto de penas*. 218 p.. São Paulo: 2005. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

GINZBURG, Jaime. Drummond e o pensamento autoritário no Brasil. In: WALTY, Ivete Lara Camargos; CURY, Maria Zilda Ferreira; SANTIAGO, Silviano (org.). *Drummond, poesia e experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio. *Racismo e Anti-Racismo no Brasil*. São Paulo: Editora 34, 2005. 2ªed.

HAUSER, Arnold. As Origens do Drama Doméstico. In: _____ *História Social da Literatura e da Arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes. Do Brasil*. Rio De Janeiro: Jose Olympio, 1977.

IANNI, Octavio. Dialética das relações raciais. In: _____ *Estudos Avançados, volume 50, O negro no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2004.

_____. O preconceito racial no Brasil. In: _____ *Estudos Avançados, volume 50, O negro no Brasil* São Paulo: Edusp, 2004.

IVO, Lêdo. O Mundo Concentracionario de Graciliano Ramos. In: In: _____. *Teoria e celebração; ensaios*. São Paulo: Duas Cidades, 1976

LAFETÁ, João Luiz. O Mundo À Revelia. In: RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 1991, 58.a ed.

LEITÃO, Cláudio. *Líquido e incerto : memória e exílio em Graciliano Ramos*. Niterói; São João Del-Rei : EdUFF, Editora da Universidade Federal Fluminense: UFSJ, Universidade Federal de São João del Rei,, 2003.

LEMOS, Taísa Vilese de. *Graciliano Ramos – A infância pelas mãos do escritor*. Juiz de Fora:
Editora UFJF/Musa Editora, 2002.

LIMA, Jorge de. *Novos poemas ; Poemas escolhidos ; Poemas negros*. Rio de Janeiro: Lacerda, 1997.

LOBATO, Monteiro. Negrinha. Disponível em:

<http://www.scribd.com/doc/7023711/Monteiro-Lobato-NEGRINHA> Pesquisado em 19/08/09, às 9:45.

LUKÁCS, Georg. Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister. In: GOETHE, Johann, W.. *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*. São Paulo: Editora Ensaio, 1994.

MATTALIA, Eliane Jacqueline. *A selva da seca: uma poética em infância de Graciliano Ramos*. 276 p.. São Paulo: 2003. Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

_____. Rente ao chão do texto. In: VÁRIOS. *Teresa revista de Literatura Brasileira* 2. São Paulo: Editora 34, 2001.

MATTOSO, Kátia M de Queirós. *Ser Escravo No Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MENDONÇA, Joseli Nunes. *Cenas da abolição*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

MENEZES, Adélia Toledo Bezerra de. Memória: matéria de mimese. In: Brandao, C R.. (Org). *Faces da Memória*. Campinas: Centro de Memória- Unicamp, 1995´.

MORAES, Denis de. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: VÁRIOS. *Estudos Avançados, volume 50, O negro no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2004.

QUEIROZ JÚNIOR, Teófilo de. *Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira*. São Paulo: Editora Ática, 1975.

RABASSA, Gregory. *O negro na ficção Brasileira; meio século de história literária*. Tradução de Ana Maria Martins. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965.

RAMOS, Clara. *Mestre Graciliano – Confirmação humana de uma obra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

REGO, José Lins do. *Meus Verdes Anos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.

_____. *O moleque Ricardo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

ROSENFELD, Anatol. Graciliano Ramos como poeta da seca. In: _____ *Letras e Leituras*. Campinas; São Paulo: Unicamp; Edusp, 1994.

_____. Reflexões sobre o romance moderno. In: _____ . *Texto e contexto I*. São Paulo : Perspectiva, 1996.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.

SILVA, Márcia Cabral da. *Infância, de Graciliano Ramos: uma história da formação do leitor no Brasil*. 196p..Campinas: 2004. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.

SILVEIRA, Oliveira. Outra Negra Fulo. Disponível em:
gramaticadaira.blogspot.com/2009/01/saudade-de-oliveira-silveira.html. Pesquisado em: 07/06/09 às 18:30

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SLENES, Robert W. Lares Negros, Olhares Brancos: Histórias da família escrava no século XIX. In, VARIOS. *Colcha de Retalhos*. Campinas: Unicamp, 1994.

TRINDADE, Solano. *Muleque*. Disponível em:
http://www.interpoetica.com/solano_trindade.htm. Pesquisado em: 19/06/09 às 10h40min.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VIANNA, Francisco José de Oliveira. *Populações meridionais do Brasil: história, organização, psicologia*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

_____. *Raça e assimilação*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959.

VIDAL, Ariovaldo José. Leitura comparativa: o romance de William Faulkner. In: VÁRIOS. *Revista USP São Paulo*, n. 52, p. 159-170, dez./fev. 2001/2002.

REFERÊNCIA MUSICAL

INOCENTES. O Homem Negro. (Em INOCENTES. *Estilhaços*. São Paulo: Cameratti, 1992. Faixa 2, 4min e 17s).